

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA



**O PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS –
SUDESTE DO PIAUÍ - BRASIL**

LEDJA SUZANE DA SILVA LEITE

RECIFE/PE
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

LEDJA SUZANE DA SILVA LEITE

O PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS –
SUDESTE DO PIAUÍ - BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anne-Marie Pessis
Co-Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Cisneiros Silva
Mutzenberg

RECIFE/PE
2011

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

L533p Leite, Ledja Suzane da Silva.
O perfil funerário do sítio pré-histórico Toca da Baixa dos Caboclos -
sudeste do Piauí - Brasil / Ledja Suzane da Silva Leite. – Recife: O autor,
2011.
231 f.: il., 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anne-Marie Pessis.
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Cisneiros Silva Mutzenberg.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2011.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Arqueologia. 2. Pré-história – Piauí. 3. Ritos e cerimônias
fúnebres. 4. Práticas funerárias. 5. Sítio Arqueológico Toca da Baixa dos
Caboclos. I. Pessis, Anne-Marie (Orientadora). II. Mutzenberg, Daniela
Cisneiros Silva (Co-orientadora). III. Título.

930.1 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2011-63)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA LEDJA SUZANE DA SILVA LEITE

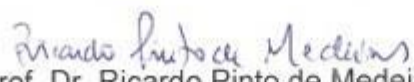
Às 9 horas do dia 25 (vinte e cinco) de março de 2011 (dois mil e onze), no Curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Ledja Suzane da Silva Leite** intitulada "*O Perfil Funerário do Sítio Pré-histórico Toca da Baixa dos Caboclos – Sudeste do Piauí-Brasil*", sob a orientação da **Profa. Dra. Anne-Marie Pessis**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito "**Aprovada**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: **Daniela Cisneiros Silva**, **Demétrio da Silva Mützenberg** e **Renato Monteiro Athias**. Assinam também a presente ata, o Coordenador, Prof. Ricardo Pinto de Medeiros e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 25 de março de 2011


Profa. Dra. Daniela Cisneiros Silva


Prof. Dr. Demétrio da Silva Mützenberg


Prof. Dr. Renato Monteiro Athias


Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros


Luciane Costa Borba

Ao meu tudo: Regina, Jader e Anselmo. Por tudo.

- *Nós não iremos. Ficaremos aqui, porque aqui tivemos um filho – disse Úrsula.*
- *Ainda não temos um morto. A gente só pertence a algum lugar quando tem um morto enterrado nele.*

Gabriel García Marquez, em *Cem anos de solidão*.

AGRADECIMENTOS

E mais um ciclo se encerra. Mais do que um título, concluo esse curso de mestrado levando experiências que me permitiram um amadurecimento profissional e pessoal. Por isso, faço questão de agradecer, nome por nome, não apenas aqueles que forneceram contribuições diretas a esta dissertação, mas a todos que auxiliaram à manutenção do meu equilíbrio mental e espiritual durante esse período.

A consolidação deste trabalho não teria sido possível sem as críticas, sugestões e apoio integral de minha orientadora Professora Anne-Marie Pessis. Os ensinamentos perpassados durante as reuniões de orientação suplantam a construção efetiva desta dissertação e, sem dúvida alguma, me acompanharão por toda a minha vida profissional.

À Professora Daniela Cisneiros, que acompanhou minha formação desde à graduação, pela orientação, apoio, paciência e amizade. Muito obrigada!

À Professora Niède Guidon, pelo grande auxílio dado a este trabalho. Sua plena disposição em atender questionamentos e dificuldades, bem como o apoio dado nas instalações da FUMDHAM e PRÓ-ARTE foram fundamentais à realização desta pesquisa.

À Professora Irma Vidal, pelas inestimáveis contribuições dadas a este estudo. Sua plena solicitude em re-estudar relatórios, desenhos, fotografias e outros tantos documentos produzidos há quase quinze anos, é a prova real de que havendo interesse não há oceano que impeça a cooperação profissional.

Ao Professor Demétrio Mutzenberg, pelas críticas e conselhos durante o exame de qualificação e pela constante solicitude.

À dona Isidória e seu Genésio Lopes da Silva, pela afabilidade sertaneja que me dispensaram durante a visita ao “meu sítio”.

Aos todos os professores membros e colaboradores do PPARQ que ministraram disciplinas fundamentais à minha formação: Alcina Barreto, Ana Catarina Ramos, Cláudia Oliveira, Paulo Souto Maior, Ricardo Medeiros, Ricardo Pessoa e Scott Allen. Em especial ao Professor Henry Lavalley, sempre aberto à atender meus questionamentos e esclarecer minhas dúvidas quando o assunto foi – em outras épocas - Óxido de Ferro; e à Professora Viviane Castro, pela atenção, conselhos, sugestões e bibliografias disponibilizadas.

Ao corpo docente do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF por fornecerem a base de minha formação profissional, especialmente a aos Professores Guilherme Medeiros, Fátima Barbosa e Pávula Maria pelas conversas e estímulos; e ao Professor Celito Kesting, pelos ensinamentos transmitidos durante as árduas investidas aos sertões baianos. Agradeço também aos professores e amigos Nívia Assis e Mauro Farias. Nívia, seu apoio e amizade, além dos inúmeros “galhos quebrados” foram essenciais para a concretização deste trabalho. Mauro, meu “(des)orientador oficioso”, sua atenção, críticas e sugestões, iniciados ainda na época da monografia, constituíram os pilares desta dissertação. Muito obrigada a vocês!

Às Professoras Gisele Felice e Fátima Luz, pelos conhecimentos perpassados durante os penosos e divertidos trabalhos de campo na Serra da Capivara.

Ao Professor Eduardo Góes Neves e todo o pessoal do Projeto Amazônia Central, pelos grandes ensinamentos e pela oportunidade de vivenciar a arqueologia em outro ambiente e sob outras perspectivas teórico-metodológicas.

Aos funcionários do PPARQ, pela eficiência e solicitude: Luciane, Suely, Sóstenes, Ed, Seu Arnaldo, Tony e Nelson; e ao pessoal do NEA, em especial à Angélica, Andréia e Ariel.

A todos os funcionários da FUMDHAM-UNIVASF que de tantas formas contribuíram com esta dissertação. Em especial à Rochelle, Eliane e Vanessa, pelo apoio na biblioteca; Iranilde e Evandro, pela disponibilização do acervo imagético; Ariclens, pela elaboração das plantas baixas; Lucas pela ajuda com as planilhas topográficas; Leandro, Valdeci, Aryanne e Lívia, pelo apoio nos laboratórios de lítico e cerâmica; Simone, Iderlan e Itamácia, pela auxílio no laboratório de vestígios orgânicos. Agradeço também à amiga Dona Reiza, a “mãe que arranjei no pró-arte” pelo carinho e apoio durante minha estadia no alojamento da FUMDHAM.

A Adolfo Okuyama, pelas fotos que embelezaram este trabalho. Muito obrigada!

Ao amigo Carlos Rios, pelo super-hiper-mega apoio dado em Recife e pela plena solicitude. À Marcela Valls, pelas “tagarelices” que me fazem rir.

Aos amigos da turma de mestrado, com quem compartilhei angústia e alegrias: a Karlla Soares, Lívia Blandinha, Luci Danielli, Mônica Nogueira e Fernanda Emanuela. Em especial, aqueles que se tornaram grandes amigos: Igor Pedroza e Beatriz Paiva. Igor, nosso convívio diário, seus conselhos e piadas foram fundamentais durante o primeiro

ano do curso. Bia, seu apoio e amizade foram essenciais a minha adaptação à Recife e, de tantas formas, à concretização deste trabalho. Agradeço também a sua mãe Sofia, pela amabilidade que sempre me dispensou em sua casa. Muito obrigada a vocês!

Ao meu primo Rafael Ataíde, a primeira pessoa que me acolheu em Recife.

À minha querida tia Rosa, pelo carinho e ternura.

Às amigas Lia Oliveira e Ilca Pacheco sempre faltarão palavras que expressem o quanto lhes sou grata. O carinho, amizade, apoio, paciência, “puxões de orelha” e tantas outras coisas que só nós sabemos foram fundamentais ao meu amadurecimento pessoal e profissional.

Às amigas Emília Arnaldo, “um poço de alegria”; e Rute Barbosa, “um poço de candura”. Meninas, eu realmente não sei como teria sido esse mestrado sem a força, amizade e os trocentos “calma, vai dá tudo certo” de vocês. Muito obrigada!

Aos amigos Rômulo Negreiros e Marcelo Ribeiro pela amizade e grande apoio dado “no rally em busca da perdida Toca da Baixa dos Caboclos”.

Aos grandes amigos Dirceu Filho e Jaionara Dias, companheiros de farras e forrós, cervejadas, bicicletadas e tantas aventuras pelo sertão piauiense.

Ao amigo Claudeílson Moraes, a prova real de que as verdadeiras amizades resistem às distâncias.

Aos amigos que fizeram parte da eterna “Turma das estrelas”, especialmente a Flávio André, Karol Jarryer, Luciano Souza, Melquisedeck Mendes, Raquel Neto, Roberto Costa e Shirlene Matos. Agradeço também aos amigos univasfianos: Adriana Soares, Amanda Cavalcante, Annelise Neves, Andréia Macêdo, Andréia Ribeiro, Camila Amorim, Carol Siqueira, Cinthia Castro, Cinthia Davis, Elen Barros, Itelmar Negreiros, Jackson Ramos, Jouran Deus, Leidiana Mota, Orestes Mega, Sâmara Reis, Thalisson Santos, Tiala Negreiros, Reuber Henrique e ao casal Jaciguara e Ivete Martins.

As amigas que fiz em São Raimundo, pelo carinho e apoio constante: Nete, Neusinha, Nalvinha e Evinha. A você também Alex, obrigada por tudo!

Aos amigos da Comunidade Ecológica Urbana, Neillor e Limão, por ajudar a manter meu equilíbrio espiritual nessa fase final. Em especial ao amigo Bastien Brunet, vulgo Bastião, pela alegria e positividade que sempre traz a nossa casa. Gratidão!

Aos amigos cujas companhias tornaram minha vida em Recife mais agradável: Felipe cabelo, Marcelo mamazito, Andrey, Méle e Bia Dornelas, Anaína e Danúbia.

Aos amigos de Petrolina, que apesar da distância sempre estiveram ao meu lado: Renata, Adriano, Aline, Camila, Laíla, Leônidas, Quelzinha, Adê e ao pequeno Érico, “o lindo da dinda”.

Aos queridos amigos espalhados Brasil afora: Bruno Barreto, Lúcio Leite, Chico Coutinho e a trupe do Amapá, Marcela “Amazônida” Andrade, Claudinha “carioca” Sá, Gabi “presidenta” Prestes, Léo “cearense” Costa, e à “gangue de Bsb” André Moura, Carol Abreu e Marcos César. Agradeço também à amiga acreana Sylene Ruiz, grande companheira-mochileira e à toda sua família que me acolheu tão bem na floresta.

Aos amigos que fiz nessa etapa final do mestrado: Carol Luz, Daniel Duca, Denise Bacelar e Rafael Casati.

Aos meus pequenos filhotes, pela alegria que trazem a minha vida: Rebeca, Joelma, Jupí, Bolinha, Pelôra e Fabiano.

Agradeço a toda a minha família pelo grande apoio e torcida, especialmente à minhas avós Decí e Conceição; meus primos Netinho, Cael, Nana, Quinho, Dani, Tati, Babinha, Camila, Luís e Luquinhas; meus tios Paulinho, Lila, Nanam, Kely, Danda e Nem; e a minha cunhada Rafinha. Em especial, ao meu pai, minha mãe e meu irmão, que acompanharam, contribuíram e permitiram - em todos os sentidos - a consolidação deste processo. A vocês, devo também desculpas sinceras pela constância de minha ausência. Muito, muito, muito obrigada!

Ao CNPq pelo apoio financeiro dado a esta pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram na concretização deste trabalho, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou estudar as práticas funerárias realizadas nos nove enterramentos evidenciados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos/PI. Fundamentada em uma perspectiva conservadora, este estudo defendeu a hipótese de que a manutenção do sítio como espaço funerário poderia apontar a manutenção das próprias práticas funerárias dispensadas aos enterramentos nele evidenciados. Buscando validar esta hipótese, este trabalho se utilizou de uma metodologia ordenada e sistemática que permitiu reconstituir o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, a partir da reconstituição dos seus respectivos Perfis das Unidades Funerárias. Segundo esta metodologia foi possível tecer considerações sobre as práticas funerárias dispensadas particularmente a cada enterramento e, ao mesmo tempo, entre todos os enterramentos estudados. Concomitantemente, o estudo da distribuição crono-espacial dos enterramentos possibilitou inferências acerca do aproveitamento do espaço interno do sítio, em distintos momentos cronológicos. Como resultado, foram identificadas recorrências relacionadas às práticas funerárias e também ao próprio agenciamento do espaço funerário.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-história; Práticas funerárias; Perfil funerário; Toca da Baixa dos Caboclos.

ABSTRACT

This research aimed to study the funerary practices realized in nine burials evidenced in the archaeological site Toca da Baixa dos Caboclos/PI. Based on a conservative perspective, this study supported the hypothesis that maintaining the site as a burial space could point to maintenance of their own funerary practices. Seeking to validate this hypothesis, this study used a methodology systematic and ordered to reconstruct the Funerary Profile of site Toca da Baixa dos Caboclos, from the reconstitution of their respective Profiles of Funerary Units. According to this approach it was possible to comment on the funerary practices dispensed to every burial and at the same time, among all burials studied. At the same time, the study of chrono-spatial distribution of burials allowed inferences about the use of internal space of the site at different moments chronological. As a result, recurrences identified were related to funerary practices and also in their own funerary use of internal space of the archeological site.

KEY WORDS: Prehistory; Funerary practices; Funerary Profile; Toca da Baixa dos Caboclos/PI.

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO I

FIGURA 01:	A Gorila Gana (<i>Gorilla gorilla</i>) carregou seu filhote até o mais adiantado estado de putrefação.....	28
FIGURA 02:	A identificação de patologias foi reforçada pelo modelo processual. Na figura, uma múmia infantil egípcia, portadora de anencefalia congênita.....	35
FIGURA 03:	A pintura de Francis Dicksee, 1983 retrata um funeral Viking em que um cadáver é cremado em uma embarcação em chamas lançada ao mar.....	37
FIGURA 04:	O modelo pós-processual reforçou a realização de análises ósseas, como aquelas relacionadas à observação dos tipos de fraturas.....	39
FIGURA 05:	Os rituais indígenas foram registrados por cronistas e viajantes. A gravura de Hans Staden ilustra um ritual com dança.....	41
FIGURA 06:	Rituais funerários indígenas representados por Hans Staden.....	42
FIGURA 07:	Ritos de passagem.....	43
FIGURA 08:	Enterramentos do Sítio Furna do Estrago.....	46
FIGURA 09:	A maior parte dos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos estava reunida na porção nordeste do abrigo (em marrom).....	52

CAPÍTULO II

FIGURA 01:	Reconstituição do Perfil Funerário em suas fases.....	59
FIGURA 02:	Organograma simplificado da reconstituição do Perfil Funerário.....	60
FIGURA 03:	Fases para a reconstituição Perfil Funerário do Sítio.....	62
FIGURA 04:	Organograma do Perfil da Unidade Funerária.....	63
FIGURA 05:	Variáveis consideradas nos elementos antropofísicos.....	63
FIGURA 06:	Variáveis consideradas nos elementos sepulcrais.....	64
FIGURA 07:	Subvariáveis consideradas na estrutura funerária.....	65
FIGURA 08:	Subvariáveis consideradas no tratamento funerário.....	67
FIGURA 09:	Fases para a determinação dos acompanhamentos funerários.....	71
FIGURA 10:	Variáveis consideradas nos acompanhamentos funerários.....	71
FIGURA 11:	Subvariáveis consideradas na categoria dos artefatos.....	72
FIGURA 12:	Subvariáveis consideradas na categoria dos ecofatos.....	73
FIGURA 13:	Subvariáveis consideradas na categoria dos vestígios de combustão.....	75

CAPÍTULO III

FIGURA 01:	Mapa de localização dos sítios com evidências de enterramentos pré-históricos na área arqueológica do Parque Nacional da Serra da Capivara.....	80
FIGURA 02:	Abaixo, vista panorâmica da Chapada São Francisco. No detalhe e ao lado, o sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	82

FIGURA 03:	Vista geral do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	83
FIGURA 04:	Grafismos puros do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	84
FIGURA 05:	Porção nordeste do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, aonde foi delimitado o setor A da escavação.....	85
FIGURA 06:	Porção sudoeste do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, onde foram delimitados os setores B e C da escavação.....	86
FIGURA 07:	Planta baixa das áreas escavadas no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	88
FIGURA 08:	Exumação em campo do Enterramento 01.....	90
FIGURA 09:	O esqueleto do enterramento 01 estava sob fragmentos cerâmicos diferentes da cerâmica do vasilhame contendor.....	90
FIGURA 10:	O esqueleto do enterramento 01 ainda conservava tecidos capilares e epiteliais.....	91
FIGURA 11:	Exumação em campo do enterramento 02.....	92
FIGURA 12:	Escavação em laboratório da urna 02.....	92
FIGURA 13:	A urna 02 guardava um enterramento infantil primário.....	93
FIGURA 14:	Exumação em campo do enterramento 03.....	94
FIGURA 15:	Escavação em laboratório da urna 03, fragmentos cranianos.....	94
FIGURA 16:	Escavação em laboratório da urna 03, fragmentos de ossos longos.....	95
FIGURA 17:	Exumação em campo dos enterramentos 04 e 05.....	96
FIGURA 18:	Enterramentos 04 e 05 após a retirada do casulo de gesso.....	97
FIGURA 19:	Primeiras evidências em campo do enterramento 06.....	98
FIGURA 20:	Um acidente com o casulo comprometeu a conexão anatômica do enterramento 06.....	98
FIGURA 21:	Primeiras evidências em campo do enterramento 07.....	100
FIGURA 22:	Enterramento 07 no casulo de gesso.....	100
FIGURA 23:	Crânio e fragmentos cerâmicos do enterramento 08.....	101
FIGURA 24:	A coluna vertebral do esqueleto do enterramento 08 estava afastada do crânio.....	102
FIGURA 25:	Enterramento 09.....	103

CAPÍTULO IV

FIGURA 01:	Enterramento 01.....	107
FIGURA 02:	Vasilhame contendor da urna 01.....	108
FIGURA 03:	O vasilhame contendor da urna 01 apresenta forma elipsóide horizontal...	108
FIGURA 04:	Fragmento do opérculo da urna 01. No detalhe, um orifício ainda conserva vestígios de corda.....	110
FIGURA 05:	Segundo a reconstituição hipotética, o opérculo da urna 01 apresenta forma oval 02.....	110
FIGURA 06:	Síntese do Perfil da Unidade Funerária 01.....	112
FIGURA 07:	Enterramento 02.....	113

FIGURA 08:	Vasilhame contendor da urna 02.....	115
FIGURA 09:	O vasilhame contendor da urna 02 apresenta forma oval invertida.....	115
FIGURA 10:	Opérculo da urna 02.....	116
FIGURA 11:	O opérculo da urna 02 apresenta forma oval 02.....	116
FIGURA 12:	O indivíduo do enterramento 02 estava acompanhado por um graveto de madeira (em detalhe).....	117
FIGURA 13:	Síntese do Perfil da Unidade Funerária 02.....	120
FIGURA 14:	Estrutura funerária que comportava os enterramentos 03, 04 e 05. No detalhe, os entalhes impressos na rocha durante sua escavação se prolongam de uma extremidade à outra, sugerindo que toda a estrutura pode ter sido escavada em um mesmo momento.....	122
FIGURA 15:	Enterramento 03 sendo escavado laboratório.....	123
FIGURA 16:	Vasilhame contendor da urna 03.....	124
FIGURA 17:	O vasilhame contendor da urna 03 apresenta forma oval 02.....	124
FIGURA 18:	Fragmento do opérculo da urna 03.....	126
FIGURA 19:	Síntese do Perfil da Unidade Funerária 03.....	128
FIGURA 20:	À esquerda, o enterramento 04; à direita, o enterramento 05.....	129
FIGURA 21:	Vasilhame contendor da urna 04.....	131
FIGURA 22:	O vasilhame contendor da urna 05 aparenta ter uma forma oval completa ou oval invertida.....	131
FIGURA 23:	Fragmentos cerâmicos encontrados no contexto do enterramento 04.....	132
FIGURA 24:	Seixos sem marcas de uso e com impregnação de Óxido de Ferro encontrados no contexto do enterramento 04.....	133
FIGURA 25:	Síntese do Perfil da Unidade Funerária 04.....	135
FIGURA 26:	Enterramento 05 após a retirada do casulo de gesso.....	136
FIGURA 27:	Fragmento de osso longo com a superfície externa recoberta por uma camada avermelhada. No detalhe a incrustação de sedimento avermelhado. Na imagem ao lado, a tonalidade avermelhada observada na porção interna do osso.....	137
FIGURA 28:	Fragmento da base do vasilhame contendor da urna 05.....	138
FIGURA 29:	O vasilhame contendor da urna 05 aparenta ter forma oval completa (à esquerda) ou oval 02 (à direita).....	139
FIGURA 30:	Fragmentos cerâmicos encontrados no contexto do enterramento 05.....	140
FIGURA 31:	Lasca encontrada no contexto do enterramento 05.....	140
FIGURA 32:	Síntese do Perfil da Unidade Funerária 05.....	142
FIGURA 33:	Estrutura funerária do enterramento 06.....	143
FIGURA 34:	O indivíduo do enterramento 06 estava foi acomodado em posição fetal, decúbito lateral direito.....	144
FIGURA 35:	Fibras vegetais encontradas no enterramento 06.....	145
FIGURA 36:	Síntese do Perfil da Unidade funerária 06.....	146
FIGURA 37:	Enterramento 07.....	148

FIGURA 38:	O vasilhame contendor da urna 07. No detalhe, os orifícios à meia altura do vasilhame. O desgaste observado na superfície interna sugere que tenham sido perfurados quanto a urna já estava pronta.....	149
FIGURA 39:	O vasilhame contendor da urna 07 apresenta forma oval invertida.....	150
FIGURA 40:	Fragmentos cerâmicos do opérculo da urna 07.....	150
FIGURA 41:	A forma do opérculo da urna 02 é do tipo oval 02.....	151
FIGURA 42:	Fibras vegetais encontradas próximas aos ossos das mãos e pés do esqueleto do enterramento 07.....	151
FIGURA 43:	Artefato lítico em encontrado no contexto do enterramento 07.....	152
FIGURA 44:	O diâmetro da boca do vasilhame contendor aponta que a acomodação do cadáver em seu interior se deu antes do <i>rigor mortis</i>	153
FIGURA 45:	Síntese do Perfil da Unidade Funerária 07.....	154
FIGURA 46:	O enterramento 08 após a retirada do casulo de gesso.....	156
FIGURA 47:	Fragmento de vasilhame cerâmico encontrado no contexto do enterramento 08. A face externa apresenta uma pintura em tonalidade negra, com linhas paralelas.....	157
FIGURA 48:	Fragmento de vasilhame cerâmico encontrado no contexto do enterramento 08.....	158
FIGURA 49:	A forma do vasilhame encontrado no contexto do enterramento 08 é do tipo oval 02.....	158
FIGURA 50:	Síntese do Perfil da Unidade Funerária 08.....	160
FIGURA 51:	Enterramento 09.....	161
FIGURA 52:	Fragmentos do vasilhame contendor da urna 09.....	162
FIGURA 53:	O vasilhame contendor da urna 09 possui forma do tipo oval 02.....	163
FIGURA 54:	Síntese do Perfil da Unidade Funerária 09.....	164
FIGURA 55:	Na foto acima, as cavidades escavadas na rocha que comportavam o enterramento 06 (à direita) e os enterramentos 03, 04 e 05 (à esquerda). Na foto abaixo, o detalhe para os entalhes impressos no arenito que se prolongam de uma estrutura até a outra.....	188
FIGURA 56:	Indivíduos com mesmo sexo e idades aproximadas foram depositados em posições e decúbitos distintos.....	190
FIGURA 57:	As urnas funerárias que guardavam enterramentos de lactentes apresentavam os mesmos tratamentos de superfície nos vasilhames contedores e opérculos.....	192
FIGURA 58:	Fibras vegetais evidenciadas nos enterramentos dos dois adultos do sexo masculino.....	193
FIGURA 59:	Planta baixa das áreas escavadas com destaque para os espaços funerários 01, 02 e 03, respectivamente, representados nas cores verde, roxo e amarelo.....	196
FIGURA 60:	Posicionamento dos enterramentos do espaço funerário 01 em suas	197

	estruturas funerárias.....	
FIGURA 61:	Distribuição espacial dos enterramentos 03, 04 e 05.....	198
FIGURA 62:	Distribuição espacial dos enterramentos do espaço funerário 02. Na foto, não consta o posicionamento do enterramento 08.....	199
FIGURA 63:	Posicionamento do enterramento 09 no espaço funerário.....	202
FIGURA 64:	Possível ordem cronológica de utilização do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	203
FIGURA 65:	No sítio Toca do Gongo I os enterramentos foram dispostos de forma linear na abertura do abrigo.....	207
FIGURA 66:	A Toca do Serrote do Tenente Luís está entre os três sítios do sudeste do Piauí que comportam enterramentos diretos e indiretos.....	208
FIGURA 67:	A estrutura funerária de um enterramento do sítio Toca do Paraguaio teve seus limites demarcados com seixos.....	210
FIGURA 68:	Enterramentos infantis primários e indiretos são freqüentes no sudeste do Piauí. À esquerda, um enterramento evidenciado no sítio Canabrava; à direita, um evidenciado em São Braz.....	211
FIGURA 69:	No sudeste do Piauí os enterramentos adultos diretos aparecem em posições e decúbitos diversos. As fotos ilustram enterramentos de três adultos do sexo masculino evidenciados nos sítios Toca do Paraguaio (acima, à esquerda); Toca da Baixa dos Caboclos (acima à direita); e Toca do Serrote do Tenente Luís (ao lado).....	212
FIGURA 70:	É comum a presença de enterramentos secundários no sudeste do Piauí. A foto ilustra um enterramento do sítio Toca do Barrigudo (à direita) e um do sítio Toca de Cima dos Pilão (à esquerda).....	213
FIGURA 71:	As urnas da Toca da Baixa dos Caboclos (fotos ao lado) e Toca do Serrote do Tenente Luís (acima e abaixo) apresentam similaridades entre os tratamentos de superfície dos vasilhames contenedores e opérculos.....	214
FIGURA 72:	A realização de tratamentos pictórico à base de Óxido de Ferro é uma prática comum no sudeste do Piauí, não constatada na Toca da Baixa dos Caboclos. A foto ilustra o fêmur de um enterramento do sítio Toca do Mel.....	215
FIGURA 73:	Os fragmentos de carvão e o sedimento acinzentado no entorno do enterramento da Toca do Gongo I sugere a algum tipo de combustão.....	217

ÍNDICE DE TABELAS

CAPÍTULO I

TABELA 01:	Estudo realizado por Binford sobre as causas relacionadas à diferenciações nos rituais funerários.....	45
TABELA 02:	Datações disponíveis para o sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	53

CAPÍTULO III

TABELA 01:	Sítios arqueológicos do sudeste do Piauí com presença de vestígios ósseos humanos.....	79
------------	--	----

CAPÍTULO IV

TABELA 01:	Relação dos elementos antropofísicos (idade/sexo) dos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	166
TABELA 02:	Relação dos enterramentos infantis com suas respectivas urnas funerárias.	168
TABELA 03:	Relação dos enterramentos adultos com suas respectivas estruturas funerárias.....	169
TABELA 04:	Relação dos enterramentos infantis com seus respectivos tratamentos funerários.....	170
TABELA 05:	Relação dos enterramentos adultos com seus respectivos tratamentos funerários.....	171
TABELA 06:	Relação dos enterramentos infantis com suas respectivas posições e decúbitos.....	173
TABELA 07:	Relação dos enterramentos adultos com suas respectivas posições e decúbitos.....	173
TABELA 08:	Relação entre os enterramentos e à presença/ausência de urnas funerárias.....	175
TABELA 09:	Relação entre os enterramentos infantis e à composição de suas urnas funerárias.....	176
TABELA 10:	Relação entre os enterramentos infantis e os tratamentos de superfície de suas urnas funerárias.....	177
TABELA 11:	Relação entre os enterramentos infantis e a pasta de suas urnas funerárias.....	178
TABELA 12:	Relação entre os enterramentos infantis e à fuligem de suas urnas funerárias.....	179
TABELA 13:	Relação entre os enterramentos infantis e à forma de suas urnas funerárias.....	180
TABELA 14:	Relação entre os enterramentos adultos e à composição de suas urnas funerárias.....	181
TABELA 15:	Relação entre os enterramentos adultos e os tratamentos de superfície de	182

	suas urnas funerárias.....	
TABELA 16:	Relação entre os enterramentos adultos e à pasta de suas urnas funerárias.....	182
TABELA 17:	Relação entre os enterramentos adultos e à forma de suas urnas funerárias.....	183
TABELA 18:	Relação dos enterramentos infantis com seus respectivos acompanhamentos funerários.....	185
TABELA 19:	Relação dos enterramentos adultos com seus respectivos acompanhamentos funerários.....	185
TABELA 20:	Datações disponíveis para o sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Fonte: Banco de dados da FUMDHAM.....	194
TABELA 21:	Datações disponíveis para um enterramento do espaço funerário 02 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	200
TABELA 22:	Datações disponíveis para os enterramentos/sítios do sudeste do Piauí.....	209

ÍNDICE DE GRÁFICOS

CAPÍTULO IV

GRÁFICO 01:	Distribuição dos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos segundo os elementos antropofísicos (idade/sexo).....	166
GRÁFICO 02:	Tipos de estruturas funerárias identificadas no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	167
GRÁFICO 03:	Distribuição dos enterramentos diretos/indiretos identificados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	170
GRÁFICO 04:	Distribuição dos enterramentos primários/secundários identificados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	170
GRÁFICO 05:	Distribuição das posições identificadas nos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	172
GRÁFICO 06:	Distribuição dos decúbitos identificados nos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	172
GRÁFICO 07:	Distribuição dos enterramentos indiretos/diretos identificados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	174
GRÁFICO 08:	Distribuição dos enterramentos infantis quanto à composição de suas urnas funerárias.....	175
GRÁFICO 09:	Distribuição dos tratamentos de superfície identificados nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	176
GRÁFICO 10:	Distribuição dos tratamentos de superfície identificados nos opérculos das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	176
GRÁFICO 11:	Distribuição das pastas identificadas nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	178
GRÁFICO 12:	Distribuição das pastas identificadas nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	178
GRÁFICO 13:	Distribuição da fuligem nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	179
GRÁFICO 14:	Distribuição da fuligem nos opérculos das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	179
GRÁFICO 15:	Distribuição das formas identificadas nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	180
GRÁFICO 16:	Distribuição das formas identificadas nos opérculos das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	180
GRÁFICO 17:	Distribuição dos enterramentos adultos quanto à composição de suas urnas funerárias.....	181
GRÁFICO 18:	Distribuição das pastas identificadas nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	182

GRÁFICO 19:	Distribuição das formas identificadas nos vasilhames contedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	183
GRÁFICO 20:	Distribuição dos acompanhamentos funerários identificados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	184

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
CAPÍTULO I - PRÁTICAS FUNERÁRIAS PRÉ-HISTÓRICAS: CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	27
1.1 A morte e suas implicações sociais	27
1.2 O estudo das práticas funerárias na arqueologia pré-histórica	32
1.3 Os rituais e as práticas funerárias	40
1.4 A manutenção dos espaços funerários	47
1.5 Problema, objetivos e hipótese	51
CAPÍTULO II - PRÁTICAS FUNERÁRIAS E PERFIL FUNERÁRIO: APORTES METODOLÓGICOS	56
2.1 As práticas funerárias como caracterizadores culturais	56
2.2 Perfil Funerário	58
2.2.1 Perfil Funerário do Sítio	61
2.2.2 Perfil da Unidade Funerária	62
2.2.2.1 Elementos antropofísicos	63
2.2.2.2 Elementos sepulcrais	64
CAPÍTULO III - PRÁTICAS FUNERÁRIAS PRÉ-HISTÓRICAS NO SÍTIO TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS	76
3.1 O sudeste do Piauí: contexto ambiental e arqueológico	76
3.2 O sítio Toca da Baixa dos Caboclos	81
3.2.1 Exumação dos enterramentos	89
3.2.1.1 Enterramento 01	89
3.2.1.2 Enterramento 02	91
3.2.1.3 Enterramento 03	93
3.2.1.4 Enterramento 04	95
3.2.1.5 Enterramento 05	96
3.2.1.6 Enterramento 06	97
3.2.1.7 Enterramento 07	99
3.2.1.8 Enterramento 08	101
3.2.1.9 Enterramento 09	102
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS FÚNEBRES: O PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO TOCA DA DOS CABOCLOS	104
4.1 Perfil das Unidades Funerárias	105
4.1.1 Perfil da Unidade Funerária 01	106
4.1.2 Perfil da Unidade Funerária 02	112
4.1.3 Perfil da Unidade Funerária 03	120
4.1.4 Perfil da Unidade Funerária 04	128
4.1.5 Perfil da Unidade Funerária 05	135
4.1.6 Perfil da Unidade Funerária 06	142

4.1.7	Perfil da Unidade Funerária 07	147
4.1.8	Perfil da Unidade Funerária 08	155
4.1.9	Perfil da Unidade Funerária 09	160
4.2	Perfil Funerário do Sítio: procedimentos analíticos	165
4.2.1	Análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias	165
4.2.1.1	Estruturas funerárias	167
4.2.1.2	Tratamentos funerários.....	169
4.2.1.2.1	Urnas funerárias	174
4.2.1.3	Acompanhamentos funerários	184
4.2.1.4	Discussão dos resultados	186
4.2.2	Análise da distribuição crono-espacial	193
4.2.2.1	Espaço funerário 01	197
4.2.2.2	Espaço funerário 02	199
4.2.2.3	Espaço funerário 03	201
4.2.2.4	Discussão dos resultados	202
4.3	O Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos	204
CONSIDERAÇÕES FINAIS		218
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		222
ANEXOS		227
Anexo 01.....		227
Anexo 02.....		230

INTRODUÇÃO

No sudeste do Piauí, as pesquisas realizadas desde a década de 1970 têm reunido um número considerável de evidências arqueológicas dos grupos autóctones que ocuparam esta região em períodos anteriores ao contato. Atualmente, estão registrados 1295 sítios arqueológicos – pré-históricos e históricos – e paleontológicos. Em meio a este universo de sítios, pelo menos 14 apresentam evidências de práticas funerárias pré-históricas, num total de 74 esqueletos. Apesar da quantidade de enterramentos evidenciados nesta área, praticamente inexistem pesquisas que os tomem por objeto de estudo. Este trabalho surge, portanto, como contribuição e incentivo ao estudo das práticas funerárias dos grupos pré-históricos que ocuparam o sudeste do Piauí.

O sítio estudado nesta pesquisa, a Toca da Baixa dos Caboclos, foi escavado em duas campanhas arqueológicas, realizadas nos anos de 1996 e 1998. Durante a primeira campanha, a equipe responsável pelos trabalhos de campo optou por manter a alcunha popular que a comunidade local utilizava para designar o sítio. É preciso lembrar que no nordeste do Brasil o termo “caboclos” é comumente utilizado em alusão à populações indígenas. Portanto, ao que parece, antes mesmo de os trabalhos de escavação comprovarem que a Toca da Baixa dos Caboclos fora efetivamente utilizada por grupos indígenas, a comunidade local já tinha conhecimento de uma relação entre estes grupos e o espaço do sítio.

As duas campanhas arqueológicas realizadas na Toca da Baixa dos Caboclos revelaram a presença de nove enterramentos. A maior parte deles estava reunida na porção nordeste do abrigo e era do tipo indireto, em urnas funerárias. As datações radiocarbônicas realizadas em quatro destes enterramentos forneceram resultados de 450 +/- 40 anos BP; 371 +/- 40 anos BP; 340 +/- 40 anos BP; 310 +/- 50 anos BP; 300 +/- 50 anos BP para o enterramento 01; 240 +/- 50 anos BP para o enterramento 07; 320 +/- 40 anos BP para o enterramento 08; 230 +/- 50 anos BP para o enterramento 09. Esta proximidade cronológica, atrelada a relativa homogeneidade já percebida em relação à distribuição espacial e aos tipos de enterramentos – em sua maioria, indiretos; sugeriu que eles poderiam ter sido realizados segundo práticas funerárias similares.

Partindo de uma perspectiva conservadora, de que os grupos culturais tendem a manter-se resistentes à mudanças em suas manifestações fúnebres, e aí incluem-se as práticas funerárias e os seus espaços de realização, esta pesquisa propôs a hipótese de que a manutenção do sítio Toca da Baixa dos Caboclos enquanto espaço funerário poderia apontar a manutenção das próprias práticas funerárias. Buscando avaliar a hipótese admitida, este trabalho objetivou estudar as práticas funerárias dispensadas aos nove enterramentos evidenciados no referido sítio, buscando identificar recorrências entre elas.

Para tanto, esta pesquisa se utilizou de uma metodologia ordenada e sistemática, com aplicação das mesmas variáveis a todos os enterramentos estudados. Em um primeiro momento, o estudo particular de cada enterramento permitiu reconstituir o seu Perfil da Unidade Funerária. Posteriormente, a análise quantitativa destes perfis associada à sua distribuição crono-espacial permitiu observar como as práticas funerárias se apresentaram e inter-relacionaram nos enterramentos estudados, em distintas unidades crono-espaciais. Ao final deste estudo, os dados obtidos com os procedimentos adotados permitiram tecer considerações sobre as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos estudados e reconstituir o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos:

No primeiro capítulo desta dissertação estão apresentadas as principais considerações teóricas que permearam os assuntos debatidos neste estudo. Subdivido em cinco partes, este capítulo é iniciado por uma discussão geral sobre a morte e suas implicações sociais; seguida por um breve histórico do estudo das práticas funerárias na arqueologia pré-histórica; pelas considerações arqueológicas e antropológicas acerca dos rituais e práticas funerárias; e pela manutenção dos espaços funerários. Como o problema, os objetivos e a hipótese trabalhados nesta pesquisa foram tecidos a partir destas considerações teóricas, eles também seguem apresentados no último item deste capítulo.

No segundo capítulo desta dissertação estão apresentados os aportes metodológicos deste trabalho. Subdivido em duas partes principais, este capítulo inicialmente traz um debate acerca do papel das práticas funerárias enquanto

caracterizadores culturais; seguido e pela apresentação do modelo metodológico - Perfil Funerário - proposto e aplicado neste trabalho.

No terceiro capítulo desta dissertação segue uma apresentação geral da área e do sítio estudado nesta pesquisa. Subdivido em duas partes, este capítulo traz inicialmente uma explanação geral do contexto ambiental e arqueológico do sudeste do Piauí; seguido pela apresentação do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, dos trabalhos de escavação realizados em campo e laboratório e seus resultados preliminares.

No quarto capítulo desta dissertação está apresentado o processo de reconstituição do Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Subdividido em três partes, este capítulo apresenta inicialmente os nove Perfis das Unidades Funerárias; seguido pelos resultados obtidos com os procedimentos analíticos; e pelo Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Por último, as considerações finais trazem uma discussão geral das questões levantadas neste trabalho, das situações limitantes enfrentadas e das perspectivas futuras para o estudo das práticas funerárias no sudeste do Piauí.

CAPÍTULO I

PRÁTICAS FUNERÁRIAS PRÉ-HISTÓRICAS: CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O não abandono dos mortos implica a sobrevivência deles
(MORIN, 1988: 11).

1.1 A morte e suas implicações sociais

De um modo geral, a morte constitui um fado universal a todas as espécies viventes. Trata-se de um fenômeno eminentemente biológico de alcance duplo, pois mesmo tempo em que incide - nas condições habituais – em apenas um indivíduo por vez, ela parece ser sentida pela maior parte, se não por todo o grupo social. Esta, conforme as pesquisas no âmbito da Etologia e das neurociências têm demonstrado não parece se tratar de uma particularidade do *Homo sapiens*. De modo contrário, é cada vez maior o número de estudos que demonstram que outras espécies de animais não humanos também manifestam reações emocionais perante o fenômeno da morte¹.

Para exemplificar esta questão, abundam situações registradas pelos estudiosos do comportamento animal. Como exemplo pode-se citar o que foi observado no Zoológico de Munster, Alemanha, onde uma gorila (*Gorilla gorilla*) conhecida por Gana continuou a carregar seu filhote - falecido aos três meses de vida – até o seu mais avançado estado de putrefação e apenas abandonou o cadáver quando este não conservava mais nenhuma característica que remetesse ao seu filhote, como a fisionomia e o cheiro (FIGURA 01).

¹ Cabe lembrar que ainda no século XIX, o próprio Darwin atentou que as manifestações emocionais não estão restritas a natureza humana. Em sua obra *A expressão das emoções no homem e nos animais*, publicada em 1879, o autor debateu que as expressões emocionais também estão presentes em outras espécies animais, como reflexo de reações biológicas relacionadas a uma ancestralidade comum (DARWIN, 2000).

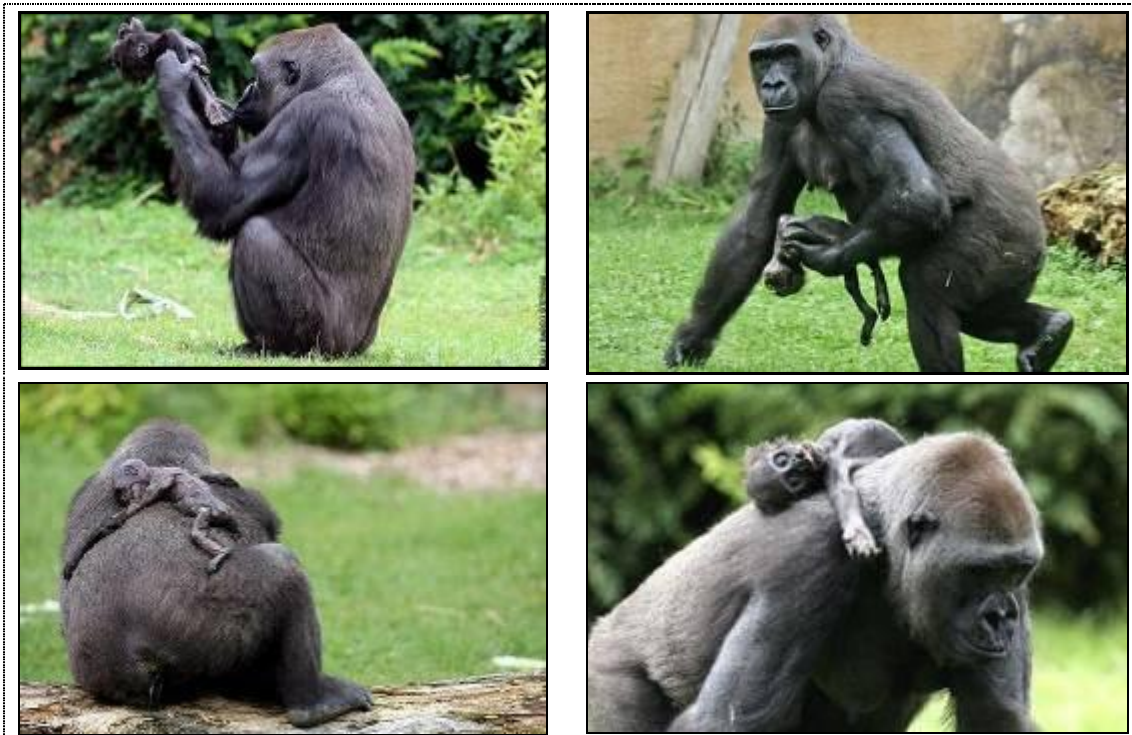


FIGURA 01: A Gorila Gana (*Gorilla gorilla*) carregou seu filhote até o mais adiantado estado de putrefação. Fonte: saudeanimal.com.br

Outro caso que merece destaque foi registrado por pesquisadores americanos em uma manada de elefantes-africanos (*Loxodonta africana*). Esta equipe observou o momento em que a manada se deparou com os ossos de um membro seu que teria morrido em meio ao deserto. Ao encontrá-lo os indivíduos pararam, dispuseram-se ao seu redor, cheiraram-no e tocaram-no com as pontas das trombas. A matriarca da manada concentrou-se no crânio, cheirando as órbitas e a mandíbula. Antes de o grupo continuar sua jornada, alguns elefantes jovens pegaram ossos com as trombas e os levaram consigo. A equipe, que já acompanhava os elefantes há algum tempo e sabia que os ossos correspondiam ao ex-indivíduo do grupo, constatou que a manada instantaneamente também reconheceu o esqueleto, já que não costumam ter tal atitude com os outros ossos que encontram (ARAGÃO, 2006).

Ambos os casos mencionados demonstram que as reações emocionais provocadas pela morte suplantam a espécie humana e vão mostrar-se presentes em outras espécies animais. Este fato sugere - como o próprio Darwin atentou - que tais manifestações podem ter uma origem genuinamente biológica. Entretanto, não se pode negar que no

homem as manifestações emocionais assumem uma conotação cultural muito maior que nos outros animais. Ao que parece, o ritual funerário em seus moldes propriamente ditos, com o tratamento do cadáver, a preparação de uma estrutura funerária para recebê-lo, entre outros; constitui uma característica que hoje é peculiar ao *Homo sapiens*, mas que nem sempre foi assim.

Conforme a arqueologia pré-histórica e a paleoantropologia tem demonstrado, evidências de práticas funerárias foram registradas em contextos arqueológicos do *Homo neanderthalensis*. Surgidos no continente europeu há cerca de 230.000 anos e extinto há aproximadamente 35.000 anos, os neandertais subsistiam da caça e coleta, faziam uso de uma indústria lítica diversificada, dominavam o fogo e desenvolveram a prática de enterrar seus mortos (ARSUAGA, 2005). Os primeiros enterramentos realizados por esta espécie situam-se numa faixa cronológica entre 80.000 e 60.000 anos BP e foram identificados em regiões da Europa e do Oriente Próximo.

No que concerne aos *Homo sapiens*, o sepultamento mais antigo que se tem notícias foi encontrado na Caverna de Quafzeh, na Galiléia. Nesta caverna foi descoberta a cova de uma mulher jovem com uma criança de seis anos de idade, cuja datação está em torno de 100.000 anos BP. Também em uma caverna no Iraque, Shanidar, foram encontrados nove sepultamentos humanos em níveis deposicionais diferentes, cujo mais antigo continha um sepultamento que foi datado em 70.000 anos BP. Junto com os indivíduos foram encontradas instrumentos líticos variados, além de micro-vestígios vegetais, inclusive de espécies de flores.

Apesar das primeiras evidências das práticas de sepultamentos remontarem a períodos pleistocênicos, até hoje não existe consenso sobre o que teria levado à suas origens. Uma das possibilidades apontadas por alguns estudiosos (MORIN, 1988; RODRIGUES, 1983) é que a escatologia que a morte impõe: o horror à decomposição do cadáver, ao odor fétido, a dor do funeral; poderia ter estimulado o desenvolvimento de técnicas que acelerassem ou amenizassem estes efeitos, como a cremação, a antropofagia, o isolamento do cadáver, entre outras. No entanto, isto não explica a conotação simbólica observada nos rituais funerários, que poderiam ter se originado de questões míticas dos grupos.

Até os dias de hoje, o modo como a morte é encarada pelo homem gera discussões entre pesquisadores. Na maior parte das vezes, estes estudiosos provêm das

áreas humanas, como a antropologia e a sociologia; e quase sempre fundamentam-se em estudos realizados também em áreas humanas, como a etnografia, a etnologia, entre outras. Esse fato acaba por suscitar uma visão antropocêntrica da morte, como se as manifestações que ela desperta fossem exclusivas a espécie humana que, conforme os estudos mencionados apontam, não são.

Dentro desta perspectiva, torna-se necessário uma maior abertura das ciências humanas às contribuições que outras áreas do conhecimento podem oferecer no que concerne ao entendimento da morte como um fenômeno que, antes de tudo, está relacionado ao comportamento dos animais sociais. Somente desta maneira, tornar-se-á possível compreender até onde as expressões manifestadas perante a morte provêm de reações orgânicas intrínsecas às espécies animais e a partir de onde assumem uma perspectiva cultural, característica da espécie humana.

No âmbito das ciências humanas, as pesquisas realizadas nas áreas da antropologia, etnografia, etnologia, entre outras; confirmam a diversidade de conotações que o fenômeno da morte assume perante diversos grupos culturais ou mesmo dentro de um único grupo. Para Rodrigues (1983) ela tem o poder de desagregar e desestruturar a imagem social do indivíduo, instituindo uma ameaça ao grupo cultural: como o corpo desempenha um papel de símbolo social, a sua morte pode representar a morte deste símbolo. Em consequência, o fenômeno da morte torna-se temido pelo grupo que, frente a ele, tenta desenvolver mecanismos para controlá-lo. Sob uma perspectiva semelhante, Morin (1988) assinala que a morte pode ser percebida com um signo ameaçador à estabilidade do grupo cultural. Em contrapartida, as manifestações que a permeiam necessitam estar envoltas de elementos que afirmem a manutenção desta estabilidade e garantam a continuidade do grupo.

Hertz (1970, *apud*. SENE, 2007) aponta que vida de qualquer indivíduo é marcada por uma série de passagens: de uma idade a outra, de um *status* a outro. Para o autor, é dentro desta perspectiva que o homem não encara a morte como uma destruição instantânea do indivíduo, mas como um evento social de transição, o ponto de partida de um processo cerimonial onde ele assumirá um papel de antepassado, que poderá ou não continuar a existir em um plano não visível.

Por sua vez Ruffié (1986), a morte gera distúrbios orgânicos nos indivíduos que se refletem em manifestações eminentemente simbólicas, geralmente marcadas por

comportamentos individuais ou coletivos, que podem variar segundo as relações que o indivíduo manteve enquanto vivo. Silva (2005) também considera que o fenômeno da morte se converte em uma realidade sócio-cultural que suscita, no plano das consciências individuais e coletivas, complexos de representações e comportamentos – individuais e coletivos - codificados de forma relativamente rigorosa.

Dentro das concepções apresentadas, pode-se dizer que a morte desperta reações complexas e variadas no plano individual e coletivo. Constitui um fenômeno que, apesar de afetar efetivamente apenas um indivíduo, provoca lesões sociais em grande parte, se não em todos os membros do grupo cultural. Ao que parece, este fato tem uma origem genuinamente biológica e por isso também se manifesta em outras espécies de animais não humanos. Entretanto, é inegável que o homem – à diferença dos outros animais – enfrenta a morte com manifestações eminentemente simbólicas, relacionadas ao seu universo cultural.

Desse modo, é incontestável que nos grupos culturais o fenômeno da morte provoca uma ruptura ontológica em suas ordens sociais. Para alguns autores (RODRIGUES, 1983; VAN GENNEP, 1978) esta ruptura pode ser encarada como uma ameaça à continuidade do grupo enquanto unidade social. Em resposta, tais grupos tendem a desenvolver mecanismos de controle que permitam moderar as implicações maléficas - como a rescisão da unidade social - que a morte pode impor. Estes mecanismos de controle correspondem aos rituais e práticas funerárias que, sendo socialmente elaborados, estão saturados de aspectos identitários do grupo em afirmação à sua continuidade.

Porém, conforme será discutido no próximo item, nos casos das populações pré-históricas as implicações sociais provocadas pela morte e os rituais fúnebres que os grupos elaboram na tentativa de controlá-las não estão mais passíveis de serem alcançados. Excepcionalmente, existe ainda a possibilidade de tecer considerações sobre estes fenômenos a partir dos seus remanescentes materiais - os vestígios funerários - que encerram parcialmente as práticas funerárias realizadas pelos grupos culturais.

1.2 O estudo das práticas funerárias na arqueologia pré-histórica

O estudo das práticas funerárias no campo da arqueologia pré-histórica recebeu ênfase, sobretudo, a partir da década de 1960, com as transformações teórico-metodológicas que a arqueologia sofreu. Desde então, diversas abordagens de estudo foram propostas por pesquisadores adeptos, principalmente, aos modelos histórico-cultural, processual e pós-processual. Estas abordagens desenvolveram-se em paralelo à afirmação da arqueologia enquanto disciplina científica e, naturalmente, em consonância com seus contextos políticos, sociais, econômicos e ideológicos.

Ainda no século XIX, Thomsen tomou os contextos funerários e os associou aos tipos e categorias de artefatos e, a partir disso, conseguiu ordenar contextos arqueológicos em uma linha cronológica evolutiva, estabelecendo o Sistema das Três Idades² (TRIGGER, 2004). A validade do método tipológico desenvolvido por Thomsen foi posteriormente demonstrada por Worsaae, que ajustou a classificação dos artefatos à referências estratigráficas, confirmando que a sequência tipológica estabelecida pelo estudioso dinamarquês estava correta (TRIGGER, 2004). A postulação de Worsaae que mais contribuiu ao estudo dos contextos funerários foi aquela que ficou conhecida como *Worsaae's Law*, segundo a qual os materiais utilizados como acompanhamento funerário poderiam ser usados na construção de cronologias, na medida em que deveriam ser contemporâneos ao enterramento. Na década de 1960, este pensamento foi criticado por alguns autores (ROWE, 1962; JENSEN & NIELSEN, 1997; *apud*. RIBEIRO, 2002) que acusaram Worsaae de descartar a possibilidade de os artefatos utilizados como acompanhamento funerário constituírem objetos herdados, perpassados ao longo de gerações.

Além do aprimoramento de alguns métodos e técnicas arqueológicas, o desenvolvimento da arqueologia do século XIX também foi influenciado pelo pensamento evolucionista disseminado principalmente após a publicação de Darwin *Origem das*

² TRIGGER, 2004, 74 e 75: "O primeiro veio a ser a fase remota da Idade da Pedra, em que apenas instrumentos líticos eram usados; seguiu-lhe uma fase mais recente da Idade da Pedra, descrita como o período em que o metal começou a ser usado. Neste tempo, os mortos são enterrados - não cremados - em tumbas megalíticas, acompanhados por potes cerâmicos simples e com decoração incisa. Já em plena Idade do Bronze, armas e os instrumentos cortantes eram feitos de cobre ou de bronze, os mortos eram cremados ou enterrados em urnas no interior de pequenos túmulos e os artefatos eram decorados com padrões circulares. Na Idade do Ferro, instrumentos e armas eram feitos de ferro temperado, enquanto o bronze continuava a ser empregado em ornamentos e artigos de luxo".

espécies, em 1859. Na arqueologia pré-histórica, antropologia e ciências humanas em geral, a teoria darwiniana da evolução biológica foi atrelada a idéia de evolução cultural. Nesse período, os estudos dos contextos funerários estiveram voltados para as investigações acerca das origens do homem e a determinação dos estágios evolutivos, com auxílio dos dados fornecidos pela Antropologia. Convém ressaltar que o evolucionismo cultural propunha uma visão estática e generalista das sociedades, na qual os grupos sociais sofreriam uma evolução cultural linear e contínua. Tal pensamento, além de resignar as particularidades de cada sociedade, mostrava-se contraditório, pois ao mesmo tempo em que admitia que as civilizações contemporâneas também tivessem atravessado estágios como os de selvageria e barbárie, aceitavam os grupos contemporâneos não hierarquizados como biologicamente inferiores e fadados ao insucesso.

Ainda neste período foram publicados os trabalhos antropológicos Tylor e Frazer, respectivamente em 1871 e 1890, que forneceram os primeiros aportes para uma abordagem interpretativa dos contextos funerários. Tylor propôs uma dicotomia corpo-espírito e apontou que todos os grupos humanos tinham consciência da sobrevivência do espírito após a morte do corpo. Frazer, por sua vez, interpretou os rituais funerários como uma tentativa de controle dos vivos sobre os mortos, decorrente do temor aos espíritos. Para o autor, as oferendas, as pedras dispostas sobre os túmulos, a ornamentação do cadáver, entre outras práticas; ilustravam este temor e as tentativas de controle (RIBEIRO, 2002). Os trabalhos dos referidos autores mostraram-se significativos na medida em que surgiram num momento de carência de estudos sobre as questões funerárias. Entretanto, como estiveram baseados em estudos antropológicos de um número reduzido de populações históricas, atualmente podem ser utilizados apenas para suscitar possibilidades interpretativas, não fornecendo uma base metodológica sólida para a investigação dos contextos funerários.

No início do século XX, a Escola Antropológica Inglesa e a Escola Sociológica Francesa desenvolveram novas abordagens para o estudo dos rituais, sob uma perspectiva geral e também específica para os rituais funerários. Entre os trabalhos da Escola Sociológica Francesa destacam-se os estudos antropológicos de Durkheim, em 1912; Hertz, em 1907; e Van Gennep, em 1908. Sob uma perspectiva generalista, Durkheim não se remeteu especificamente ao estudo dos rituais funerários, mas

apresentou-os como uma parte do todo social que deveria estar relacionado as demais instituições do sistema, de modo que suas variações implicariam em variações nas estruturas sociais. Apropriando-se das formulações de Dukheim, Hertz e Van Gennep propuseram novas abordagens para a interpretação dos rituais funerários, em específico. Para estes autores, a morte podia ser entendida como um rito de passagem para um mundo sobrenatural e os rituais funerários deveriam variar segundo a posição social do morto na comunidade, sua idade e o tipo de morte. Até os dias de hoje, a concepção da morte como um rito de passagem está presente nos estudos antropológicos e arqueológicos.

Entre as contribuições da Escola Antropológica Inglesa, sob um viés funcionalista, destacaram-se os trabalhos de Malinowski e Radcliffe-brown, ambos em 1922. Malinowski trabalhou com uma perspectiva biológica, em que o fenômeno da morte despertaria um sentimento de auto-preservação, gerando distúrbios fisiológicos naqueles que tinha proximidade com o morto; e que se manifestava num arroubo de emoções, conforme pode ser observado nos funerais. A perspectiva assumida por Malinowsky vem sendo atualmente trabalhada no âmbito da Etologia e das neurociências. Algumas pesquisas têm demonstrado que as manifestações emocionais diante do fenômeno da morte suplantam a espécie humana e estão presentes em outros animais. Assim, a idéia de morte como um fenômeno essencialmente cultural tem sido reavaliada e relacionada, cada vez mais, a uma origem biológica, que explicaria as manifestações emocionais em demais espécies animais.

Enquanto Malinowsky enfocou uma perspectiva biológica da morte, Radcliffe-brown voltou-se mais para a compreensão do papel social do indivíduo nas instituições, com o que ele designou de “personalidade social do morto”. Para o autor, esta personalidade pode ser vista como um complexo de relações que um indivíduo forma durante sua vivência no grupo e que se manifestam no momento da morte e durante os rituais funerários como uma reação a destruição dos laços sociais que unem indivíduo e grupo. O conceito de “personalidade social do morto” veio novamente a ser trabalhado por Binford (1971) e Saxe (1970).

Apesar de ter recebido bastante destaque nos estudos dos contextos funerários, é necessário atentar para o fato de que a “personalidade social do morto” nem sempre pode estar refletida nos enterramentos, uma vez que sendo o contexto funerário

socialmente produzido ele pode ocultar ou ressaltar fatos que o grupo deseje. Conforme aponta Hodder (1982), no contexto funerário podem estar reproduzidas relações ideais que não existem na prática ou mesmo ocultar relações sociais que são parte do dia-a-dia.

De todo modo, os trabalhos desenvolvidos pela Escola Sociológica Francesa e Antropológica Inglesa no início do século XIX constituíram a base para a abordagem dos contextos funerários. Entretanto, foi somente a partir da década de 1960 que eles começaram a ser efetivamente incorporados aos estudos arqueológicos, no auge das transformações teórico-metodológicas que o Processualismo provocou. Um dos pontos assinalados pela nova arqueologia foi à atenção aos fatores ecológicos que, nos estudos dos contextos funerários, se refletiu na realização de análises de poléns, esporos e vestígios faunísticos, com vistas às reconstituições de paleoambientes. Ao mesmo tempo, tais análises forneceram contribuições ao entendimento destes contextos funerários e permitiam levantar hipóteses acerca de aspectos como os períodos de ocupação dos cemitérios, a existência de sazonalidades, a utilização de espécies vegetais e animais nos rituais, entre outras. Outro elemento que também se destacou foi a aplicação das análises dos vestígios ósseos e dentários aos contextos funerários, com vistas à identificação de patologias, *causa mortis*, reconstituição de paleodietas, entre outros (FIGURA 02).

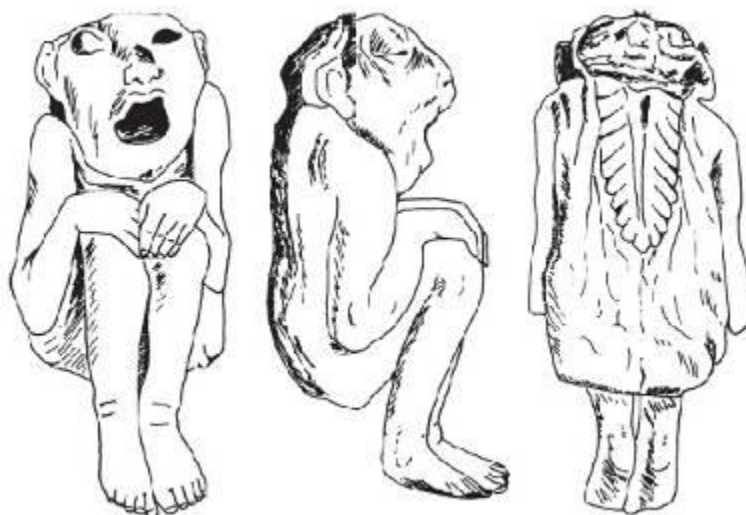


FIGURA 02: A identificação de patologias foi reforçada pelo modelo processual. Na figura, uma múmia infantil egípcia, portadora de anencefalia congênita. Fonte: Mays (1998).

Foi no âmbito dos estudos processualistas que se firmou o modelo teórico-metodológico de abordagem dos contextos funerários que ficou conhecido como Arqueologia da Morte. Iniciada na década de 1970, esta vertente teórico-metodológica teve seus primeiros aportes pontuados com a publicação da tese de Saxe (1970), *Social dimensions of mortuary practices*; e do artigo de Binford (1971), *Approaches to the social dimensions of the Mortuary practices*, respectivamente.

Em seu trabalho, Binford (1971) retomou o conceito de “personalidade social do morto” proposto de Radcliffe-Brown e o admitiu como um “composto de identidades sociais mantidas durante a sua vida” (BINFORD, 1971: 17). Para ele, estas identidades sociais constituíam as categorias em que as sociedades geralmente estão divididas: sexo, idade, posição social e afiliação social; e que devem estar de algum modo expressas nos enterramentos, pelo agenciamento dos contextos funerários. O autor admitiu ainda que a qualidade e quantidade de objetos que acompanham os indivíduos sepultados poderiam ser consideradas como indicadores de riqueza e prestígio social; e que complexidade do ritual funerário poderia estar relacionada à complexidade social.

Outro trabalho que recebeu destaque foi o de Tainter (1978), que propôs que a quantidade de energia despendida durante o ritual funerário também pode ser considerado como um indicador de posição social do indivíduo no interior de seu grupo. Para o autor, um ritual funerário em que notoriamente se percebe um elevado dispêndio de energia implica na interrupção de atividades cotidianas sugerindo, portanto, a participação da maior parte, se não de todo o grupo social.

Convém ressaltar que as concepções de Binford (1971) e Tainter (1978) pecam - nestes pontos - pela rejeição à diversidade cultural dos grupos pré-históricos, uma vez que os contextos funerários podem variar segundo as intenções dos diversos grupos culturais. Assim, o modo como os rituais funerários se apresentam pode estar atrelado a diversos fatores, e mesmo grupos sociais complexos - marcados por uma forte hierarquização social - podem elaborar contextos funerários simples. Isto pode ser exemplificado com aquilo que Langer (2005) apresenta sobre os funerais vikings. Segundo o autor, os Vikings tinham a prática de cremar determinados indivíduos em embarcações que eram lançadas em chamas ao mar (FIGURA 03) e também de inumar alguns daqueles de elevado prestígio social diretamente no solo ou em câmaras previamente elaboradas. Este fato demonstra que dois destinos diferentes eram dados aos mortos, sem que

necessariamente aquele que exigia um dispêndio maior de energia – a cremação – estivesse relacionado a uma posição social elevada do indivíduo.



FIGURA 03: A pintura de Francis Dicksee, de 1983, retrata um funeral Viking em que um cadáver é cremado em uma embarcação em chamas lançada ao mar. Fonte: Langer (2005).

Diversos outros exemplos relacionados à cremação poderiam ser alistados aqui, como os casos em que o indivíduo foi vitimado por uma doença contagiosa ou que o grupo tenha receio e que por isso tivesse intenção de destruir qualquer possibilidade de contato. Entretanto, o que se pretende é chamar a atenção para a cautela necessária à atribuição de interpretações categóricas aos contextos funerários, uma vez que os fenômenos que eles encerram podem ser decorrentes de vários motivos e não estar necessariamente atrelados a questões de posição ou complexidade social.

Esta, aliás, foi uma das críticas feitas à abordagem processual dos enterramentos. Atrelada a ela, a Nova Arqueologia também foi criticada pela rejeição à natureza simbólica dos contextos funerários. Embora Binford (1971) tenha admitido que “o ritual mortuário é um processo de simbolização”, a Nova Arqueologia não abriu espaço para os estudos relacionados aos aspectos simbólicos, em função da descrença na possibilidade de compreendê-los. Além disso, o modelo processual foi criticado por entender os contextos funerários como meros reflexos dos grupos que os produziram, visão esta que

ia de encontro à ativa função social que os rituais desempenham e que será discutida no item 1.3 deste capítulo.

A corrente Pós-processual iniciada na década de 1980, em reação ao processualismo, reforçou que os contextos funerários deveriam ser abordados com vistas à compreensão dos elementos relacionados ao simbolismo dos rituais, admitidos como participantes eficazes na manutenção e re-elaboração dos grupos e não como meros reflexos passivos. Nesta perspectiva, esta corrente reforçou a realização de análises mais aprofundadas que pudessem fornecer mais informações sobre os significados dos contextos funerários. No estudo dos contextos funerários, ganhou destaque o aprofundamento das análises ósseas e nos estudos tafonômicos. Nesse quesito, além da reconstituição de paleodietas, paleopatologias, reconstituição de fatores relacionados à subsistência, já propostos pela nova arqueologia; os pontos de desgastes ósseos foram usados como indicativos de atividades desenvolvidas pelos indivíduos, fornecendo subsídios sobre questões de gênero e papel social. De modo semelhante, a análise dos ossos com vistas a identificação de marcas antrópicas (FIGURA 04) permitiu interpretações acerca de atividades ritualísticas, como ações antropofágicas, descarnamentos, entre outras (SENE, 2007).

As postulações feitas pelo modelo pós-processual mostraram-se interessantes na medida em que abriram espaço para assuntos até então negligenciados pela arqueologia, como os aspectos simbólicos, a função ativa da cultura material, questões de gênero, entre outros. Entretanto, alguns autores (RIBEIRO, 2002; TRIGGER, 2004) apontam que apesar de ter procurado romper com as propostas da corrente processual, esta vertente arqueológica não conseguiu formalizar uma metodologia que conseguisse ir fundo nos aspectos que ela propôs investigar.

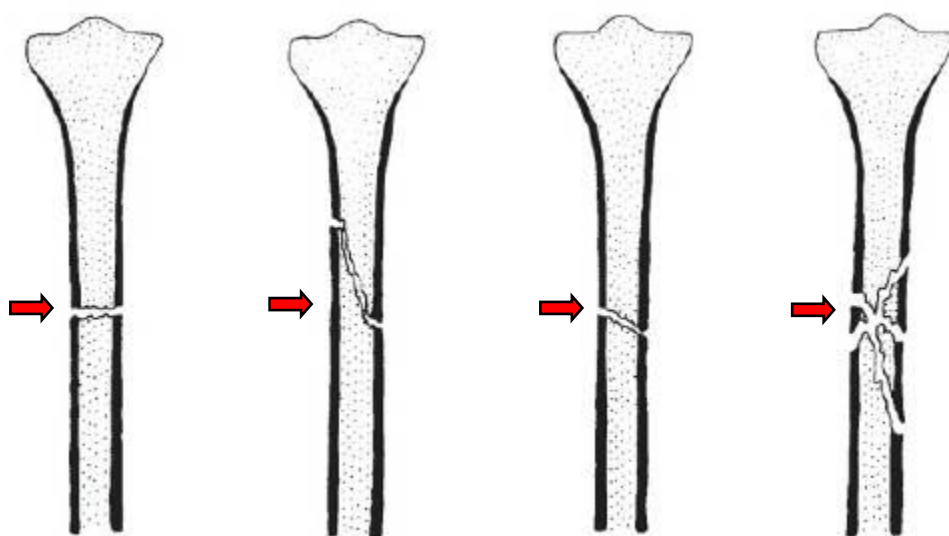


FIGURA 04: O modelo pós-processual reforçou a realização de análises ósseas, como aquelas relacionadas à observação dos tipos de fraturas. Fonte: Mays (1998).

Ao que parece, as dificuldades com que arqueologia pós-processual tem se deparado mostram-se maiores em função dos questionamentos que ela formula serem também de um caráter maior e mais profundo. O pós-processualismo, ao considerar as particularidades idiossincráticas dos indivíduos e grupos culturais, extrapolam as investigações genéricas propostas pelas correntes histórico-cultural e processual. Mas, esse passo a frente implica que as soluções para os seus questionamentos mostram-se complexas e por vezes impossíveis de se alcançar. Pois, se em arqueologia pré-histórica a identificação de generalizações parece uma tarefa complexa, o entendimento de questões individuais torna-se ainda mais.

Naturalmente, todos os modelos teórico-metodológicos supracitados se deparam com as limitações inerentes à ciência arqueológica, em função do caráter vestigial de seu objeto de estudo e da ausência de fontes seguras que permitam interpretações confiáveis. Entretanto, todos eles têm fornecido contribuições pertinentes para a abordagem dos vestígios da cultura material - e aí se incluem os contextos funerários –, na medida em que partem de perspectivas diferentes e podem, por conseguinte, fornecer resultados também diversos. Desse modo, faz-se necessário que as pesquisas arqueológicas dialoguem não apenas com as demais áreas do conhecimento, como as ciências biológicas e exatas; mas, ao mesmo tempo, que considere as pontuações de seus modelos teórico-metodológicos. Obviamente, cada pesquisa deverá estar ancorada em

um corpo teórico formalizado, a partir do qual partirão seus problemas e serão estabelecidos os aportes metodológicos adequados a resolvê-los. Contudo, ao assumir uma postura flexível o pesquisador consegue aproveitar as contribuições que outras vertentes arqueológicas, por ventura, possam oferecer, alcançando um maior êxito na solução de seus questionamentos.

1.3 Os rituais e as práticas funerárias

Conforme mencionado anteriormente, os rituais estão presentes em diversos grupos sociais. No homem comumente estão relacionados aos aspectos elementares da vida humana: a procura de alimentos, que garante a existência; o sexo, garantindo continuidade; a morte, como fim inevitável. Nestes casos, os rituais (FIGURA 05) se apresentam como eventos especiais para a sociedade, que fogem às atividades cotidianas e reúnem se não todos, ao menos a maior parte dos membros do grupo social.

Para Turner (1977 *apud.* RIBEIRO, 1987) o ritual pode ser definido como uma seqüência estereotipada de ações que incluem gestos, palavras e objetos; geralmente desempenhadas em lugares sagrados e com o intuito de estimular os objetivos ou interesses dos autores. Sob uma concepção semelhante, Peirano (2006) define os rituais como ações formais, realizadas através de uma seqüência padronizada e repetitiva, saturadas de uma carga simbólica que, por conseguinte, produz e transmite valores, memórias e crenças culturais.

Esta seqüência deliberada à que Turner (1977 *apud.* RIBEIRO, 1987) e Peirano (2006) se referem é o que Cazeneuve (2004) define como rito. Para Cazeneuve (2004), o rito constitui um ato - individual ou coletivo - que permanece fiel à certas regras, mesmo quando se mostram flexíveis para permitir uma margem de improviso. Segundo o autor, os ritos se apresentam resistentes à mudança e se ela ocorre, faz-se de maneira quase imperceptível. Tais ritos, portanto, configuram-se como a parcela técnica dos rituais que, assim como sua carga simbólica, também são culturalmente formados e transmitidos.



FIGURA 05: Os rituais indígenas foram registrados por cronistas e viajantes. A gravura de Hans Staden ilustra um ritual com dança. Fonte: De Bry (1992).

Contudo, antes de adentrar no assunto dos rituais fúnebres (FIGURA 06) faz-se necessário primeiro distinguir dois fenômenos que, pelo seu caráter indissociável, geram equívocos de ordem conceitual: ritual funerário e prática funerária. Por vezes, ocorre que estes termos sejam usados como sinônimos que, de fato, não são. No que concerne aos rituais funerários pode-se dizer que, assim como tantos outros, são constituídos por uma parcela simbólica, na qual estão circunscritos os fenômenos relacionados à cosmologia do grupo; e outra parcela técnica, através da qual esta cosmologia é transmitida.

As práticas, por sua vez, constituem as próprias seqüências padronizadas de ações formais, ou os ritos, conforme concebe Cazeneuve (2004). Envolvem a posição e orientação do corpo; a disposição da cabeça, membros inferiores e superiores; a preparação da estrutura funerária; entre outras. Portanto, o modo como o corpo e cova estão dispostos no registro arqueológico são resultados diretos das práticas ou ritos funerários, embora tenham sido realizados no âmbito do ritual como um todo. Desse modo, somente os vestígios funerários podem ser estudadas através do registro arqueológico pré-histórico, ao passo que os rituais, com suas seqüências deliberadas e sua carga simbólica, perderam-se por completo.



FIGURA 06: Rituais funerários indígenas representados por Hans Staden. Fonte: De Bry (1992).

No que concerne à função social dos rituais e das práticas funerárias, diversos autores têm apresentado pertinentes reflexões: para Hertz (1970 *apud*. RIBEIRO, 2002) à diferença de outros ritos que geralmente ocorrem em períodos pré-estabelecidos, os rituais funerários são realizados com o intuito principal de restaurar a ordem natural da sociedade, abalada repentinamente em função do caráter imprevisível da morte.

Para Eliade (1992), os rituais funerários são elaborados com o intuito de selar a nova condição social do indivíduo e de seu grupo. Thomas (1993) os considera como uma linguagem simbólica desenvolvida pelo grupo cultural, em expressão ou resposta à perda de um membro. Estando acessível apenas aos membros do grupo e aos que participam do ritual, esta linguagem simbólica promove, portanto, a instituição um sentimento de identidade e auto-reconhecimento.

Morin (1988) concebe os rituais fúnebres como um instrumento de institucionalização de um complexo de emoções que, concomitantemente, estabelece as bases para a consagração e determinação da nova situação do indivíduo morto. Sendo preparado no ápice da ruptura ontológica provocada pela morte, o funeral expõe as perturbações impostas pela morte que tentam ser sanadas com período de luto.

Para Van Gennep (1978), os rituais funerários são considerados como ritos de passagem que sempre implicam em uma iniciação (FIGURA 07). Tal iniciação decorre desta ruptura no regime ontológico e no estatuto social que a morte traz e que, por consequência, exige a adaptação da sociedade e do próprio indivíduo morto às novas condições. Para ele, estes ritos não precisam necessariamente estar vinculados a crenças

em questões sobrenaturais. O rito, por si só, consiste num marcador utilizado para estabelecer o ponto crucial entre às condições anteriores e posteriores ao fenômeno da morte. O referido autor distingue os ritos em: ritos de separação, que assinalam à ruptura com uma antiga ordem, exemplificado pelos funerais; ritos de margem, que perfazem os momentos de transição e adaptação, a exemplo do período de luto; e os ritos de incorporação, que selam à nova ordem ao indivíduo morto e ao grupo, como nos casos de um segundo sepultamento.

Van Gennep (1978) considera o luto como um rito de margem que atua como um mecanismo de adaptação do grupo a uma nova ordem social. Para Humphreys (1981 *apud*. SENE, 2007), esse período demonstra atitudes conflitantes, onde os membros do grupo dividem-se entre o compartilhado da jornada do morto e, ao mesmo tempo, estão envolvidos numa intensa atividade de reafirmação das novas relações sociais.

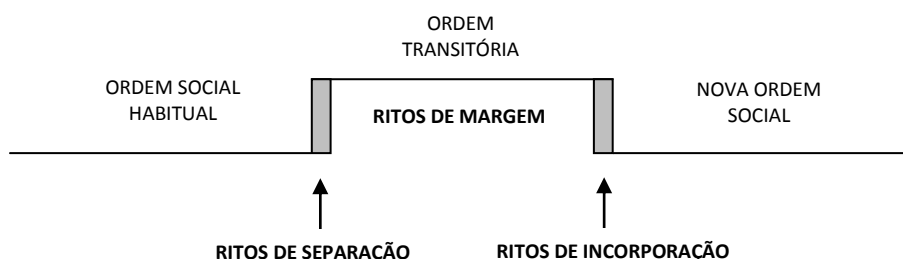


FIGURA 07: Ritos de passagem. Fonte: Adaptado de Ribeiro (2002).

Durante o período do luto, é natural que haja uma suspensão da vida social em seus moldes habituais, como forma de tornar paulatinas às súbitas modificações sociais que o fenômeno da morte impõe. Naturalmente, assim como ocorre nos funerais, as manifestações e o período de duração do luto poderão variar segundo as especificidades de cada grupo cultural e, no seu interior, segundo critérios diversos, como a proximidade dos indivíduos com o morto, a sua posição social, entre outros.

Dentro destas concepções, pode-se dizer que os rituais fúnebres ao mesmo tempo em que são realizados a partir seqüências padronizadas de ações formais, estão imbuídos de uma carga simbólica que está circunscrita a um dado grupo social. É através desta carga simbólica – culturalmente formada e transmitida – que são reafirmados e

legitimados seus valores e crenças e instituídos sentimentos de identidade e auto-reconhecimento. Desse modo, o ritual fúnebre e seu subsequente período de luto podem ser admitidos como mecanismos de controle social, através dos quais os grupos moderam as condições sociais anteriores e posteriores ao fenômeno da morte. Em outras palavras, estes rituais apresentam um caráter duplo: ao mesmo tempo em que promovem a adaptação a uma nova condição, reforçam o não abandono de suas tradições culturais que, por sua vez, contribuem para a manutenção e continuidade do grupo enquanto unidade social.

Esta função de coesão social, aliás, fundamenta a concepção admitida por Binford (1971) de que os grupos tendem a manter-se conservadores em seus rituais funerários. Para o autor, esta função estaria relacionada aos sentimentos de identificação e reconhecimento que os rituais funerários instituem ao reproduzir aspectos cosmológicos e identitários particulares de cada grupo social. Em decorrência, faz-se natural que tais grupos optem por manter seus rituais funerários como forma de manter a si próprio enquanto unidade social.

Dentro desta óptica, Binford (1971) considera o prevalecimento de uma tendência conservadora em relação aos seus rituais e práticas funerárias. Tal tendência implica que os grupos culturais tendem manter-se resistentes à mudanças em suas manifestações fúnebres e prezem pela transmissão destas manifestações, em moldes tradicionais, aos seus descendentes. É sob esta perspectiva que o referido autor considera que os rituais e as práticas funerárias podem permanecer homogêneos durante um período considerável de tempo o que, portanto, permite ao arqueólogo identificar recorrências entre determinados enterramentos, mesmo que eles haja entre eles um relativo intervalo cronológico.

Apesar das postulações de Binford (1971) estarem baseadas em observações de populações históricas (TABELA 01), não faltam exemplos arqueológicos de contextos funerários homogêneos, que sugerem a manutenção de práticas funerárias ao longo de espaços de tempo consideráveis.

Povo	Região	Diferenciação nos rituais funerários			
		Idade	Sexo	Posição social	Afiliação social
Abipon	Chaco Paraguaio				X
Andamans	Ilhas Andamans	X	X	X	X
Aleut	Ilhas Aleutas		X	X	
Ashanti	África Ocidental	X	X	X	X
Barama Caribs	Caribe		X		
Bapedi	África do Sul	X		X	
Copper Eskimo	Ártico Central Canadense		X	X	
Hottentot	África do Sul		X		
Iroquois	América do Norte		X		X
Jivaro	Equador				X
Klamath	América do Norte		X	X	
Mossi	África do Sul	X	X	X	X
Munducuru	Amazônia Brasileira			X	
Murngin	Austrália	X			
Nupe	África do Sul	X	X	X	X
Nyakyusa	África do Sul		X	X	X
Powhatan	América do Norte	X	X	X	
Samoa	Austrália	X		X	

TABELA 01: Estudo realizado por Binford sobre as causas relacionadas à diferenciações nos rituais funerários. Fonte: Adaptado de Binford (1971).

Esta manutenção das práticas funerárias ao longo de espaços de tempo consideráveis ao longo de intervalos de tempo consideráveis pode ser exemplificado com o que foi observado no sítio Furna do Estrago, localizado no município de Brejo da Madre de Deus/PE, onde foram evidenciados 81 enterramentos. Lima (1985) apresenta que neste sítio os indivíduos adultos foram enterrados em fossas funerárias forradas com esteiras ou redes de fibras vegetais, em posição fletida e decúbito lateral e como acompanhamento funerário estavam sempre presentes colares confeccionados em rochas, dentes e ossos de animais; conchas, sementes e Óxido de Ferro (FIGURA 08). As crianças, por sua vez, foram enterradas diretamente no solo, em decúbito dorsal, com os braços distendidos ao longo do corpo e as pernas fletidas. A autora não menciona a presença de acompanhamentos funerários nos sepultamentos infantis.

Segundo Lima (1985), estes padrões de enterramentos apresentam-se uniformes durante todo o período de utilização do cemitério, que se estende de 1040 a 2000 anos

BP (em números redondos). Este caso permite exemplificar a tendência conservadora a que Binford (1971) se refere, com a manutenção das práticas funerárias ao longo de um espaço de tempo considerável.

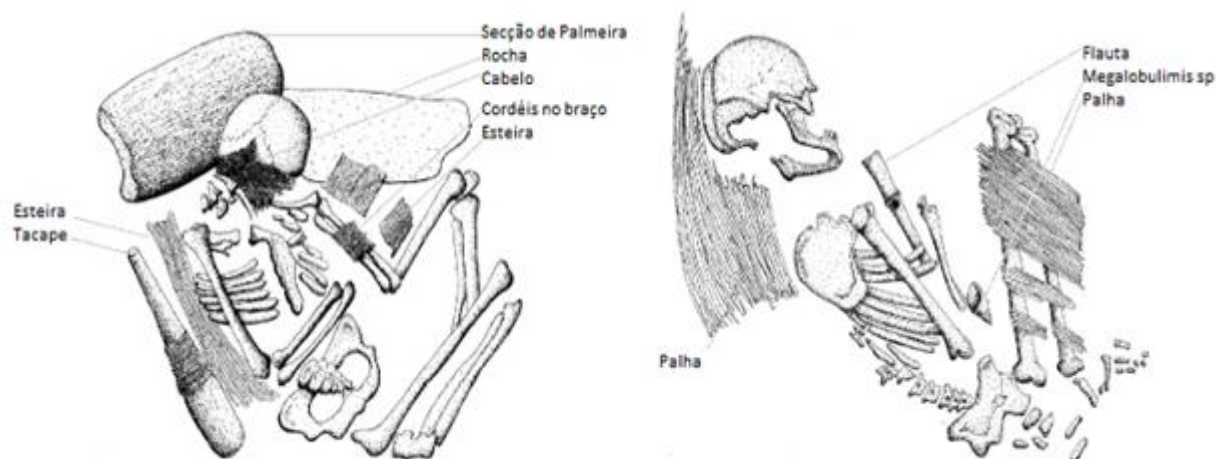


FIGURA 08: Enterramentos do sítio Furna do Estrago. Fonte: Martin (2008).

Entretanto, é preciso ressaltar que a tendência conservadora atribuída por Binford (1971) aos rituais funerários não implica que eles sejam fenômenos universais. Contrariamente, o autor admite que os contextos funerários, mesmo pertencentes a um único grupo podem comportar – e na maioria das vezes comportam – uma variabilidade que está atrelada a realização de práticas fúnebres diferenciadas aos distintos membros do grupo, segundo questões de sexo, idade e posição social. Assim, na perspectiva de Binford (1971), a tendência conservadora mencionada acima não estaria relacionada apenas à manutenção das práticas funerárias de um modo universal, mas à manutenção da própria variabilidade de práticas circunscritas em um dado contexto funerário.

Essa variabilidade observada no contexto funerário é, aliás, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos arqueólogos. Diante dela, faz-se necessário que o pesquisador esteja atento para saber distinguir a linha tênue que separa as variações inter-culturais, ou seja, resultado de diferentes práticas funerárias de um mesmo grupo; daquelas intra-culturais, ou seja, práticas funerárias diferentes relacionadas à grupos distintos.

Fundamentando-se, sobretudo, na concepção binfordiana relacionada à tendência conservadora admitida para as manifestações fúnebres, este trabalho optou por centrar suas investigações na própria cultura material evidenciada na Toca da Baixa dos Caboclos, como forma de observar indutivamente as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos nele evidenciados. Em um momento posterior, quando a sistematização dos estudos possibilitarem uma melhor compreensão das manifestações funerárias pré-históricas do sudeste do Piauí como um todo, é que poderão ser estabelecidas correlações com as informações oferecidas por outros estudos, como aqueles realizados no âmbito da antropologia e etnografia.

1.4 A manutenção dos espaços fúnebres

Antes de adentrar no assunto dos espaços funerários, faz-se necessário pontuar o espaço como dimensão indissociável do próprio homem. Halbwachs (1990) aponta que não há grupo ou gênero de atividade coletiva que não tenha qualquer relação com uma dimensão espacial concreta. É sob esta dimensão que os grupos concretizarão suas atividades cotidianas e ritualísticas e, por este motivo, o espaço não pode ser entendido como um cenário alheio a estas atividades, mas como “*locus* de reprodução das relações sociais” (BARBOSA, 2000: 205).

Gaspar (1994) assinala que os locais a serem utilizados para a realização de atividades funerárias são previamente determinados pelo grupo cultural segundo seus interesses e conveniências, da mesma forma que também o são os modos como ele aproveita e ordena este espaço. Para Navarro (2007), a relação estabelecida entre o homem e os espaços que ocupa apresenta um caráter dinâmico que deve variar segundo o grau de significância das atividades que executa nestas dimensões.

Conforme discutido anteriormente, as manifestações funerárias desempenham um papel fundamental à coesão do grupo cultural. Saturadas de aspectos identitários dos grupos, elas suscitam em seus membros sentimentos de auto-reconhecimento que, por sua vez, promovem a manutenção e continuidade do grupo enquanto unidade social. Considerando a pertinência da função social de tais manifestações, é natural que os grupos mantenham com os espaços onde elas são realizadas uma relação de identificação

e reconhecimento. A utilização de um espaço para a realização de uma manifestação funerária faz com que ele assuma, automaticamente, o papel de dimensão material estreitamente vinculada à cosmologia do grupo social.

Para Eliade (1992), a relação entre os aspectos cosmológicos do grupo e uma dada dimensão espacial, entendida pelo autor como *cosmização*, implica sempre na consagração do lugar. Segundo a própria etimologia da palavra, a partir do momento que um espaço é consagrado ele torna-se um ambiente sagrado, especial, para aquele que o consagrou. Esta sagração implica que um elo foi estabelecido entre o espaço e o homem e, a partir de então, o espaço passa a atuar como um marcador na memória do indivíduo. Eliade (1992) aponta também que por mais que o indivíduo se mostre alheio à significação de uma dada dimensão espacial, ele sempre conservará determinados locais como qualitativamente diferente dos outros: a paisagem natal, os sítios dos primeiros amores, certos lugares visitados na juventude. São por essas qualidades únicas que tais locais ficarão marcados na memória do indivíduo, atuando como “lugares sagrados” de seu universo privado.

Em “A memória coletiva”, Halbwachs (1990) faz uma análise acerca da relação entre os espaços e a memória não apenas dos indivíduos, mas do grupo como um todo. Segundo ele, a ocupação permanente de um grupo cultural em um dado espaço, faz com que os indivíduos condicionem seus movimentos e pensamentos segundo as condições espaciais. O autor considera também que os espaços religiosos ou aqueles relacionados a questões míticas permanecem como lugares sagrados que evocam lembranças cosmológicas. Para ele, tais lembranças são permitidas pela visão dos lugares, disposição e organização dos objetos em suas configurações internas. Halbwachs (1990) aponta ainda que quando o indivíduo adentra um lugar sagrado, seja uma igreja ou um cemitério, ele sabe que vai se deparar com um estado de espírito do qual já teve a experiência; e reconstruir, ao mesmo tempo, pensamentos e lembranças comuns, as mesmas que foram formadas e mantidas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar.

Assim, para Halbwachs (1990) o espaço atua como uma dimensão imóvel, inerte as transformações constantes por que passam as sociedades. Segundo o autor, como tais transformações comprometem a manutenção das tradições culturais, o grupo sente a necessidade de manter reforços materiais que contribuam para sua preservação. Desse modo, o espaço atua como uma dimensão material fixa, que pretende não mudar, ainda

que em torno dele as instituições e os costumes se transformem e as idéias e experiências se renovem. Portanto, o espaço desempenha um papel de componente estável e, como no âmbito abstrato dos pensamentos e sentimentos a estabilidade torna-se muito fluida, é na dimensão material – o espaço - que ela se traduz. Logo, a manutenção dos espaços confere aos grupos sociais um sentimento de garantia, mesmo que parcial, de que suas tradições estão mantidas.

Halbwachs (1990) apresenta também que a manutenção do espaço está ligada a uma intenção de manter vivos elementos que permitam uma compreensão do passado. O autor aponta que torna-se complexo para um grupo compreender e visualizar os modos como viveram seus antepassados quando não resta ao menos um meio material que sirva como testemunho desse período pretérito. É sob estes fundamentos que o autor pontua que os grupos tendem a resistir, com todas as forças de suas tradições, a manter seus espaços, entre os quais incluem-se os espaços funerários. Para Halbwachs (1990), esta manutenção decorre da função significativa que os espaços desempenham na construção, manutenção e legitimação das memórias coletivas.

Em análise sobre as sociedades contemporâneas, Nora (1993) também faz pertinentes pontuações sobre a relação entre espaços e memória. Para o autor, o avanço do processo de globalização tem levado a perda das memórias sociais e, como tentativa de ascendê-las, as sociedades tem se preocupado em manter documentos, imagens e lugares; uma vez que estes atuam como testemunhos materiais dos acontecimentos passados. Segundo Nora (1993), determinados espaços operam - assim como os outros elementos da cultura material - como um elemento revigorador de valores, memórias e identidades. Desempenham, portanto, o papel de reforço material à manutenção das memórias coletivas; razão pela qual o autor define estes espaços como “lugares de memória”, que podem ser museus, santuários, monumentos, cemitérios, entre outros.

Utilizando-se da concepção de Nora (1993), Castro (2009) considera que os espaços funerários pré-históricos também podem ser considerados como lugares de memórias, na medida em que atuaram como locais de construção e manutenção de identidades coletivas; e ainda comportam remanescentes materiais – os vestígios arqueológicos - que permitem re(construir) tais identidades, mesmo que parcialmente. Baseando-se em Nora (1993) e Halbwachs (1990), a referida autora defende que as atividades relacionadas à prática funerária têm seu espaço definido, que são

considerados para o grupo como locais sagrados e especiais; e que estes espaços funerários sobrevivem, pois os grupos os escolhem e mantêm de acordo segundo suas lembranças e seus rituais.

Assim, considerando as concepções de Eliade (1992), Halbwachs (1990), Nora (1993) e Castro (2009), esta pesquisa entende que o espaço funerário não deve ser percebido apenas como cenário alheio às manifestações funerárias e, ao contrário, atua - por si só - como uma parcela efetiva do ritual. Desse modo, a concepção admitida nesta pesquisa de que os grupos tendem a manter-se conservadores em seus rituais funerários implica que esta tendência conservadora também esteja refletida em relação aos espaços fúnebres. Esta inferência baseia-se no raciocínio de que a realização de uma dada manifestação funerária em um lugar alheio ao grupo, com o qual ele não tem nenhuma relação de reconhecimento, compromete o caráter tradicional do ritual, chocando-se com os anseios do próprio grupo que prezam por esta tradicionalidade.

Naturalmente, existem casos em que as atividades funerárias poderão ser realizadas em espaços fortuitos, carentes de uma determinação prévia ou de qualquer relação com o grupo. Isto é o que pode acontecer em situações de epidemias, onde o número considerável de corpos atrelado à necessidade de um isolamento rápido dos cadáveres pode levar os grupos a sepultá-los em valas coletivas, sob realização de práticas fúnebres diferenciadas. Outros exemplos poderiam ser apontados, como os casos de guerras ou mesmo o não interesse do grupo em enterrar um determinado indivíduo junto aos demais, segundo suas conveniências próprias.

Entretanto, um número consideravelmente maior de situações pode ser apontado para exemplificar esta tendência à manutenção dos espaços fúnebres. No que concerne aos registros arqueológicos podemos mencionar o que foi observado no sítio Furna do Estrago, já mencionado anteriormente. Neste sítio, foram evidenciados 81 enterramentos inumados durante uma faixa cronológica que se estende de 1040 a 2000 anos BP (em números redondos). Segundo Lima (1985) os padrões de sepultamento observados na Furna do Estrago mostraram-se homogêneos, com permanência de práticas fúnebres uniformes durante todo o período em que foi utilizado. Este fato reforça que a utilização do sítio deu-se por grupos que, ao longo de gerações, perpassaram aos seus descendentes não apenas suas práticas fúnebres, mas também a própria manutenção do espaço funerário, conservado por um período de quase 1000 anos.

Neste caso, a utilização do mesmo espaço como local específico para às atividades fúnebres por um espaço de tempo considerável demonstra que ele pode ter sido utilizado por grupos que prezavam pela conservação de suas tradições funerárias, no que concerne as práticas propriamente ditas e também ao próprio espaço funerário. Este caso permite ilustrar o quanto os espaços funerários também tendem a ser prezados pelos grupos enquanto lugar intrinsecamente ligado as suas tradições mortuárias.

É sob a óptica destas considerações que esta pesquisa endossa a estreita relação existente entre as práticas funerárias e os seus espaços de realização. Tal relação implica que os rituais e as práticas funerárias - por seu caráter essencialmente tradicional - não encerram apenas a reprodução deliberada de sua carga simbólica e técnica (ritos), mas também a própria manutenção dos espaços, na medida em que eles circunscrevem e revigoram seus aspectos cosmológicos identitários. Fundamentando-se nestas reflexões, este estudo defende que manutenção do sítio Toca da Baixa dos Caboclos enquanto espaço funerário pode apontar a manutenção das próprias práticas funerárias dispensadas aos enterramentos nele evidenciados. Para verificar esta questão, este trabalho propôs identificar recorrências entre as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos evidenciados no referido sítio. A constatação de tais recorrências contribui para assinalar a concepção admitida nesta pesquisa de que o espaço e as práticas funerárias mantêm-se estreitamente relacionados.

1.5 Problema, hipótese e objetivos

Este trabalho foi esboçado a partir do quadro atual de conhecimento acerca das práticas funerárias pré-históricas do sudeste do Piauí. Ainda durante a elaboração do projeto de mestrado, percebeu-se que apesar da quantidade de sítios arqueológicos com presença de enterramentos pré-históricos, praticamente inexistiam trabalhos que os tomassem como objeto de estudo. Além disso, as poucas pesquisas existentes estavam direcionadas a outros objetivos e por isso, naturalmente, abordavam as práticas funerárias de forma sucinta.

Diante desta realidade, foi realizado um estudo preliminar sobre os sítios arqueológicos do sudeste do Piauí que apresentavam evidências de práticas funerárias

pré-históricas. Em tal estudo foram consultados artigos, notas, relatórios de campo e laboratório e todos os documentos que fornecessem dados sobre seus contextos arqueológicos e, sobretudo, funerários. Perante o que foi obtido, esta pesquisa optou por centrar-se no estudo do contexto funerário da Toca da Baixa dos Caboclos em função das datações disponíveis para este sítio.

As campanhas arqueológicas realizadas no referido sítio, nos anos de 1996 e 1998, evidenciaram nove enterramentos. Durante uma observação preliminar, dois fatores chamaram atenção para as práticas funerárias dispensadas a estes enterramentos: dentre as nove inumações evidenciadas, a maior parte delas eram indiretas - em urnas funerárias - e estava reunida na porção nordeste do sítio, em uma área inferior a 20 m², mesmo o abrigo possuindo um comprimento aproximado de 50 m (FIGURA 09).

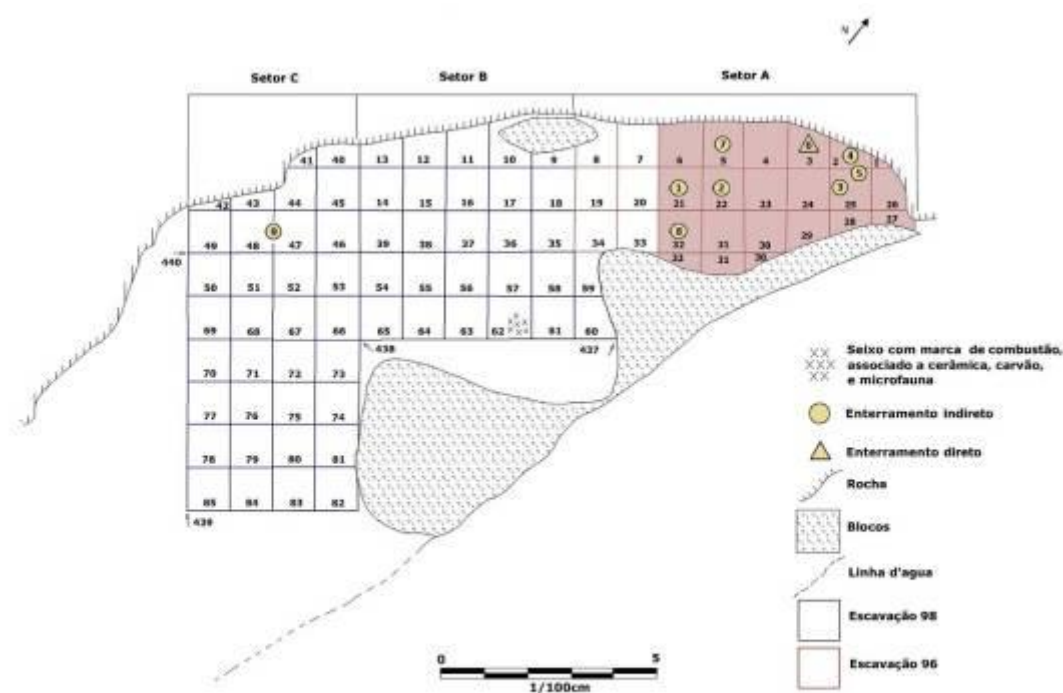


FIGURA 09: A maior parte dos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos estava reunida na porção nordeste do abrigo (em marrom). Elaboração: Ariclens dos Santos. Fonte: Acervo da FUMDHAM.

Além destes fatores, as primeiras reflexões sobre a Toca da Baixa dos Caboclos partiram das oito datações radiocarbônicas³ disponíveis para o sítio:

Enterramento	Material	Laboratório	Datação (anos BP)
01	Carvão associado	BETA 113114	450 +/- 40
01	Pele	BETA 113115	371 +/- 40
01	Cabelo	BETA 113112	340 +/- 40
01	Pele	BETA 114558	310 +/- 50
01	Osso	BETA 136208	300 +/- 40
07	Osso	BETA 136209	240 +/- 50
08	Osso	BETA 136210	320 +/- 40
09	Pele	BETA 115612	230 +/- 50

TABELA 02: Datações disponíveis para o sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Fonte: Banco de dados da FUMDHAM.

A partir destas datações, observou-se que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos foi utilizado como espaço funerário em pelo menos dois momentos cronológicos distintos: um situado na faixa de 350 anos⁴, quando foram realizados os enterramentos 01 e 08; e outro na faixa de 235 anos⁵, quando foram realizados os enterramentos 07 e 09. Esta proximidade cronológica, atrelada aos fatores supracitados (frequência na utilização de urnas e a distribuição espacial dos enterramentos) abriram espaço para uma proposição inicial – e demasiadamente genérica – de que estes enterramentos poderiam ter sido realizados pelos mesmos grupos culturais. Mas, naturalmente, este trabalho estava ciente de que uma proposição como esta não poderia ser validada apenas a partir de um estudo centrado nas práticas funerárias. Por este motivo, esta pesquisa adaptou a proposição inicial ao seguinte **problema**: as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos mostram-se recorrentes entre si?

³ As datações obtidas para estes enterramentos abrem espaço para discutir o fato de o(s) grupo(s) que utilizou a Toca da Baixa dos Caboclos ter sido contatado pelo colonizador europeu. No entanto, é preciso ressaltar que mesmo que houvesse ocorrido algum contato desta ordem, ele não esteve refletido nas práticas funerárias dispensadas a estes enterramentos, que se apresentam como reflexo de um modo de vida pré-histórico.

⁴ Média calculada a partir das datações disponíveis para os enterramentos 01 e 08.

⁵ Média calculada a partir das datações disponíveis para os enterramentos 07 e 09.

Este problema atuou como elemento norteador do estudo e determinou a metodologia a ser utilizada. Tal problema partiu, implicitamente, da concepção de Binford (1971) de que os contextos funerários podem encerrar padronizações que devem estar atreladas a questões de sexo, idade, posição e afiliação social do indivíduo no interior de seu grupo. Este autor também aponta que os grupos culturais tendem a se manter conservadores em suas manifestações funerárias, em função da contribuição que elas fornecem à manutenção, continuidade e coesão da unidade social. Estas pontuações de Binford (1971), portanto, incitam e fundamentam à identificação de recorrências entre práticas dispensadas aos enterramentos de um dado contexto funerário, mesmo que eles tenham sido realizados em momentos cronológicos relativamente distintos, conforme foi observado no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Neste trabalho, a hipótese apresentada como resposta ao problema levantado, também esteve fundamentada na própria tendência conservadora pontuada por Binford (1971) em relação às manifestações funerárias. Considerando que tais manifestações tendem a ser mantidas pelos grupos culturais, na medida em que contribuem à continuidade e coesão da unidade social; torna-se natural que sejam mantidos também os seus espaços de realização. Em concordância Halbwachs (1990); Eliade (1992), Nora (1993) e Castro (2009) defendem que os espaços funerários tendem a ser mantidos pelos seus grupos culturais, na medida em que atuam como representantes materiais de seus universos cosmológicos.

Desse modo, sob óptica destas concepções, o espaço funerário não pode ser entendido apenas como cenário alheio as atividades fúnebres. De forma contrária, ele – por si só – atua como parcela efetiva do ritual e, portanto, a sua não manutenção compromete o caráter tradicional da manifestação funerária. Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se dizer que os espaços funerários e as práticas funerárias mantêm-se estreitamente relacionados, de modo que a manutenção dos primeiros (os espaços) pode ser considerado como um indicador de que os segundos (as práticas) também tenham sido mantidos.

Dentro desta perspectiva, este trabalho propôs a **hipótese** de que manutenção do sítio Toca da Baixa dos Caboclos enquanto espaço funerário poderia apontar também a manutenção das próprias práticas funerárias dispensadas aos enterramentos nele evidenciados. Naturalmente, esta hipótese estará validada a partir do momento em que

se obtenha uma resposta afirmativa para o problema levantado, ou seja, que as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos mostrem-se recorrentes entre si.

De modo a responder o problema levantado e avaliar a hipótese admitida, esta pesquisa propôs como **objetivo geral** estudar as práticas funerárias realizadas nos nove enterramentos evidenciados no referido sítio, buscando identificar recorrências entre elas. Como **objetivos específicos** propôs-se: caracterizar as práticas funerárias realizadas em cada unidade funerária e identificar os elementos antropofísicos (sexo/idade) de cada esqueleto estudado.

Para identificar recorrências entre as práticas funerárias é necessário que se faça uso de uma metodologia ordenada e sistemática, com aplicação das mesmas variáveis a todos os enterramentos estudados. Tal metodologia, desenvolvida e aplicada neste trabalho, segue apresentada no próximo capítulo desta dissertação. Ao final desta pesquisa, a constatação de tais recorrências abrirá espaço novamente para discussão inicial feita neste trabalho, de que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos poderia ter sido utilizado e mantido como espaço funerário pelos mesmos grupos culturais.

CAPÍTULO II

PRÁTICAS FUNERÁRIAS E PERFIL FUNERÁRIO: APORTES METODOLÓGICOS

A gente morre é pra provar que viveu.

João Guimarães Rosa

2.1 As práticas funerárias como caracterizadores culturais

Conforme discutido no capítulo anterior, os rituais funerários realizados pelos grupos pré-históricos não estão acessíveis à sociedade contemporânea, visto que desapareceram – com toda a sua carga simbólica - junto com seus respectivos grupos culturais. Dentro desta perspectiva, resta à arqueologia a possibilidade de estudar seus remanescentes materiais que se conservaram no registro arqueológico. Portanto, as práticas funerárias - enquanto parcelas técnicas dos rituais - é que podem ser estudadas pelo arqueólogo e tomadas como caracterizadores culturais.

No nordeste do Brasil, a abordagem dos vestígios arqueológicos como elemento caracterizador cultural tem sido uma das principais vias utilizadas para segregar os grupos pré-históricos que ocuparam esta porção do atual território nacional. De acordo com esta perspectiva, os vestígios arqueológicos são abordados a partir de variáveis que são determinadas em função dos seus objetos de estudo.

No estudo dos registros gráficos pré-históricos, Pessis (1992) propôs abordá-los a partir da investigação de parâmetros técnicos, temáticos e cenográficos. Segundo a autora, a reunião dos dados procedentes destas três dimensões permitiria estabelecer um ou vários Perfis Gráficos que, por conseguinte, poderiam caracterizar os grupos – ao menos no que concerne à sua prática gráfica – em distintas unidades espaço-temporais.

Adaptando a proposta metodológica desenvolvida por Pessis (1992), Oliveira (1990; 2000) propôs abordar os artefatos lítico e cerâmico como caracterizadores culturais. Segundo Oliveira (1990; 2000), tal abordagem seria realizada a partir da

observação dos elementos técnicos, morfológicos e funcionais, observados em tais vestígios. Utilizando-se destas variáveis, a autora estudou conjuntos dos referidos artefatos e conseguiu discernir, em uma mesma unidade crono-espacial, técnicas produtivas diferentes que poderiam estar relacionadas a grupos distintos.

Baseando-se nas propostas metodológicas trabalhadas por Pessis (1992) e Oliveira (1990; 2000), este trabalho propôs abordar os enterramentos como caracterizadores culturais, ao menos no que concerne às práticas funerárias. Para tanto, procedeu-se a elaboração de um modelo metodológico que considerasse os enterramentos como fontes de informação acerca das manifestações fúnebres dos grupos culturais que os realizaram. Tal modelo metodológico considerou variáveis relacionadas aos aspectos biológicos e culturais, representados pelos elementos antropofísicos sepulcrais, e às dimensões crono-espaciais.

Entretanto, diferente do que Pessis (1992) e Oliveira (1990; 2000) propuseram, a abordagem dos enterramentos não pode ser feita a partir da observação de um conjunto de vestígios. De modo contrário, na investigação das práticas fúnebres inicialmente faz-se necessário o estudo particular de cada enterramento, de modo que sejam consideradas as suas especificidades. Essa investigação inicial, em escala micro, permite a reconstituição do Perfil da Unidade Funerária, que responde apenas pelas práticas funerárias realizadas em único enterramento.

Em se tratando de um sítio que contenha mais de um enterramento, como é o caso do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, faz-se necessário estabelecer o Perfil Funerário do Sítio, que reunirá o conjunto de fenômenos relacionados às práticas fúnebres realizadas nos enterramentos daquele sítio, dentro de seus respectivos contextos funerários. Em última instância, para observar o comportamento das práticas funerárias em distintas unidades crono-espaciais e permitir, portanto, a segregação dos prováveis grupos que as realizaram; é preciso observar como se apresentam os Perfis das Unidades Funerárias em uma escala macro, que considere todo o contexto funerário de uma área.

Somente a partir de uma observação que considere estes dois planos analíticos – micro e macro-escala – é que as práticas funerárias podem atuar como caracterizadores culturais, apontando a diversidade de práticas realizadas ao longo do tempo em um dado espaço geográfico. Esta diversidade, por sua vez, é que possibilitará a segregação dos prováveis grupos que as realizaram.

Abaixo, segue apresentado o modelo metodológico proposto e aplicado neste trabalho. Deve-se ressaltar que esta pesquisa propôs investigar as práticas funerárias realizadas em apenas um sítio arqueológico - a Toca da Baixa dos Caboclos - como ponto de partida para o conhecimento das práticas funerárias pré-históricas do sudeste do Piauí. Portanto, este estudo ficará restrito a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio, a partir da reconstituição dos seus respectivos Perfis das Unidades Funerárias.

2.2 Perfil Funerário

Esta pesquisa propôs reconstituir o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, como forma de estudar as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos ali evidenciados. Em uma pesquisa arqueológica, pode-se dizer que os enterramentos estão entre os vestígios que mais fornecem elementos para a reconstituição de determinados aspectos da vida dos grupos pré-históricos. Tais elementos podem ser observados a partir do estudo dos aspectos biológicos e culturais que se preservaram no contexto arqueológico.

No que concerne aos elementos biológicos, aproveitando as contribuições de disciplinas especializadas, torna-se possível ascender a aspectos como DNA, padrões de alimentação, patologias, entre outros. Os elementos culturais, por sua vez, podem ser estudados através dos vestígios relacionados às próprias práticas funerárias: as estruturas preparadas para acomodação dos enterramentos, os materiais utilizados em acompanhamento, o modo como foram agenciados no espaço, entre outros.

Diante da quantidade e qualidade de informações que o estudo dos enterramentos possibilita, torna-se imprescindível que a sua abordagem parta de uma perspectiva interdisciplinar, onde os dados provindos de diversas ciências e disciplinas permitam um número máximo de informações que viabilizem, mesmo que parcialmente, a reconstituição dos aspectos biológicos e culturais dos grupos pré-históricos.

Conforme mencionado anteriormente, para estudar as práticas funerárias realizadas nos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos este trabalho necessitou, em um primeiro momento, estabelecer uma abordagem metodológica

sistemática que permitisse explorar os enterramentos como fontes de informação acerca das manifestações fúnebres de seus respectivos grupos sociais.

A abordagem metodológica proposta nesta pesquisa procedeu da adaptação dos aportes teórico-metodológicos propostos por Pessis (1992) ao estudo dos grafismos rupestres àqueles sancionados pela Arqueologia da Morte. Sob um viés processualista, a concepção de um Perfil Funerário foi formulada a partir de uma perspectiva sistêmica, segundo a qual os fenômenos relacionados aos enterramentos são observados a partir de variáveis pré-estabelecidas, que permitem ordená-los hierarquicamente e relacioná-los entre si e entre as unidades funerárias estudadas, dentro dos seus respectivos contextos funerários.

Deste modo, um Perfil Funerário (FIGURA 01) constitui o conjunto ordenado de fenômenos relacionados às diversas práticas fúnebres observadas em uma totalidade de sítios arqueológicos de uma dada área. Como parte de uma escala macro, para estabelecer o Perfil Funerário é necessário, em um primeiro momento, proceder a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio⁶ e dos Perfis das Unidades Funerárias⁷, ambos considerados em uma escala micro.

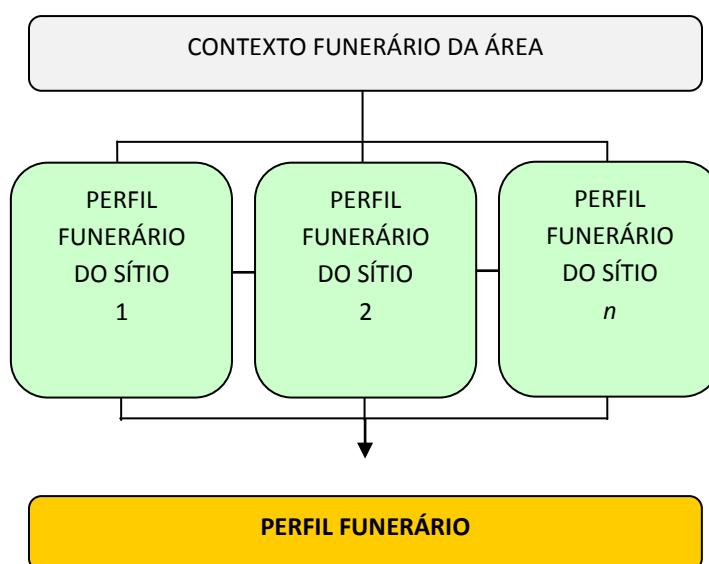


FIGURA 01: Reconstituição do Perfil Funerário em suas fases.

⁶ O Perfil Funerário do Sítio está apresentado com minúcia no item 2.3.1 deste capítulo;

⁷ O Perfil da Unidade Funerária está apresentado com minúcia no item 2.3.2 deste capítulo;

Portanto, à reconstituição de um Perfil Funerário procede a uma perspectiva micro e macro-analítica. Em escala micro, estão relacionados os fenômenos associados às práticas fúnebres de cada enterramento em particular, que permite estabelecer o Perfil da Unidade Funerária; e aqueles relacionados às práticas fúnebres realizadas em um dado sítio arqueológico, que permite a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio. Em uma escala macro, estão relacionados os fenômenos associados às práticas fúnebres realizadas, de modo geral, nos enterramentos dos n sítios de uma dada área, que permite reconstituir o Perfil Funerário. Em outras palavras, o Perfil Funerário é reconstituído a partir da reunião dos Perfis Funerários dos Sítios que, por sua vez, são reconstituídos a partir da reunião dos Perfis das Unidades Funerárias que encerram (FIGURA 02).

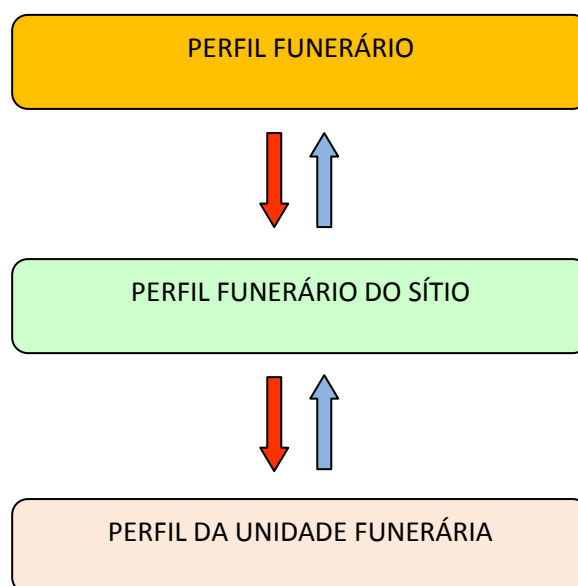


FIGURA 02: Organograma simplificado da reconstituição do Perfil Funerário.

A reconstituição do Perfil Funerário, portanto, fornece contribuições significativas às sínteses sobre os aspectos culturais dos povos pré-históricos que ocuparam uma determinada região. Por este motivo, para reconstituir o Perfil Funerário de uma área arqueológica, torna-se imprescindível a investigação do maior número possível de enterramentos e sítios. É evidente que cada sítio apresenta, inevitavelmente, um perfil particular, aqui designado como Perfil Funerário do Sítio. No entanto, nestes casos, este perfil responde apenas pelas práticas funerárias realizadas nos enterramentos de um

único sítio e, portanto, não é representativo das manifestações funerárias ocorridas em uma área.

Com relação ao sudeste do Piauí as pesquisas centradas nas práticas funerárias são ainda de caráter preliminar e não fornecem parâmetros para reconstituir o Perfil Funerário da área como um todo. Como ponto de partida, esta pesquisa propôs estabelecer o Perfil Funerário do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, a partir da reconstituição dos seus respectivos Perfis das Unidades Funerárias. Desse modo, este trabalho restringiu-se a um plano analítico de escala micro, cujos procedimentos metodológicos seguem apresentados nos itens subseqüentes.

2.2.1 Perfil Funerário do Sítio (PFS)

Conforme explanado acima, o Perfil Funerário do Sítio (FIGURA 03) constitui o conjunto de elementos relacionados às práticas fúnebres realizadas na totalidade de enterramentos evidenciados em um dado sítio arqueológico. Para reconstituir este perfil, devem ser adotados dois procedimentos principais: a análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias e a análise da distribuição crono-espacial destes perfis.

A análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias deve ser feita a partir do ordenamento sistemático das informações obtidas com estes perfis, mediante a utilização de protocolos que possibilitem alistar os dados e visualizá-los sob uma perspectiva geral. Tal ordenamento torna-se necessário na medida em que permite a constatação de prováveis recorrências entre os enterramentos e sintetiza o modo como as práticas funerárias se comportaram no sítio estudado.

A análise da distribuição crono-espacial deve ser feita a partir do estudo da planta baixa das áreas escavadas e dos perfis estratigráficos, levando em conta as cronologias disponíveis para o sítio. Esta análise mostra-se pertinente na medida em que permite observar como as unidades funerárias se configuram e inter-relacionam no espaço funerário em distintos momentos cronológicos.

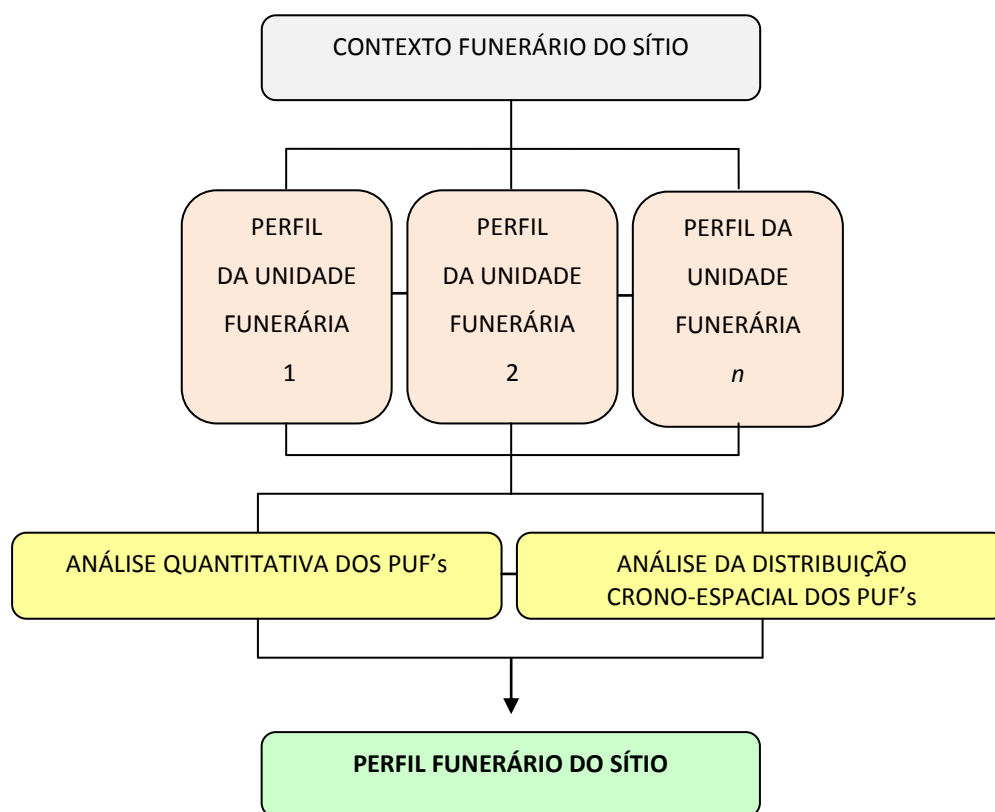


FIGURA 03: Fases para a reconstituição Perfil Funerário do Sítio.

Dentro desta perspectiva, o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos foi estabelecido a partir dos referidos procedimentos analíticos, que permitiram pontuar as práticas fúnebres no contexto funerário do sítio. Ao reconstituir o Perfil Funerário Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, este trabalho fornece uma contribuição ao conhecimento das práticas funerárias realizadas pelos grupos pré-históricos da região sudeste do Piauí e, ao mesmo tempo, reforça a necessidade de desenvolvimento de outras pesquisas sobre esta temática.

2.2.2 Perfil da Unidade Funerária (PUF)

Conforme apresentado, o Perfil da Unidade Funerária (FIGURA 04) constitui a base para a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio e do Perfil Funerário de uma dada região. Considerando que os indivíduos podem ser enterrados segundo rituais e práticas

diversas, a concepção de Perfil da Unidade Funerária decorreu da necessidade de observar, em particular, as especificidades de cada enterramento.

O Perfil da Unidade Funerária corresponde, portanto, ao conjunto de elementos relacionados às ações fúnebres, materialmente representados no contexto funerário pelos elementos antropofísicos e sepulcrais, observáveis individualmente em cada enterramento; e explicitados nos tópicos subseqüentes.

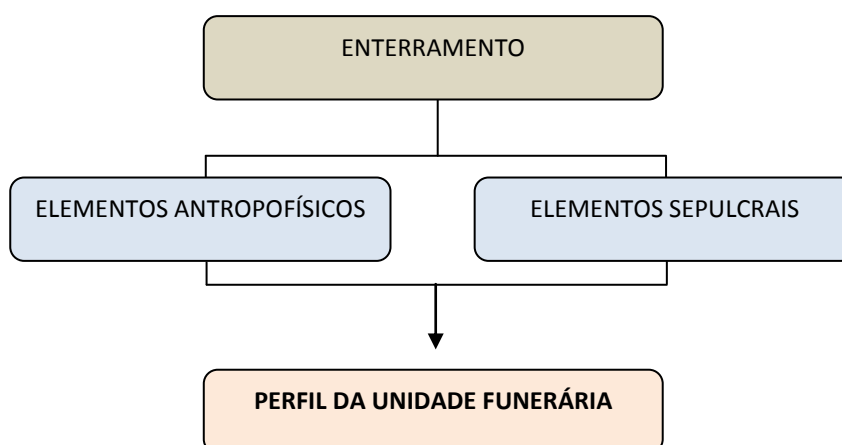


FIGURA 04: Organograma do Perfil da Unidade Funerária.

2.2.2.1 Elementos antropofísicos

Os elementos antropofísicos (FIGURA 05) contemplam os atributos biológicos dos indivíduos sepultados e podem ser estudados a partir dos vestígios ósseos, dentários e dos tecidos moles - quando estes se preservam. O estudo de tais elementos, com o auxílio de ciências especializadas, permite ascender a aspectos como sexo, idade, patologias, anatomia, DNA, entre outros. No que concerne aos elementos antropofísicos, em cumprimento aos objetivos desta pesquisa, foram consideradas apenas as variáveis sexo e idade.

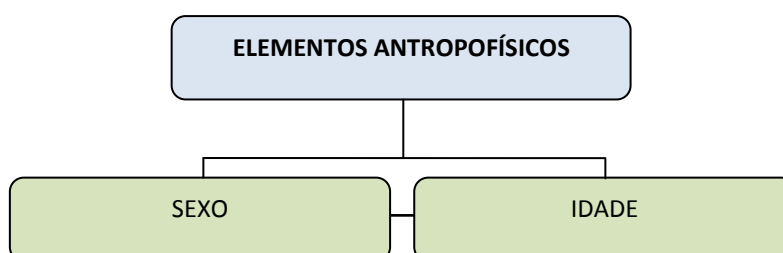


FIGURA 05: Variáveis consideradas nos elementos antropofísicos.

Estas variáveis foram utilizadas pelo fato que - além de apresentarem um caráter indubitável - devem encerrar divisões sociais que podem estar refletidas nas práticas funerárias (BINFORD, 1971; SAXE, 1970). Questões antropofísicas mais aprofundadas, como o estudo de patologias, DNA, entre outras; não serão consideradas, uma vez que não parecem intervir diretamente nas práticas funerárias realizadas nos enterramentos estudados.

2.2.2.2 Elementos sepulcrais

Os elementos sepulcrais (FIGURA 06) abrangem os fenômenos que estão efetivamente relacionados às práticas funerárias e, nesta pesquisa, são representados por três variáveis: a estrutura funerária, o tratamento funerário e o acompanhamento funerário. A utilização destas variáveis se justifica pelas informações que elas podem fornecer:

1. Possibilitam reconstituir, mesmo que parcialmente, as etapas técnicas do ritual funerário;
2. Tomadas em associação com os elementos antropofísicos, permitem inferências acerca dos papéis sociais ou *status* do indivíduo (BINFORD, 1971; SAXE, 1970);
3. Possibilitam inferências acerca da energia despendida no ritual funerário (BINFORD, 1971; TAINTER, 1978; O'SHEA, 1984);

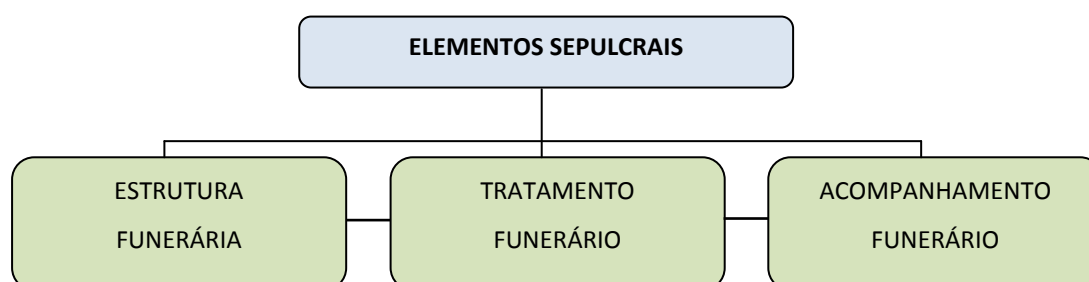


FIGURA 06: Variáveis consideradas nos elementos sepulcrais.

Naturalmente, cada uma das variáveis consideradas no âmbito dos elementos sepulcrais é seguida por outras subvariáveis que permitem observar as especificidades de cada enterramento. Abaixo, elas seguem explicitadas.

a) Estrutura funerária

A estrutura funerária constitui o local intencionalmente preparado para a deposição do cadáver. Através da análise desta estrutura – naturalmente, quando não houve perturbações pós-deposicionais intensas - torna-se possível fazer algumas inferências sobre sua preparação: a organização de blocos rochosos para demarcação de limites ou estruturação de pisos permite, através da análise das dimensões e pesos destes blocos, fazer uma estimativa da quantidade de energia dispensada na preparação da cova; do mesmo modo, análises minuciosas do sedimento podem identificar resquícios de micro-vegetais utilizados como forro, entre outras possibilidades.

Na estrutura funerária foram consideradas as subvariáveis: tipo, as dimensões, a forma e os limites (FIGURA 07).

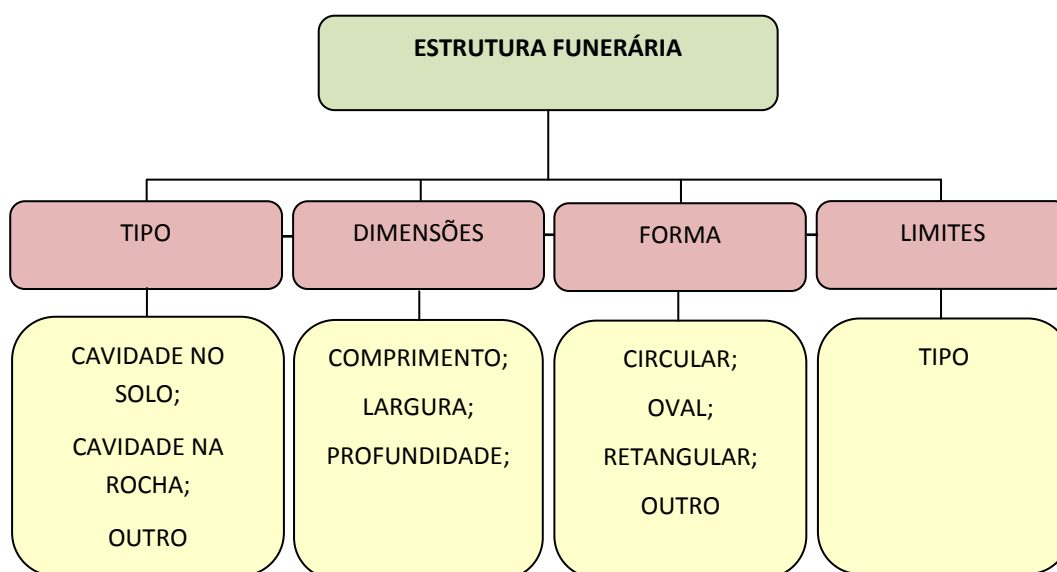


FIGURA 07: Subvariáveis consideradas na estrutura funerária.

Conforme pode ser observado, no que concerne ao **tipo**, as estruturas funerárias podem se apresentar de modos diversos: uma cova no sentido mais comum, ou seja, uma cavidade escavada diretamente no sedimento; uma cavidade escavada diretamente no substrato rochoso, como acontece em quatro enterramentos da Toca da Baixa dos Caboclos; uma “gaveta”, como nos cemitérios atuais. Existe também a possibilidade de que o indivíduo tenha sido apenas depositado na superfície do solo e recoberto por

algum tipo de material, como foi observado no sepultamento do sítio Toca dos Coqueiros, na área do Parque Nacional Serra da Capivara⁸.

Com relação às **dimensões**, as estruturas funerárias podem apresentar comprimentos, larguras e profundidades diversos, variando aleatoriamente; segundo ao porte do indivíduo; ou mesmo mostrando-se padronizada a todos os enterramentos. Observação semelhante pode ser feita com relação à **forma** destas estruturas, que também podem mostrar-se padronizadas ou particulares a cada enterramento. Quanto aos **limites**, eles podem ter sido ou não intencionalmente demarcados com algum material, como seixos, blocos rochosos exógenos ou endógenos ao sítio, entre outros. Por este motivo, torna-se necessário que estes materiais estejam devidamente descritos, destacando-se, sobretudo, sua matéria-prima e quantidade.

Portanto, dentro do que foi explanado, pode-se dizer que as variáveis consideradas na caracterização da estrutura funerária podem divergir, e geralmente divergem, em cada enterramento, inclusive entre aqueles de um mesmo sítio. Desse modo, torna-se necessário que tais variáveis sejam consideradas e minuciosamente descritas, como forma de viabilizar as comparações entre os enterramentos.

b) Tratamento funerário

O tratamento funerário (FIGURA 08) consiste no próprio tratamento dispensado ao indivíduo antes e durante o enterramento. A depender do estado de conservação do enterramento, alguns fenômenos relacionados ao tratamento funerário nem sempre podem ser observados com precisão.

Por exemplo, sobre a ornamentação do corpo do indivíduo abundam documentos históricos e etnográficos que fazem menção a utilização de penas, vegetais e corantes naturais durante o ritual funerário. Entretanto, salvo em condições extraordinárias, estes materiais não se preservam no registro arqueológico. Por vezes, pode-se encontrar vestígios de fibras vegetais que poderiam até estar relacionados à ornamentação do corpo, mas com a ausência de indícios seguros que permitam estabelecer tal relação,

⁸ Segundo GUIDON (1998), para este enterramento não foi escavada nenhuma cavidade, tendo o corpo apenas sido recoberto por lajes de arenito.

estes tipos de vestígios são geralmente descritos na categoria dos acompanhamentos funerários.

No organograma abaixo podem ser observadas as principais subvariáveis consideradas na caracterização do tratamento funerário que, em seguida, estão apresentadas com minúcia.

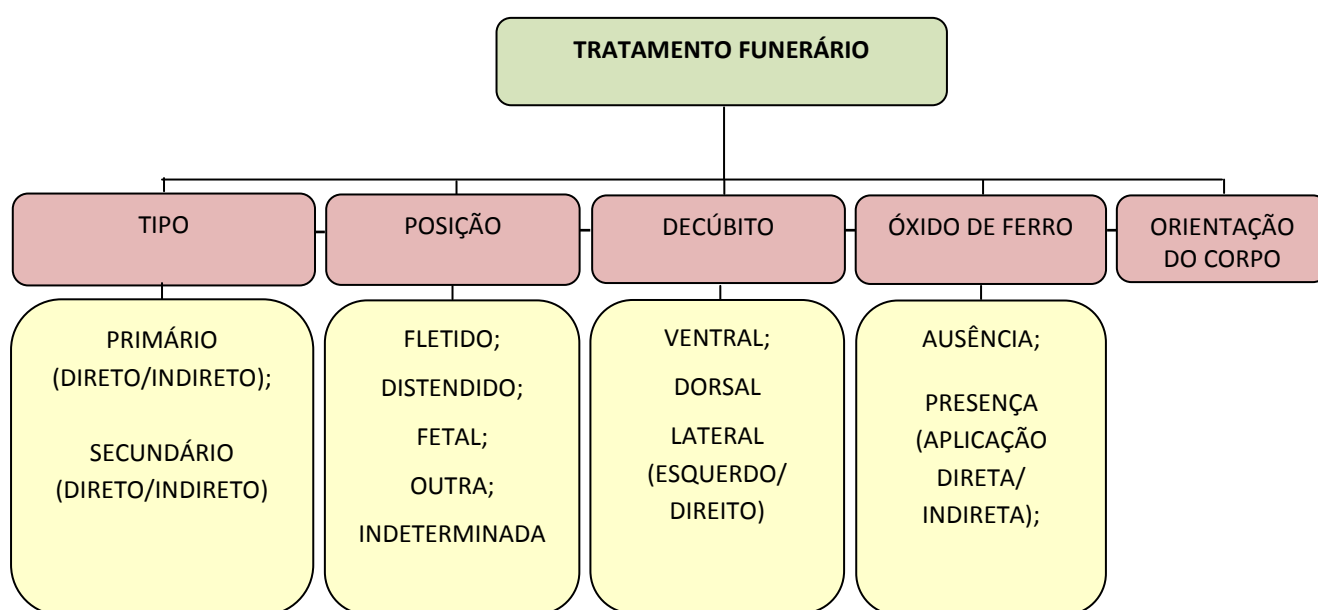


FIGURA 08: Subvariáveis consideradas no tratamento funerário.

Conforme pode ser observado, no que concerne ao tipo de tratamento, os enterramentos podem ser apresentar sob quatro maneiras: primário direto, primário indireto, secundário direto e secundário indireto. A princípio⁹, um enterramento pode ser considerado primário pela constatação da conexão anatômica do esqueleto. De modo contrário, a ausência desta conexão anatômica poderia indicar um enterramento secundário.

Assim, quando o estado de conservação do esqueleto permite, não parece ser tarefa difícil determinar se um enterramento é primário ou secundário. No entanto, torna-se impossível ao pesquisador inferir quando um indivíduo foi inumado uma única

⁹ Propondo analisar a confiabilidade da conexão anatômica ser considerada como elemento confirmativo da presença de enterramentos primários, Rohr (1960 *apud*. MONTARDO, 1995) realizou experimentos com animais para testar se os processos de descarnamento dos ossos afetavam, de fato, a conexão anatômica do esqueleto. Como resultado, o autor percebeu que, por vezes, a cartilagem sustenta a conexão anatômica dos ossos o que, transferido para os enterramentos humanos, poderia levar à falsa constatação de um enterramento primário.

vez, mas com o intuito posterior de um segundo enterramento que, por qualquer motivo, não tenha sido realizado.

Portanto, o processo de realização de um enterramento primário parece mais susceptível de identificação que no de um secundário, mesmo sabendo da possibilidade de aquele enterramento não ter seguido o destino final que o grupo social quisesse lhe dar. Nos enterramentos secundários, pode-se dizer que apenas os processos ocorridos neste segundo sepultamento poderão ser estudados pelo pesquisador, pois, nestes casos, todos os indícios que demonstrariam os procedimentos realizados durante primeira inumação foram perdidos com a exumação do cadáver pelo próprio grupo cultural.

Ainda no que tange aos tipos de enterramentos, os termos “direto” e “indireto” referem-se à presença ou ausência de qualquer invólucro utilizado para envolver o indivíduo. Tal invólucro pode ser uma urna funerária ou outros materiais orgânicos que geralmente não se preservam no contexto arqueológico, como couro, fibras vegetais, cestarias, troncos de madeira, entre outros.

Em todos os casos, faz-se necessário uma descrição e análise do material: nos casos de envoltórios em fibras vegetais, é possível ascender às espécies vegetais utilizadas em sua confecção, aos tipos de trançados, entre outros; em se tratando de uma urna funerária, deve-se considerar os tratamentos das superfícies externa e interna, as dimensões (diâmetro da boca, diâmetro máximo e altura), a pasta, a espessura das paredes e a presença de sinais de fuligem. Convém ressaltar que estas observações devem ser feitas com relação ao vasilhame contendor¹⁰ da urna funerária e também ao opérculo (tampa), quando este existir.

No que concerne a posição do esqueleto, esta só pode ser determinada quando seus ossos apresentam um mínimo de conservação e organização - seja uma organização anatômica natural, no caso dos enterramentos primários; ou uma organização notoriamente intencional, como se pressupõe que ocorra nos enterramentos secundários. Em casos de sepultamentos onde restam apenas ossos curtos e fragmentos ósseos esparsos é praticamente impossível determinar sua determinação posição.

A posição do esqueleto é determinada a partir da disposição dos ossos da coluna vertebral, dos braços e das pernas. As principais posições registradas nos contextos funerários são: fletido, distendido e fetal. A constatação de algumas posições, como a

¹⁰ Refere-se ao vasilhame que efetivamente guardava o enterramento.

fetal; pode indicar que o enterramento, ou pelo menos o posicionamento do corpo, tenha ocorrido antes do processo de *rigor mortis* que se dá em até sete horas após a morte (RUFFIÉ, 1986). No caso dos enterramentos secundários, é necessário considerar a posição de cada osso, como modo de tentar observar as etapas de organização do arranjo dos ossos. O decúbito geralmente varia entre: lateral esquerdo ou direito, dorsal ou ventral.

A orientação do corpo é definida segundo a orientação da coluna vertebral. Montardo (1995) sugere que a orientação do corpo e da face não seja considerada apenas em relação aos pontos cardeais, mas também a acidentes geográficos, como rios, lagos; e a localização de outros sítios, principalmente as aldeias – se estas forem conhecidas. Para Montardo (1995) estes elementos devem ser considerados pela frequência com que são aparecem nos registros etnográficos, podendo também ocorrer entre os grupos pré-históricos.

No que concerne a presença de Óxido de Ferro, é possível observá-la sob três maneiras: por aplicação direta sobre os ossos; por aplicação indireta sobre os ossos; ou por fragmentos de Óxido de Ferro, com ou sem marcas de uso, que aparecem em contigüidade ao esqueleto. Neste último caso, o Óxido de Ferro deve ser considerado na categoria dos acompanhamentos funerários.

A aplicação direta sobre os ossos implica necessariamente em um enterramento secundário. Neste caso, pode ser realizada segundo duas técnicas: através da aplicação de uma camada de pigmento diretamente na superfície óssea, que se apresentará sob forma de uma película de pigmento; ou através do polvilhamento do Óxido de Ferro sobre os ossos, que se apresentará sob forma de pontos esparsos do Óxido de Ferro.

A aplicação indireta sobre os ossos, por sua vez, reflete um enterramento primário. Neste caso, supõe-se que uma quantidade expressiva de Óxido de Ferro tenha sido depositada sobre o corpo do indivíduo e, após o desaparecimento dos tecidos moles, este material tenha se aderido aos ossos. Em situações como esta, o Óxido de Ferro também se apresentará sob forma de pontos esparsos, semelhante aos enterramentos secundários que foram polvilhados com o Óxido de Ferro.

c) Acompanhamento funerário

O acompanhamento funerário consiste em todos os materiais que foram intencionalmente depositados com o enterramento durante o ritual funerário, podendo corresponder a artefatos, ecofatos ou estruturas de combustão. Enquanto os primeiros correspondem aos artefatos propriamente ditos, como líticos, cerâmica, adornos; os segundos referem-se aqueles materiais que foram manipulados, mas não alterados pelo homem, como por exemplo, seixos acumulados junto do cadáver, folhas utilizadas para recobri-lo, flores ofertadas, entre outras. No que se refere as estruturas de combustão, estão principalmente as fogueiras, por vezes evidenciadas em níveis contíguos ou superiores ao enterramento.

A princípio, a determinação dos materiais utilizados como acompanhamento funerário pode parecer uma tarefa de fácil execução para o arqueólogo, mas de fato não é. Esta dificuldade decorre do próprio do registro arqueológico que nem sempre permite determinar, à primeira vista, os materiais que foram intencionalmente depositados no contexto funerário e aqueles que não foram. Essa situação torna-se freqüente, sobretudo, entre os ecofatos, em que a ausência de marcas antrópicas tende por vezes a ser percebida como uma ausência de intencionalidade quanto à sua utilização, ou seja, de uma deposição intrusiva e aleatória.

Considerando estas dificuldades, torna-se imprescindível à análise minuciosa do registro arqueológico com vistas ao reconhecimento dos materiais que efetivamente foram utilizados como acompanhamento funerário (FIGURA 09). Tal análise deve ser feita a partir da observação factual dos vestígios coletados no contexto funerário, levando em conta os seus exatos posicionamentos em relação ao enterramento. A observação destes posicionamentos, aliás, é um dos fatores que mais contribuem à determinação dos acompanhamentos funerários. Mas, naturalmente, informações relevantes só podem ser obtidas quando o contexto funerário não sofreu intensas perturbações. Por exemplo, a comprovação de restos vegetais posicionados logo acima do esqueleto pode indicar que o cadáver foi recoberto com alguma espécie vegetal. Em uma situação contrária, quando estes vestígios aparecem dispersos aleatoriamente ao longo das decapagens, parece mais provável que eles sejam de caráter intrusivo.



FIGURA 09: Fases para a determinação dos acompanhamentos funerários.

Dentro desta perspectiva, pode-se dizer que é somente após esta análise minuciosa que os acompanhamentos funerários podem ser efetivamente determinados e, em um segundo momento, considerado no âmbito de três variáveis principais: os artefatos, ecofatos ou estruturas de combustão (FIGURA 10).

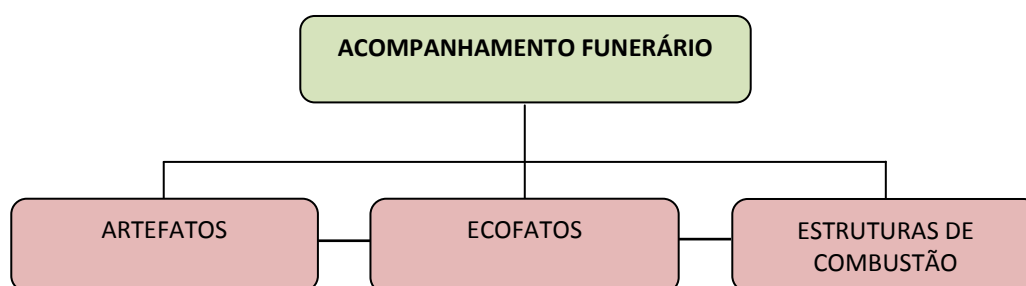


FIGURA 10: Variáveis consideradas nos acompanhamentos funerários.

Naturalmente, as variáveis apresentadas acima estão seguidas por subvariáveis, que estão explicitadas a seguir.

Na categoria dos **artefatos** associados ao enterramento devem ser observados o tipo de objeto utilizado e o seu posicionamento em relação ao esqueleto (FIGURA 11).

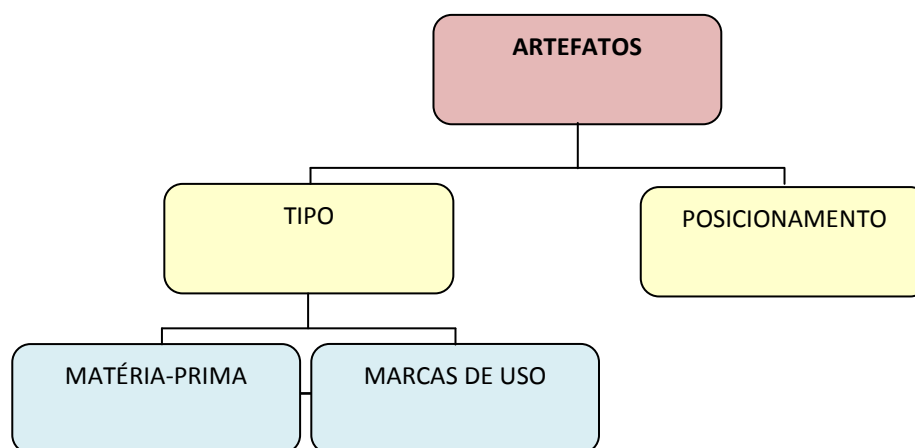


FIGURA 11: Subvariáveis consideradas na categoria dos artefatos.

O tipo refere-se ao próprio artefato utilizado como acompanhamento: pode ser um artefato lítico, cerâmico, um adorno, entre outros. É necessário que eles estejam devidamente discriminados: em se tratando de um material lítico, deve-se especificar se é um raspador, uma ponta de flecha, um percutor; em casos de um adorno, deve-se pontuar se trata-se de um colar, uma faixa trançada para a cabeça; e assim para todos os artefatos.

A matéria-prima com que o artefato foi produzido também deve estar pontuada. Em se tratando de artefatos líticos, a identificação rocha ou mineral permite fazer inferências acerca das prováveis fontes de matéria-prima; o mesmo acontece com a identificação das fontes de fontes de argila utilizada na confecção dos artefatos cerâmicos. Tal identificação das fontes de matéria-prima, por sua vez, permite fazer inferências acerca da energia despendida na produção dos referidos artefatos.

No caso dos adornos produzidos com espécies vegetais, como colares de sementes ou trançados de fibra vegetal, é possível conhecer as espécies utilizadas em sua confecção. Em se tratando daqueles confeccionados em osso, pode-se conhecer a espécie dos animais aproveitados. Em ambos os casos, a identificação de espécies permite inferências acerca da disponibilidade e aproveitamento dos recursos naturais. Com relação às marcas de uso, elas podem indicar que o artefato foi utilizado outras vezes, podendo corresponder a um objeto de uso cotidiano. A ausência de marcas de uso, por sua vez, permite inferências acerca deste artefato ter sido preparado exclusivamente para o ritual funerário.

No que concerne ao posicionamento do artefato em relação ao esqueleto, esta também deve ser considerada. Em alguns enterramentos do sítio Justino/SE, Martin (2008) apresenta que vasilhames cerâmicos foram colocados sobre a cabeça e o abdômen dos indivíduos. No mesmo sítio, outro enterramento também apresentou, sobre a cabeça e abdômen, lajes de pedra recortadas em formato circular. Este caso permite exemplificar que, às vezes, é possível que exista uma relação de intencionalidade entre o acompanhamento funerário e a parte do corpo em que ele foi depositado; e, portanto, torna-se imprescindível que a localização do artefato em relação ao esqueleto seja devidamente pontuada.

Na categoria dos **ecofatos** devem ser especificados o tipo de material utilizado e o seu posicionamento em relação ao esqueleto (FIGURA 12).

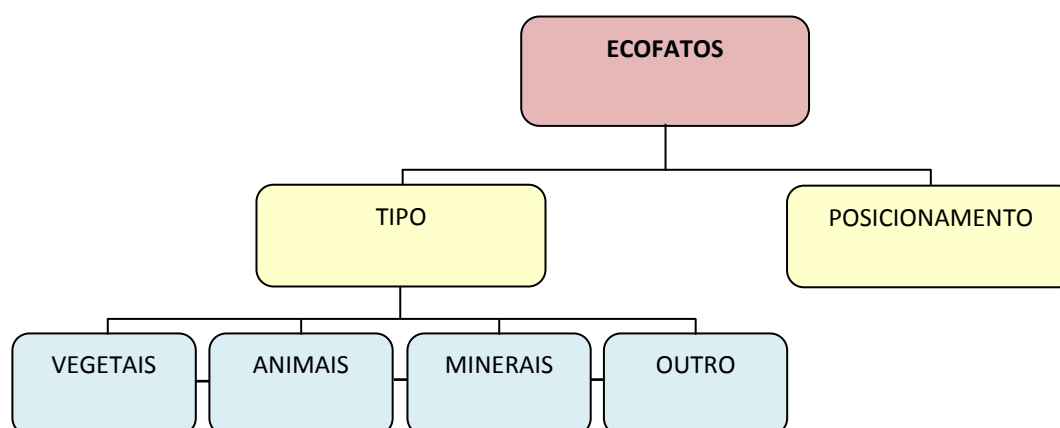


FIGURA 12: Subvariáveis consideradas na categoria dos ecofatos.

O **tipo** refere-se ao próprio material utilizado como acompanhamento: podem ser vestígios vegetais, de fauna ou fragmentos de minerais.

Entre os vestígios vegetais devem ser considerados os resquícios de fibras vegetais, folhas, fragmentos de madeira, entre outros; reflexo de duas possibilidades principais:

- Foram utilizados como acompanhamento funerário em suas condições naturais, sem sofrer alterações intencionais;
- São resquícios deteriorados de artefatos, como adornos, cestarias;

Para perceber em quais destas possibilidades os vestígios vegetais se enquadram é preciso considerar o seu posicionamento em relação ao esqueleto, tendo em vista que - a depender do estado de conservação do enterramento - nem sempre é possível verificar esta questão. A análise de tais vegetais pode também permitir a identificação das espécies que, por conseguinte, fornecem subsídios sobre a disponibilidade e aproveitamento de recursos.

Entre os vestígios de animais deve-se considerar a presença de malacológicos e ossos de animais. A presença deste tipo de vestígios pode estar relacionada a duas possibilidades:

- Resultam de animais que foram intencionalmente depositados junto com o indivíduo perfazendo, portanto, parte de seu enxoval funerário;
- Resultam de animais que foram consumidos durante e como parte do ritual funerário;

Para verificar estas possibilidades é preciso considerar o posicionamento dos resquícios de animais em relação ao esqueleto. Por exemplo, no caso destes vestígios faunísticos serem resultantes de animais que foram consumidos durante e como parte do ritual funerário, pressupõe-se que estejam sobre o enterramento e associados a vestígios de combustão. Do mesmo modo que os vestígios vegetais, a identificação da espécie do animal também fornece subsídios sobre a disponibilidade e aproveitamento dos recursos.

Entre os minerais podem constar diversos materiais, sendo freqüente nos contextos arqueológicos a presença de fragmentos sólidos de Óxido de Ferro; que também devem ser pontuados quanto sua localização em relação ao esqueleto.

Na categoria das **estruturas de combustão** (FIGURA 13) devem estar descritos as evidências de possíveis fogueiras em contigüidade ou nos níveis superiores do sepultamento. Deve-se considerar se tais vestígios correspondem a fogueiras estruturadas ou apenas carvões esparsos, que podem ser resultado de pequenos fogos.

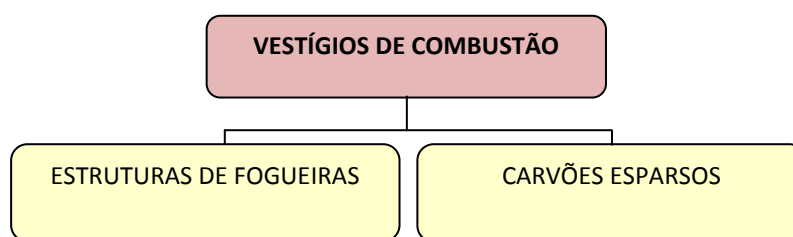


FIGURA 13: Subvariáveis consideradas na categoria dos vestígios de combustão.

No sudeste do Piauí, os vestígios de combustão foram registrados em enterramentos de pelo menos três sítios arqueológicos: na Toca do Paraguaio foi constatada uma camada de cinzas sobre duas sepulturas; na Toca dos Coqueiros, o único sepultamento evidenciado também estava sob uma camada de cinzas que continha ossos de animais; e, por último, na Toca do Gongo I, entre os seis enterramentos evidenciados, quatro apresentavam restos de fogueira nos níveis superiores (CISNEIROS, 2003). Como em nenhum dos casos os esqueletos chegaram a ser efetivamente cremados, Martin (2008) admite que estas fogueiras devem ter sido acesas com intuítos meramente rituais.

Conforme apresentado, o Perfil da Unidade Funerária constitui a base para a reconstituição de um Perfil Funerário. Por este motivo, é necessário que sua reconstituição seja feita a partir de um detalhamento minucioso das variáveis e subvariáveis consideradas no âmbito dos elementos antropofísicos e sepulcrais, de modo que seja possível observar as especificidades de cada enterramento. Em uma perspectiva macro, tais especificidades poderão denotar diversificações entre os Perfis das Unidades Funerárias que, por conseguinte, podem estar relacionadas a especificidades culturais internas ou ser resultado de práticas culturais de grupos distintos.

CAPÍTULO III

PRÁTICAS FUNERÁRIAS PRÉ-HISTÓRICAS NO SÍTIO TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS

Ô minha fia, e é verdade que depois que levaro esse cabôquim daqui, vem gente até do estrangeiro vê eles?

Seu Genésio Lopes da Silva, “sinhô e dono” da Fazenda São Francisco, sede do sítio Toca da Baixa dos Caboclos/PI, em 13 de fevereiro de 2011.

3.1 O sudeste do Piauí: contexto ambiental e arqueológico

O sítio estudado nesta pesquisa – Toca da Baixa dos Caboclos - está localizado na região sudeste do Piauí, no município de Coronel Gervásio de Oliveira, e insere-se na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara¹¹.

Atualmente, esta região é caracterizada por um clima semi-árido com uma temperatura média anual de 28°C, mas que pode atingir mínimas de 10°C e máximas de 45°C. O período de chuvas ocorre entre os meses de Outubro e Abril e o índice pluviométrico é inferior a 700 mm. Possui um balanço hídrico precipitações/evapotranspiração negativo¹², o que atua condicionando a irregularidade permanente dos cursos de água. Nos terrenos pré-cambrianos existem algumas lagoas temporárias e nas chapadas são encontrados olhos d’água que se mantém perenes durante todo o ano (LA SALVIA, 2006). No que tange à vegetação, a área de estudo está

¹¹ Os limites oficiais do Parque Nacional Serra da Capivara são demarcados pelas coordenadas 8°26'50" e 8°54'23" S e 42°10'21" e 42°42'53" W. No entanto, devido ao fato de diversos sítios arqueológicos terem sido encontrados em áreas externas a estes limites, considera-se que a então designada “Área Arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara” extrapola esta demarcação oficial e contempla sítios localizados no interior e no entorno desta unidade de conservação.

¹² Segundo Santos (2007: 15), o índice pluviométrico desta região oscila entre 600 e 700 mm por ano. Segundo La Salvia (2006: 31), o índice de evaporação pode atingir 2.300 mm ou mais. De acordo com o método de Thornthwaite e Mather (1955, *apud.* LA SALVIA, 2006) a necessidade de água (evapotranspiração potencial) varia entre 1.300 a 2.000 mm/ano. Dessa forma o balanço hídrico precipitações/evapotranspiração é negativo, com um déficit que pode variar de 300 a 1000 mm/ano.

inserida no domínio do bioma caatinga¹³, mas possui diversas formações vegetacionais que variam de acordo com o substrato rochoso Emperaire (1980)¹⁴.

No que concerne a geologia, o sudeste do Piauí está situado em uma região fronteira de dois domínios: a Faixa de Dobramentos Riacho do Pontal e a Bacia Sedimentar do Parnaíba. Geomorfologicamente, a Faixa de Dobramentos Riacho do Pontal caracteriza-se pela presença de maciços de gnaiss, *inselbergs* de granito, serrotes de calcário, entre outros; enquanto que na Bacia Sedimentar do Parnaíba são encontradas formas diversificadas como serras, *cuestas*, vales, boqueirões, entre outros (SANTOS, 2007). Esses diversos tipos de paisagem atribuem à região uma maior potencialidade de recursos naturais com possibilidade de diferentes *habitat*, o que pode ter atuado com um atrativo para o estabelecimento de grupos humanos em períodos pré-históricos (GUIDON, 1989).

Nesta região, as pesquisas arqueológicas foram iniciadas pela Missão Arqueológica Franco-brasileira a partir da década de 1970, quando foram realizados os primeiros levantamentos sistemáticos dos sítios contendo grafismos rupestres. Desde então, um conjunto de dados arqueológicos, paleontológicos e ambientais relativos à região começou a ser levantado. Visando a proteção do patrimônio ecológico, arqueológico e paleontológico foi criado, em 1979, o Parque Nacional Serra da Capivara e, em 1986, à Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), que desde à época vem coordenando as pesquisas nesta área.

Atualmente, na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara, estão cadastrados 1.295¹⁵ sítios arqueológicos - de caráter histórico e pré-histórico - e paleontológicos. A maior parte deles constitui sítios com grafismos rupestres, mas ocorrem também oficinas de material lítico e cerâmica, cemitérios, aldeias e àqueles

¹³ Vegetação tipicamente caducifolia, onde ocorrem também espécies espinhosas, de cipós, Cactáceas, Bromeliáceas; e a presença de um tapete herbáceo anual que deve ser modulado em função do grau de aridez, do tipo de solo e, sobretudo, da ação antrópica (EMPERAIRE, 1980).

¹⁴ Em sua tese de doutorado, Emperaire (1980) faz um estudo etnobotânico sobre as formações vegetacionais do sudeste do Piauí e estabelece as seguintes categorias de vegetação: caatinga arbustiva alta densa, formações arbóreas, caatinga arbórea média densa, caatinga arbustiva baixa e caatinga arbustiva arbórea. Segundo o autor, estas categorias variam de acordo com o substrato rochoso.

¹⁵ Banco de dados da FUMDHAM em julho de 2010;

referentes ao período de ocupação histórica da região, como casas dos antigos moradores, fornos de farinha, ocupações dos caieiros¹⁶ e maniçobeiros¹⁷, entre outros.

Em meio a este universo de sítios arqueológicos, a presença de vestígios ósseos humanos foi atestada em apenas 24 deles (TABELA 01). Contudo, somente em 14 sítios pode-se dizer que, efetivamente, existem evidências de práticas funerárias, uma vez que nos demais o estado de conservação dos esqueletos não permitiu observar se eles foram ou não propositalmente enterrados.

Durante a pesquisa bibliográfica, as publicações consultadas¹⁸ apontaram para a existência de 74 enterramentos encontrados em sítios da área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara. No entanto, com o levantamento realizado no acervo do Laboratório de Vestígios Orgânicos da FUMDHAM foram contabilizados 78 esqueletos. Deve-se ressaltar que neste estudo serão considerados os dados obtidos com o levantamento laboratorial, uma vez que estes constituíram os documentos primários trabalhados nesta pesquisa. Portanto, de acordo com os dados levantados neste trabalho, a área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara abrange um universo de 78 esqueletos, distribuídos em 14 sítios arqueológicos (FIGURA 01).

¹⁶ Termo popular utilizado para designar àqueles que trabalharam na produção artesanal de cal. Esta atividade foi intensamente desenvolvida em algumas áreas cársticas do Parque Nacional Serra da Capivara e, em 1999, foi embargada pelo IBAMA.

¹⁷ Termo popular utilizado para designar àqueles que trabalharam na plantação da maniçoba para produção de látex, entre os períodos de 1900 e 1960.

¹⁸ Foram consultadas todas as publicações que mencionam os esqueletos encontrados na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara, que compreendem: Castro (2009); Guidon, Parenti, Oliveira & Vergne (1998); Guidon, Vergne & Vidal (1998); Maranca (1976); Mello E Alvim & Ferreira (1985); Peyre (1996); Silva (2003); Souza, Vidal, Oliveira & Vergne (2002).

Sítio	Código	Coordenadas		Práticas funerárias	Qtde. enterram.
		UTM L	UTM N		
Toca do Paraguaio	1	776148	9028028	SIM	02
Sítio do Meio	22	770064	9023222	ND*	--
Toca da Extrema II	33	752014	9047668	ND	--
Toca do Arapuá do Gongo	37	772028	9043014	SIM	02
Serrote do Limpo Grande	69	783038	9025872	ND	--
Toca do Gongo I	82	771766	9042595	SIM	06
Toca dos Coqueiros	90	768090	9022122	SIM	01
Toca do Serrote das Moendas	113	785246	9025202	ND	--
Toca da Cerca do Elias	125	768185	9021436	ND	--
Toca da Janela do Antônio	184	784207	9026026	ND	01
Toca de Cima dos Pilão	187	768589	9019455	SIM	02
Toca dos Crente da Caieira do Adão	195	784393	9025908	SIM	05
Toca do Gordo do Garrincho	200	763011	9012607	ND	--
Toca da Boa Vista	228	797291	9049961	ND	--
Toca da Bastiana	231	784417	9025746	SIM	04
Toca do Mel	327	808180	9058055	SIM	06 ¹⁹
Sítio São Braz	329	721683	8998992	SIM	04
Canabrava	336	702286	8993011	SIM	05
Toca da Baixa dos Caboclos	411	821272	9065428	SIM	09
Toca do Barrigudo	444	784138	9025713	SIM	04
Toca da Santa	482	763303	9012166	SIM	03
Baixão do Saco	536	787757	9031257	ND	--
Toca do Tenente Luiz	643	783922	9024963	SIM	24
Nelí do Fósforo	805	709141	8965335	ND	--

TABELA 01: Sítios arqueológicos do sudeste do Piauí com presença de vestígios ósseos humanos.

Fonte: Banco de dados da FUMDHAM.

(*) Não determinado.

¹⁹ Neste sítio, o estado a perturbação do contexto funerário não permitiu determinar a real quantidade de enterramentos. Através da contagem mínima dos ossos foram contabilizados seis esqueletos.

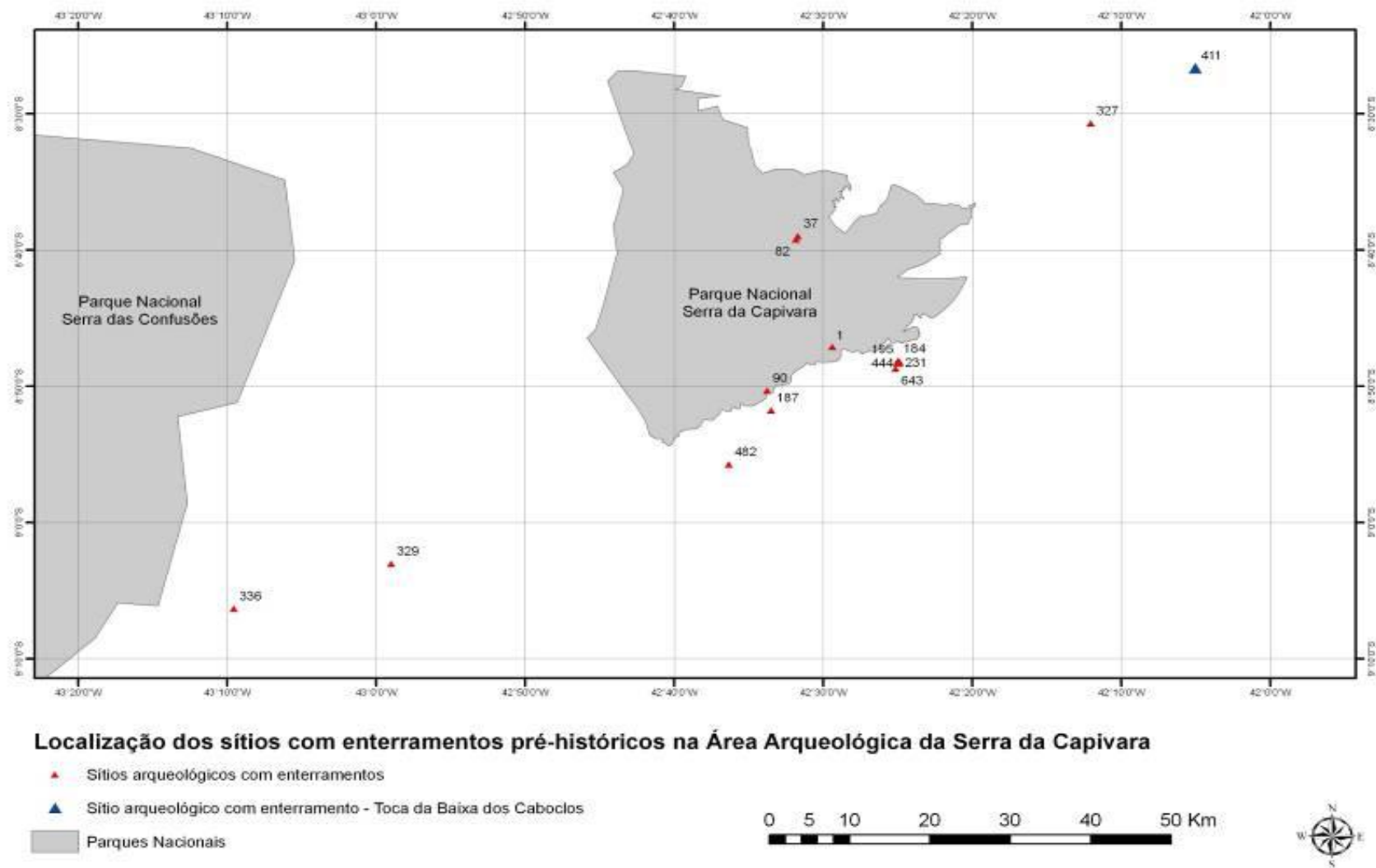


FIGURA 01: Mapa de localização dos sítios com evidências de enterramentos pré-históricos na área arqueológica do Parque Nacional da Serra da Capivara. Elaboração: Demétrio Mutzenberg. Fonte: Acervo cartográfico da FUMDHAM. Fonte: Acervo da FUMDHAM.

Apesar da quantidade e diversidade de enterramentos encontrados no sudeste do Piauí, poucos são os estudos que os tomam por objeto de estudo. Até o momento, os trabalhos realizados sobre os vestígios funerários limitam-se à: Castro (2009); Cisneiros (2003); Guidon, Parenti, Oliveira & Vergne (1998); Guidon, Vergne & Vidal (1998); Maranca (1976); Mello E Alvim & Ferreira (1985); Peyre (1996); Souza, Vidal, Oliveira & Vergne (2002). Diante desta escassez este trabalho surge, ao mesmo tempo, como fomento e contribuição ao conhecimento das práticas funerárias pré-históricas realizadas na região do Parque Nacional Serra da Capivara e no nordeste brasileiro, em um caráter geral. Como esta pesquisa propôs verticalizar o estudo das práticas funerárias realizadas em um único sítio arqueológico – a Toca da Baixa dos Caboclos – fez-se necessário apresentá-lo em um nível maior de detalhe, enfocando seu contexto ambiental e arqueológico, conforme segue no próximo item.

3.2 O sítio Toca da Baixa dos Caboclos

O sítio Toca da Baixa dos Caboclos está localizado na Fazenda São Francisco, no município Capitão Gervásio de Oliveira, entre as coordenadas UTM 821272L e 9065428N. Geomorfologicamente, situa-se na designada Chapada São Francisco (FIGURA 02), configurando-se como um abrigo-sob-rocha (FIGURA 03), orientado no sentido sudoeste-nordeste, com abertura à sudeste. Possui uma formação em arenito que intercala-se com níveis conglomeráticos entre 15 e 30 cm de espessura, ricos Óxido de Ferro e com um arcabouço em Quartzo.

Como está inserido em uma propriedade particular, a maior parte de seu entorno está ocupado por áreas de cultivo. Entretanto, algumas espécies arbustivas ainda podem ser encontradas, como a Catingueira (*Ceasalpina pyramidales*), Jurema branca (*Mimosa melacocentra*), Cabeça-de-frade (*Melocatus bahiensis*), Mandacaru (*Cereus jamacaru*), entre outras.

FIGURA 02: Abaixo, a vista panorâmica da Chapada São Francisco. No detalhe e ao lado, o sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Foto: Rômulo Negreiros. Fonte: Acervo pessoal da autora.

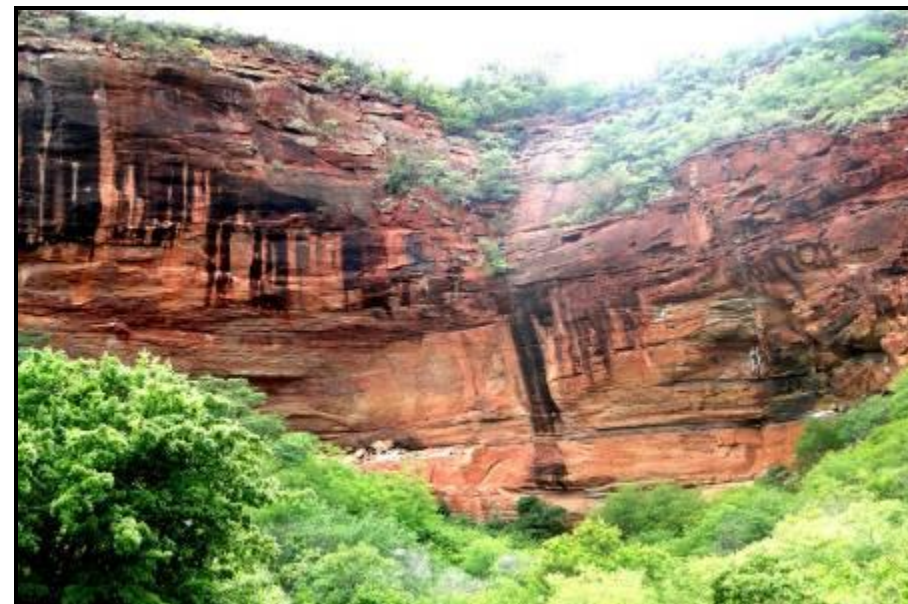




FIGURA 03: Vista geral do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Foto: Marcelo Ribeiro.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

A princípio, a presença de vestígios arqueológicos na Toca da Baixa dos Caboclos foi atestada pelo seu proprietário, o senhor Genésio Lopes da Silva, que transmitiu a informação à FUMDHAM. Quando a equipe da instituição fez a primeira visita ao sítio, constatou que um desmoronamento de parte da parede rochosa havia originado uma passagem de água pluvial, levando à erosão do solo e evidenciando alguns fragmentos ósseos. A equipe registrou também a presença de pinturas rupestres geométricas (FIGURA 04) em diferentes pontos do paredão. Porém, durante a visita realizada ao sítio por ocasião desta pesquisa, foram constatadas pinturas rupestres em apenas um ponto do paredão. Desse modo, é possível que aquelas registradas anteriormente pela equipe da FUMDHAM tenham sido deterioradas.



FIGURA 04: Grafismos puros do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Foto: Marcelo Ribeiro.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

À época da visita realizada pela FUMDHAM, o sítio era utilizado como abrigo para bois e cavalos²⁰, o que somado às intempéries naturais acelerava o processo de

²⁰ Nos dias atuais, atividades desta ordem não são mais desenvolvidas no espaço interno do sítio, tampouco ele é utilizado para qualquer atividade de cunho turístico.

deterioração dos vestígios arqueológicos. Visando a retirada dos referidos vestígios, a equipe da FUMDHAM, com o auxílio do IPHAN e da Prefeitura Municipal de São João do Piauí²¹, realizou duas campanhas de salvamento arqueológico, nos anos de 1996 e 1998.

A primeira campanha ocorreu no ano de 1996, sob coordenação da arqueóloga Cleonice Vergne. A área de escavação, denominada Setor A, contemplou a porção nordeste do abrigo (FIGURA 05) - onde afloraram os primeiros ossos – e foi delimitada em 8 X 5m, com uma profundidade variando segundo o embasamento rochoso. A escavação foi realizada segundo o método de decapagens naturais e foram encontrados materiais líticos, fragmentos cerâmicos e oito enterramentos.



FIGURA 05: Porção nordeste do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, onde foi delimitado o setor A da escavação. Foto: Ledja Leite. Fonte: Acervo pessoal da autora.

²¹ Nos anos em que foram realizadas as campanhas de salvamento arqueológico, o território no qual estava inserido o sítio Toca da Baixa dos Caboclos ainda fazia parte do município de São João do Piauí/PI. Atualmente, faz parte do município de Capitão Gervásio de Oliveira/PI.

Na segunda campanha arqueológica - realizada em 1998 - foram demarcados como áreas de escavação os Setores B e C (FIGURA 06), em continuidade à delimitação topográfica estabelecida na primeira campanha. A escavação procedeu-se segundo o método de decapagens naturais, onde foram evidenciados seixos, lascas, algumas marcas de combustão, quantidades esparsas de carvão e um enterramento.



FIGURA 06: Porção sudoeste do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, onde foram delimitados os setores B e C da escavação. Foto: Ledja Leite. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Também durante esta segunda campanha, foi realizada uma sondagem de 1x1m na porção sudoeste do abrigo onde as pinturas rupestres apresentavam um estado de conservação melhor que àquelas dos setores A, B e C. Esta sondagem foi feita com o intuito de buscar subsídios que permitissem uma datação relativa para tais pinturas,

como resquícios de pigmento, fragmentos de parede com pintura, entre outros. No entanto, a rocha matriz foi alcançada aos 5 centímetros de profundidade e nenhum vestígio arqueológico foi encontrado.

Em ambas as campanhas arqueológicas (FIGURA 07), os enterramentos foram exumados em casulos e transportados do sítio aos laboratórios da FUMDHAM, onde os trabalhos de escavação tiveram prosseguimento sob coordenação da arqueóloga Cláudia Oliveira²². Todos os enterramentos, em campo e laboratório, foram escavados pelo método das decapagens naturais, em que o sedimento era retirado e à medida que novos ossos fossem evidenciados, considerava-se como outra decapagem. Abaixo, seqüencialmente estão apresentados os procedimentos e os dados resultados obtidos com os trabalhos de escavação de cada enterramento em particular.

²² Professora filiada ao corpo docente dos programas de graduação e pós-graduação em arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Toca da Baixa dos Caboclos
Plano de localização das áreas escavadas

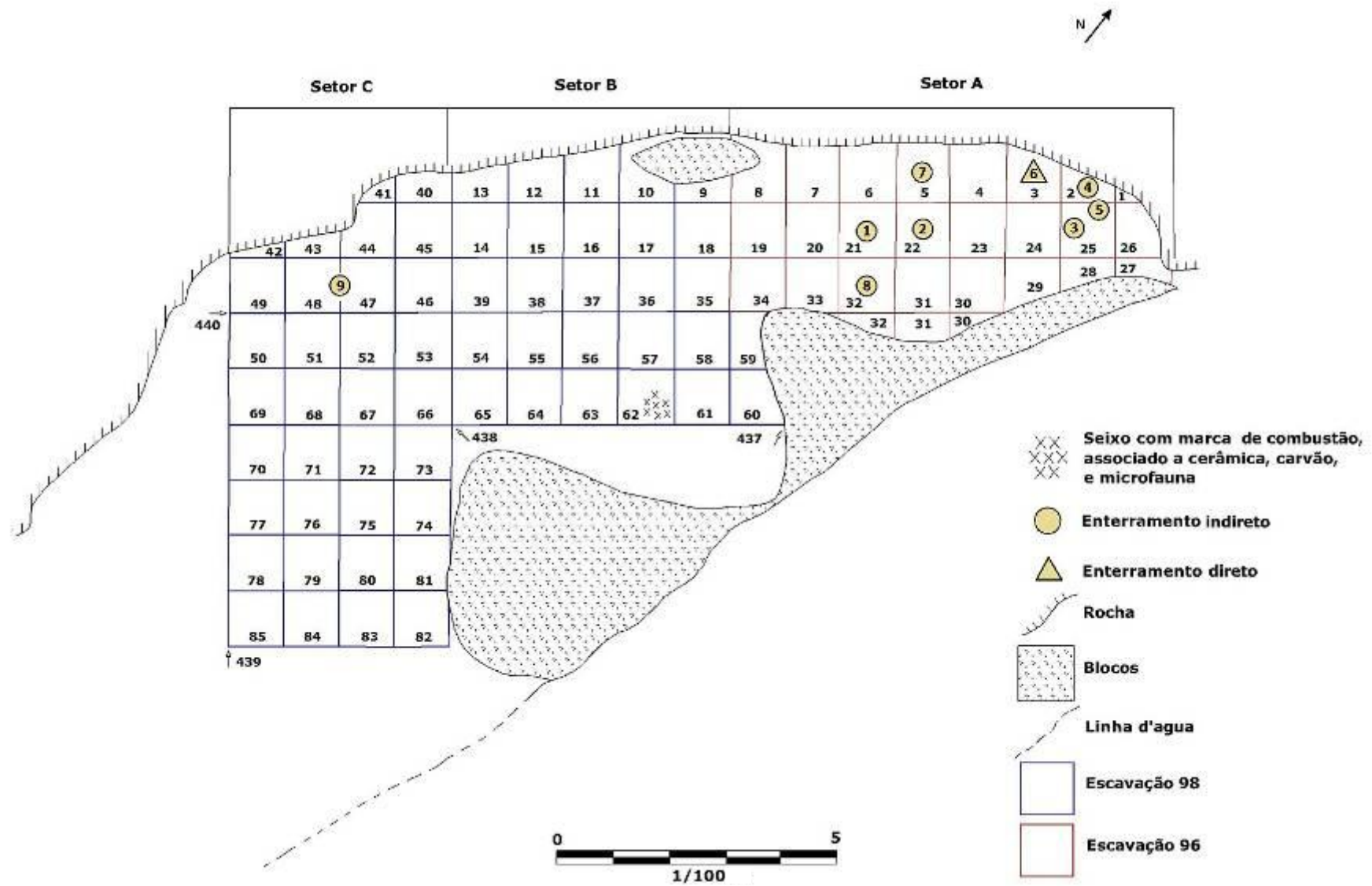


FIGURA 07: Planta baixa das áreas escavadas no sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Elaboração: Ariclênes dos Santos. Fonte: Acervo da FUMDHAM.

3.2.1 Exumação dos enterramentos

3.2.1.1 Enterramento 01

Durante os trabalhos de campo, ainda na primeira decapagem da quadrícula 21 começou a ser evidenciado o enterramento 01, em uma urna funerária (FIGURA 08). À medida que a urna foi sendo evidenciada, observou-se que ela estava totalmente preenchida por sedimento. De modo a permitir uma escavação minuciosa em laboratório, esta urna foi imobilizada através da técnica do engessamento. Após a retirada do enterramento, foi registrada através da topografia que ele estava há pelo menos 32 cm da superfície do terreno à época da escavação.

A escavação prosseguiu em laboratório e ao longo das decapagens foram recolhidos fragmentos cerâmicos da própria urna e seixos sem marcas que uso. Quando as decapagens foram alcançando o fundo do recipiente foram encontrados alguns fragmentos cerâmicos em sentido horizontal diferentes da cerâmica do vasilhame contendor (FIGURA 09). Após a retirada de tais fragmentos cerâmicos, foi evidenciado o esqueleto articulado de uma criança. Este enterramento praticamente não sofreu perturbações, de modo que alguns ossos ainda apresentavam resquícios de tecidos orgânicos, entre pele, músculos e tendões e o crânio ainda conservava os cabelos (FIGURA 10). Em um dos pés a pele ainda conservava as impressões digitais do indivíduo. Durante a escavação também foram coletados coprólitos de roedores, ossos de microfauna, insetos, sementes carbonizadas, penas e seixos.

A partir dos materiais coletados neste enterramento, foram realizadas cinco datações radiocarbônicas que forneceram os seguintes resultados: 450 +/- anos BP²³ para fragmentos de carvão; 371 +/- 40 anos BP²⁴ e 310 +/- 50 anos BP²⁵, para dois fragmentos de pele; 340 +/- 40 anos BP²⁶ para resquícios de fibras vegetais associadas a tecidos capilares; e 300 +/- 40 anos BP²⁷ para um fragmento de osso.

²³ BETA Analytic 113114;

²⁴ BETA Analytic 113115;

²⁵ BETA Analytic 114558;

²⁶ BETA Analytic 113112;

²⁷ BETA Analytic 136208.



FIGURA 08: Exumação em campo do Enterramento 01. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 09: O esqueleto do enterramento 01 estava sob fragmentos cerâmicos diferentes da cerâmica do vasilhame contendor. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 10: O esqueleto do enterramento 01 ainda conservava tecidos capilares e epiteliais. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

3.2.1.2 Enterramento 02

Durante os trabalhos de campo, ainda na primeira decapagem da quadrícula 22 começou a ser evidenciado o enterramento 02, em uma urna funerária (FIGURA 11). À medida que a urna foi sendo evidenciada, observou-se que ela estava totalmente preenchida por sedimento. De modo a permitir uma escavação minuciosa em laboratório, esta urna foi imobilizada através da técnica do engessamento. Após a retirada do enterramento, foi registrada através da topografia que ele estava há pelo menos 42 cm da superfície do terreno à época da escavação.

A escavação prosseguiu em laboratório (FIGURA 12) e ao longo das decapagens foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos diferentes do tipo de cerâmica da urna. Foram coletados também seixos sem marcas de uso. À medida que a escavação foi alcançando o fundo da urna, foi evidenciado um enterramento primário de uma criança, que ainda conservava os cabelos com um corte em franja na região da testa (FIGURA 13). Junto deste esqueleto foi encontrado um graveto de madeira fragmentado em quatro

partes, além de insetos, coprólitos de animais, ossos de microfauna, penas, vestígios vegetais - entre folhas, galhos e palha - e seixos. Não foram realizadas datações para este enterramento.



FIGURA 11: Exumação em campo do enterramento 02. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 12: Escavação em laboratório da urna 02. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 13: A urna 02 guardava um enterramento infantil primário. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

3.2.1.3 Enterramento 03

Durante os trabalhos de campo, ainda na primeira decapagem da quadrícula 25 começou a ser evidenciado o enterramento 03, em uma urna funerária (FIGURA 14). Logo que a urna foi sendo evidenciada, percebeu-se que sobre ela havia outro vasilhame cerâmico. De modo a permitir uma escavação minuciosa em laboratório, esta urna foi imobilizada através da técnica do engessamento. Após a retirada do enterramento, observou-se que ele estava depositado em uma cavidade escavada na rocha, à aproximadamente 27 cm da superfície.

A escavação prosseguiu em laboratório e demonstrou que apesar de o vasilhame estar inteiro, os vestígios ósseos estavam em adiantado estado de deterioração. Logo nas primeiras decapagens, abaixo dos fragmentos cerâmicos que estavam sobrepostos à urna foram encontrados fragmentos cranianos, dentes, costelas e vértebras (FIGURA 15) e, 10

cm abaixo deles, os ossos longos (FIGURA 16). Foram coletados também seixos sem marcas de uso. Não foram realizadas datações para este enterramento.



FIGURA 14: Exumação em campo do enterramento 03. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 15: Escavação em laboratório da urna 03, fragmentos cranianos. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 16: Escavação em laboratório da urna 03, fragmentos de ossos longos. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

3.2.1.4 Enterramento 04

Durante os trabalhos de campo, na quadrícula 02, ainda na primeira decapagem começou a ser evidenciado o enterramento 04, em uma urna funerária. Logo que a urna foi encontrada, percebeu-se que estava em adiantado estado de fragmentação. Como enterramento 04 estava posicionado ao lado do enterramento 05 (FIGURA 17), eles foram engessados em um único casulo. Após a retirada do enterramento, observou-se que ele estava depositado em uma cavidade escavada na rocha, à aproximadamente 23 cm da superfície.

Depois da retirada do gesso, foi comprovada a perturbação que este enterramento tinha sofrido: os fragmentos cerâmicos, ósseos e todo o conteúdo do vasilhame estavam revolvidos (FIGURA 18). A escavação em laboratório resultou na coleta de fragmentos ósseos em adiantado estado de deterioração, um dente, vestígios vegetais e seixos sem marcas de uso. Não foram realizadas datações para este enterramento.

3.2.1.5 Enterramento 05

Durante os trabalhos de campo, entre as quadrículas 02 e 25, ainda na primeira decapagem começou a ser evidenciado o enterramento 05, em uma urna funerária. Logo que a urna foi encontrada, percebeu-se que estava em adiantado estado de fragmentação. Como o enterramento 05 estava posicionado ao lado do enterramento 04 (FIGURA 17), eles foram engessados em um único casulo. Após a retirada do enterramento, observou-se que ele estava depositado em uma cavidade escavada na rocha, à aproximadamente 23 cm da superfície.

Assim como no enterramento 04, depois da retirada do gesso foi comprovada a perturbação que este enterramento tinha sofrido: os fragmentos cerâmicos, ósseos e todo o conteúdo do vasilhame estavam revolidos (FIGURA 18). A escavação em laboratório resultou na coleta de fragmentos ósseos em adiantado estado de deterioração, seixos sem marcas de uso e uma lasca. Não foram realizadas datações para este enterramento.



FIGURA 17: Exumação em campo dos enterramentos 04 e 05. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 18: Enterramentos 04 e 05 após a retirada do casulo de gesso. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

3.2.1.6 Enterramento 06

Durante os trabalhos de campo, o enterramento 06 começou a ser evidenciado na quadrícula 03, ainda na primeira decapagem (FIGURA 19). Diferente dos demais enterramentos evidenciados no sítio, este tratava-se de uma inumação direta que não estava acompanhado por nenhum material cerâmico. De modo a permitir uma escavação minuciosa em laboratório, o enterramento foi imobilizado através da técnica do engessamento. No entanto, no momento da retirada do casulo de gesso, um acidente comprometeu a conexão anatômica do esqueleto (FIGURA 20). Após a retirada do enterramento, observou-se que ele estava depositado em uma cavidade escavada na rocha, à aproximadamente 38 cm da superfície.

A escavação prosseguiu em laboratório, mas devido ao acidente supracitado, a posição original do indivíduo já havia sido alterada. Além do esqueleto propriamente dito, foram coletados tecidos capilares e epiteliais. Mas, apesar do seu exímio estado de conservação, o crânio não foi encontrado. No sedimento do casulo também foram coletados seixos, coprólitos, insetos, ossos de microfauna e fibras vegetais trançadas. Não foram realizadas datações para este enterramento.



FIGURA 19: Primeiras evidências em campo do enterramento 06. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 20: Um acidente com o casulo comprometeu a conexão anatômica do enterramento 06. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

3.2.1.7 Enterramento 07

Durante os trabalhos de campo, o enterramento 07 começou a ser evidenciado na quadrícula 05 (FIGURA 21). No caso deste enterramento, o crânio e a epífise distal do fêmur já haviam sido expostos por processos naturais de erosão. Foi devido a exposição destes ossos que o proprietário do sítio pediu apoio a FUMDHAM para a retirada dos esqueletos. Logo no início da escavação deste esqueleto observou-se que tratava-se de um enterramento primário de adulto acomodado em uma urna funerária, que estava fragmentada. De modo a permitir uma escavação minuciosa em laboratório, o enterramento foi removido através da técnica do engessamento (FIGURA 22). Após a retirada do enterramento, foi registrada através da topografia que ele estava há pelo menos 29 cm da superfície do terreno à época da escavação.

A escavação prosseguiu em laboratório e confirmou o estado de conservação do esqueleto, que ainda preservava tecidos orgânicos, entre vestígios de pele, tendões e os ligamentos do joelho. Além destes, foram coletados também fibras vegetais trançadas, seixos, folhas e gravetos. Para este enterramento foi realizada uma datação radiocarbônica que forneceu o resultado de 240 ± 50 anos BP²⁸ para um fragmento de osso.

²⁸ BETA Analytic 136209



FIGURA 21: Primeiras evidências em campo do enterramento 07. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 22: Enterramento 07 no casulo de gesso. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

3.2.1.8 Enterramento 08

Durante os trabalhos de campo, o enterramento 08 começou a ser evidenciado na quadrícula 32, ainda na primeira decapagem. Inicialmente, foram identificados alguns fragmentos cerâmicos e o crânio, que ainda conservava os cabelos (FIGURA 23). Devido ao estado de fragmentação do material cerâmico, não foi possível observar se tratava-se realmente de um enterramento em urna ou uma inumação direta que fora recoberta por um recipiente cerâmico. Após a retirada do enterramento, foi registrada através da topografia que ele estava há pelo menos 42 cm da superfície do terreno à época da escavação.

A escavação prosseguiu em laboratório e demonstrou que o enterramento estava perturbado, de modo que o esqueleto não estava mais em conexão anatômica. Afastada do crânio, foi encontrada a coluna vertebral que ainda conservava matéria orgânica (FIGURA 24). No sedimento do casulo também foram coletados vestígios vegetais e seixos. Para este enterramento foi realizada uma datação radiocarbônica que forneceu o resultado de 320 +/- 40 anos BP²⁹ para um fragmento de osso.



FIGURA 23: Crânio e fragmentos cerâmicos do enterramento 08. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

²⁹ BETA Analytic 136209



FIGURA 24: A coluna vertebral do esqueleto do enterramento 08 estava afastada do crânio. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

3.2.1.9 Enterramento 09

Diferente dos enterramentos anteriores, o enterramento 09 foi recolhido durante a segunda campanha arqueológica, no ano de 1998. Este enterramento foi evidenciado entre as quadrículas 47 e 48. Inicialmente, foi evidenciado o vasilhame cerâmico, que estava fragmentado. Devido ao seu estado de fragmentação, ele começou a ser escavada *in situ*. Mas, após a confirmação de que tratava-se de uma urna funerária, optou-se por transferi-la para o laboratório, de modo que a permitir uma escavação minuciosa. Ao contrário do que se procedeu com os enterramentos recolhidos na primeira campanha arqueológica, este enterramento não foi retirado através da técnica do engessamento e apenas acondicionado em uma bacia plástica, cujo fundo foi preenchido com sedimento do próprio abrigo, de modo a manter a urna acomodada. Assim que a urna foi retirada observou-se que sob ela estavam dois gravetos de madeira cujas extremidades estavam afiadas e outro graveto atado com uma fibra vegetal, aludindo um arco com suas setas.

Após a retirada do enterramento, foi registrada através da topografia que ele estava há pelo menos 18 cm da superfície do terreno à época da escavação.

A escavação prosseguida em laboratório demonstrou que tratava-se de um enterramento infantil primário (FIGURA 25). O esqueleto encontrava-se em estado de mumificação natural e conservava o crânio com cabelos, resquícios de pele, ligamentos e tendões. Uma das mãos do indivíduo estava praticamente intacta, com vestígios de pele e unhas. Sobre os ossos estava incrustada uma película salina. No interior da urna foram coletados seixos, folhas e palha. Para este enterramento foi realizada uma datação radiocarbônica que forneceu um resultado de 230 +/- 50 anos BP³⁰ para amostras de pele do esqueleto.



FIGURA 25: Enterramento 09. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

³⁰ BETA Analytic 115612;

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS FÚNEBRES: O PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS

Daria tudo que sei em troca da metade daquilo que ignoro.

René Descartes

Conforme apresentado anteriormente, o presente trabalho propôs estudar as práticas funerárias realizadas nos nove enterramentos evidenciados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos, buscando identificar recorrências entre elas. Para tanto, este estudo se utilizou de uma metodologia ordenada e sistemática que permitiu reconstituir o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, a partir da reconstituição dos seus respectivos Perfis das Unidades Funerárias. Esta pesquisa, portanto, esteve circunscrita a uma escala micro-analítica, focada no estudo das práticas funerárias realizadas em apenas um sítio arqueológico. Naturalmente, uma opção como esta implica num estudo verticalizado, que exige uma análise minuciosa e aprofundada dos dados disponíveis.

Por este motivo, esta pesquisa direcionou suas investigações a três fontes de consulta: fontes primárias diretas; fontes primárias indiretas e fontes secundárias. As fontes primárias diretas constituem os próprios vestígios arqueológicos, remanescentes materiais coletados durante os trabalhos de escavação em campo e laboratório, que permanecem armazenados nos laboratórios da FUMDHAM. Correspondem aos esqueletos propriamente ditos, as urnas funerárias, os materiais líticos, os fragmentos cerâmicos e os vestígios orgânicos. Neste trabalho, todos estes vestígios foram analisados factualmente, um a um, de modo que fosse possível observar as particularidades da cultura material presente em cada enterramento. Ao mesmo tempo, atentou-se para o posicionamento destes vestígios no contexto funerário – observado através das decapagens, como forma de determinar o seu caráter intencional ou intencional.

As fontes primárias indiretas constituem os documentos produzidos durante os trabalhos de escavação e análise do material feita pela equipe da FUMDHAM em laboratório. Correspondem aos cadernos e fichas de campo, relatórios, croquis, desenhos técnicos, fotografias e planilhas topográficas. Nesta pesquisa, procedeu-se um estudo detalhado de todos estes documentos como forma de compreender as atividades realizadas no sítio e nos enterramentos - em campo e laboratório, bem como os resultados que elas obtiveram.

As fontes secundárias constituem as publicações existentes sobre o sítio Toca da Baixa dos Caboclos que neste caso estão circunscritas aos artigos de Guidon, Vergne & Vidal (1998); Souza, Vidal, Oliveira & Vergne (2002); e as considerações pontuais apresentadas em Castro (2009) e Cisneiros (2003). Nesta pesquisa, tais documentos foram estudados detalhadamente com vistas às informações que traziam acerca dos estudos realizados sobre o sítio e seus enterramentos.

Os dados levantados com estas três fontes de consulta foram classificados segundo as informações que podiam fornecer à reconstituição dos Perfis das Unidades Funerárias e aos procedimentos analíticos adotados – análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias e análise da distribuição crono-espacial. Em um primeiro momento, foram reconstituídos os Perfis das Unidades Funerárias de cada enterramento em particular, seqüencialmente apresentados nos itens 4.1.1 à 4.1.9 deste capítulo. Em um segundo momento, a análise quantitativa de tais perfis associada à análise da distribuição crono-espacial, forneceu informações sobre as práticas funerárias realizadas nos enterramentos estudados e possibilitaram a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, apresentado no item 4.3 deste capítulo.

4.1 Perfis das Unidades Funerárias (PUF's)

Abaixo segue apresentada a análise dos dados levantados sobre cada enterramento em particular, que permitiram reconstituir os Perfis das Unidades Funerárias.

4.1.1 Perfil da Unidade Funerária 01

Conforme apresentado, o Perfil da Unidade Funerária 01 foi reconstituído a partir da análise dos dados existentes sobre o enterramento 01 (FIGURA 01).

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a uma criança com aproximadamente três anos de idade. Em função desta idade, não foi possível determinar o sexo do indivíduo.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura funerária, verificou-se que ela se trata de uma cavidade escavada no sedimento, cujos limites não foram demarcados com nenhum material. Em função de este enterramento ter sido retirado através da técnica do engessamento, não foi possível observar sua forma e dimensões. Mas, após a sua retirada, foi registrado através da topografia que este enterramento estava há pelo menos 32 cm da superfície do terreno à época da escavação.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo primário indireto, depositado em uma urna funerária. O indivíduo foi acomodado em posição fetal, decúbito lateral esquerdo³¹. Nenhum tratamento pictórico à base de Óxido de Ferro foi constatado. Como a urna foi escavada em laboratório, não foi possível fazer observações sobre a orientação do indivíduo.

³¹ Para SOUZA (2002) *et. al*, o indivíduo foi depositado em posição sentada dentro da urna e, após o desaparecimento dos tecidos moles, os ossos moldaram-se naturalmente à urna. Entretanto, a hermética acomodação do esqueleto em relação às paredes do vasilhame sugere que o corpo deve ter sido intencionalmente arrumado na posição mencionada acima.



FIGURA 01: Enterramento 01. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

A urna funerária está composta por um vasilhame contendor e um opérculo. O vasilhame contendor (FIGURA 02) possui uma forma elipsóide horizontal³² (FIGURA 03). Como a borda não foi reconstituída, não foi possível mensurar seu diâmetro de boca. Mas, o diâmetro máximo foi estimado em 45 cm e a altura máxima aproxima-se de 30 cm. O tratamento das superfícies externa e interna do recipiente apresenta-se como alisado, tendo sido atestada a presença de fuligem. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia média, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,1 cm; e suas paredes apresentam uma espessura média de 1 cm.

³² OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura menor que o diâmetro máximo do bojo, forma elipsóide horizontal, constrita”.



FIGURA 02: Vasilhame contendor da urna 01. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

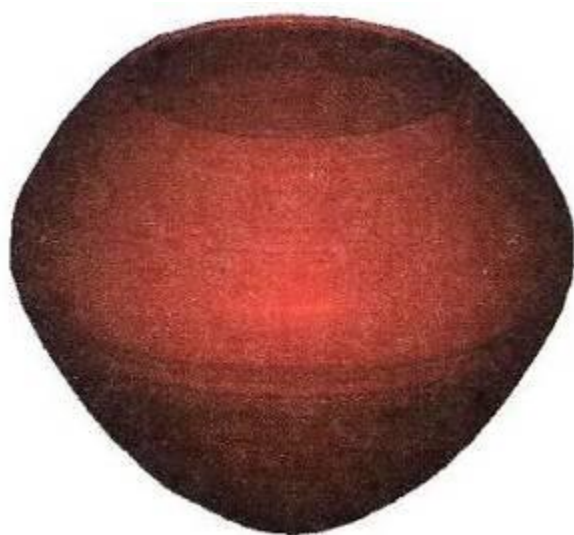


FIGURA 03: O vasilhame contendor da urna 01 apresenta forma elipsóide horizontal. Fonte: Oliveira (2003).

O opérculo estava fragmentado, de modo que não foi possível reconstituí-lo inteiramente (FIGURA 04). Por este motivo, foram obtidas apenas informações parciais acerca de sua forma e dimensões. Com uso do ábaco, o diâmetro da boca do vasilhame foi estimado em aproximadamente 48 cm. Com base neste diâmetro, inferiu-se

hipoteticamente que este opérculo apresenta uma forma oval 02³³ (FIGURA 05). Não foi possível mensurar seu diâmetro máximo e altura máxima. Em ambas as faces – externa e interna – foram verificados os tratamentos de superfície alisado e brunido, não tendo sido atestada a presença de fuligem³⁴. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia grossa, com grãos de quartzo e feldspato maiores que 0,1 cm, fragmentos moídos de cerâmica e bolos de argila; suas paredes apresentam uma espessura média de 1 cm. Em um fragmento de borda, foi observado um orifício que ainda conservava vestígios de corda.

Com relação ao acompanhamento funerário, não foi encontrado nenhum material que pudesse ser percebido como tal. Durante a escavação deste enterramento foram coletados no interior da urna: seixos sem marcas de uso, vestígios faunísticos (ossos de microfauna, insetos, coprólitos de roedores), vestígios vegetais (sementes carbonizadas). No entanto, levando em conta que todos estes vestígios não estavam pontualmente posicionados e, ao contrário, foram encontrados de modo aleatoriamente em algumas decapagens da urna, é provável que eles sejam de caráter intrusivo.

³³ OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita”.

³⁴ Neste opérculo, o brunido está presente em ambas as faces deste vasilhame. Devido a tonalidade escura que esta técnica confere a superfície cerâmica, torna-se difícil visualizar a efetiva presença de sinais de fuligem. Neste caso, assim como em todos os recipientes que apresentam o brunido como tratamento de superfície, foi friccionado um algodão em ambas as faces do vasilhame e mesmo assim nenhum sinal de fuligem foi percebido.



FIGURA 04: Fragmento do opérculo da urna 01. No detalhe, um orifício ainda conserva vestígios de corda. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 05: Segundo a reconstituição hipotética, o opérculo da urna 01 apresenta forma oval 02. Fonte: Oliveira (2003).

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias dispensadas a este enterramento. Conforme mencionado acima, o esqueleto foi depositado em posição fetal, decúbito lateral esquerdo. Suas pernas estavam flexionadas de modo que o calcanhar tocava a pélvis, e o pé que naturalmente deveria ficar estendido, foi forçosamente acomodado em paralelo a tíbia. Os antebraços foram mantidos junto do tronco e os braços e mãos soltos a frente do corpo. A cabeça estava parcialmente inclinada para baixo. O indivíduo foi depositado no fundo da urna e, aparentemente, nenhum tipo de forro no interior do vasilhame foi utilizado. Pela flexão dos membros, pode-se inferir que ele foi depositado na urna antes do *rigor mortis*, ou seja, em um período de no máximo sete horas após a sua morte. Este fato demonstra que o vasilhame utilizado como urna funerária já estava pronto quando o indivíduo veio falecer.

Considerando que a superfície externa do vasilhame está recoberta por fuligem e que não foi atestado nenhum indício de combustão no sedimento de entorno do enterramento, pode-se inferir que antes de ser reaproveitado como urna funerária, este vasilhame deve ter sido utilizado em atividades – provavelmente cotidianas – relacionadas ao fogo, como o preparo de alimentos ou a fervura de líquidos. No que concerne ao opérculo, a ausência de fuligem demonstra que ele não parece ter sido utilizado em outras atividades ou pelo menos não naquelas relacionadas ao fogo. Além da ausência de sinais de fuligem, o opérculo apresentou características técnicas e morfológicas³⁵ distintas do recipiente contendor. Estas diferenças entre o vasilhame contendor e o opérculo demonstram que eles não pareciam compor originalmente um mesmo vasilhame. De modo contrário, ponderando tais distinções, parecem se tratar de duas peças diferentes que, por ocasião do sepultamento, foram utilizadas para constituir uma urna funerária.

No que concerne a estrutura funerária, para acolher o pacote fúnebre foi escavada uma cavidade no solo, cujas dimensões e formas permaneceram desconhecidas. Considerando que o sedimento do abrigo é friável, esta estrutura funerária pode ter sido preparada no mesmo momento de chegada do grupo com o pacote funerário (urna contendo cadáver) ao sítio, ou ainda que ela tenha sido escavada em um instante anterior

³⁵ Forma, tratamento de superfície interno e externo e pasta.

a chegada do grupo ao espaço, por outros membros que tenham sido designados para esta função.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias dispensadas no enterramento 01 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 06).

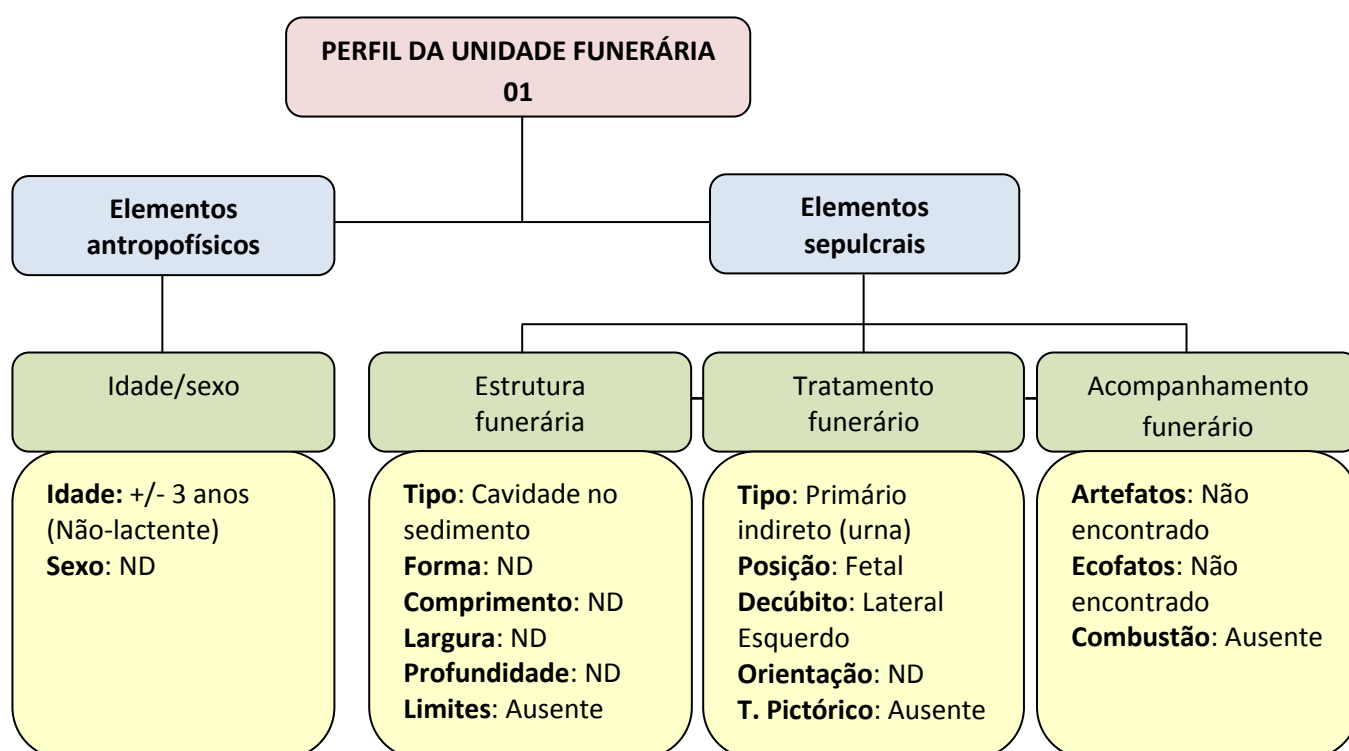


FIGURA 06: Síntese do Perfil da Unidade Funerária 01.

4.1.2 Perfil da Unidade Funerária 02

O Perfil da Unidade Funerária 02 foi reconstituído a partir da análise dos dados existentes sobre o enterramento 02 (FIGURA 07).

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a uma criança com idade inferior a seis meses. Em função desta idade, não foi possível determinar o sexo do indivíduo.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura

funerária, verificou-se que ela se trata de uma cavidade escavada no sedimento, cujos limites não foram demarcados com nenhum material. Em função de este enterramento ter sido retirado através da técnica do engessamento, não foi possível observar sua forma e dimensões. Mas, após a sua retirada, foi registrado através da topografia que este enterramento estava há pelo menos 42 cm da superfície do terreno à época da escavação.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo primário indireto, depositado em uma urna funerária. O indivíduo estava apoiado sobre o dorso, com as pernas fletidas e os braços estendidos. Nenhum tratamento pictórico à base de Óxido de Ferro foi atestado. Como a urna foi escavada em laboratório, não foi possível fazer observações sobre a orientação do indivíduo.



FIGURA 07: Enterramento 02. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

A urna funerária está composta por um vasilhame contendor e um opérculo. O vasilhame contendor (FIGURA 08) possui uma forma oval invertida³⁶ (FIGURA 09).

³⁶ OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{1}{4}$ da peça, forma oval”.

Apresenta um diâmetro de boca de 20 cm; um diâmetro máximo de 40 cm e uma altura máxima de 30 cm. O tratamento da superfície externa apresenta-se como corrugado e da interna, alisado; tendo sido atestada a presença de fuligem em ambas. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia fina, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,05 cm; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,5 cm.

O opérculo (FIGURA 10) foi parcialmente reconstituído, de modo que foi possível obter informações parciais sobre sua forma e dimensões. Apresenta uma forma do tipo oval 02³⁷ (FIGURA 11), com um diâmetro de boca de 20 cm e um diâmetro máximo de 20 cm. Como a base do vasilhame não foi encontrada, não foi possível mensurar sua altura. O tratamento da superfície externa apresenta-se como polido e brunido e da interna, polido, brunido e pintado, com linhas verticais paralelas em vermelho. Em nenhuma das faces foi atestada a presença de fuligem³⁸. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia fina, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,05 cm; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,5 cm.

³⁷ OLIVEIRA, 2003, 93: "Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita"

³⁸ Neste opérculo, o brunido está presente em ambas as faces deste vasilhame. Devido a tonalidade escura que esta técnica confere a superfície cerâmica, torna-se difícil visualizar a efetiva presença de sinais de fuligem. Neste caso, assim como em todos os recipientes que apresentam o brunido como tratamento de superfície, foi friccionado um algodão em ambas as faces do vasilhame e mesmo assim nenhum sinal de fuligem foi percebido.



FIGURA 08: Vasilhame contendor da urna 02. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 09: O vasilhame contendor da urna 02 apresenta forma oval invertida. Fonte: Oliveira (2003).



FIGURA 10: Opérculo da urna 02. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 11: O opérculo da urna 02 apresenta forma oval 02. Fonte: Oliveira (2003).

Com relação ao acompanhamento funerário, foi identificado um graveto de madeira fragmentado em quatro partes e pontualmente posicionado à direita do indivíduo, no mesmo sentido do corpo (FIGURA 12). Como esta urna não foi totalmente escavada, não foi possível examiná-los manualmente e apenas a partir de uma observação externa à urna. Mas, através desta observação pôde-se perceber que tais fragmentos não apresentam nenhuma sinuosidade, mostrando-se totalmente retos. Além disso, suas superfícies parecem apresentar um brilho peculiar, diferente dos fragmentos de madeira em seus estados naturais. Estas questões sugerem que eles não estejam em sua condição natural, podendo ter sido alterados.



FIGURA 12: O indivíduo do enterramento 02 estava acompanhado por um graveto de madeira (em detalhe). Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

É preciso ressaltar que durante a escavação deste enterramento também foram coletados: seixos, vestígios faunísticos (insetos, coprólitos de animais, ossos de microfauna) e vestígios vegetais (folhas). No entanto, levando em conta que todos estes vestígios não estavam pontualmente posicionados e, ao contrário, foram encontrados de

modo aleatoriamente em algumas decapagens da urna, é provável que eles sejam de caráter intrusivo.

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias realizadas neste enterramento. Conforme mencionado acima, o esqueleto sofreu perturbações, de modo que a maior parte de seus ossos não estava mais em conexão anatômica. Tomando por base os únicos ossos que ainda permaneciam em sua conexão original – os do braço e mão esquerda – foi possível reconstituir hipoteticamente a posição e o decúbito em que o indivíduo foi depositado. Em um primeiro momento, observou-se que o braço e a mão esquerda do esqueleto estavam estendidos. Em paralelo aos ossos destes membros, estavam os ossos cranianos, a pélvis, algumas costelas e vértebras. Os ossos da pélvis estavam próximos e sobrepostos aos fragmentos cranianos, sugerindo que o crânio estivesse em uma altura maior que a pélvis e, portanto, que o indivíduo não estava estendido. Prolongando uma linha a partir dos fragmentos cranianos e da pélvis, estavam os fêmures e, sobrepostos a eles, uma tíbia e as fíbulas.

Segundo esta configuração dos ossos, presumiu-se que o indivíduo foi depositado apoiado sobre o dorso, como se estivesse sentado; os braços foram estendidos ao longo do corpo e as pernas flexionadas e dispostas sobre o abdômen do indivíduo. O cadáver foi depositado no fundo da urna e, aparentemente, nenhum tipo de forro no interior do vasilhame foi utilizado. Pela flexão dos membros, sobretudo dos inferiores, pode-se sugerir que a acomodação do cadáver no interior do vasilhame pode ter se dado antes do processo natural de *rigor mortis*, ou seja, em um período máximo de sete horas após a sua morte. De qualquer forma, esta inferência deve ser tomada com cautela, uma vez que – ao contrário do que ocorreu no enterramento 01 - o estado de conservação deste esqueleto não permitiu observar de forma efetiva o grau de flexão de suas pernas.

Considerando a possibilidade de o cadáver ter sido acomodado na urna antes do processo de *rigor mortis*, naturalmente o recipiente já deveria estar pronto quando o indivíduo veio falecer. Contribui para reforçar esta questão o fato de que ambas as superfícies do vasilhame contendor estava recobertas de fuligem. A presença desta fuligem, atrelada à ausência de indícios de combustão no sedimento de entorno do enterramento, demonstram a utilização anterior deste vasilhame em outras atividades relacionadas ao fogo. Esta mesma afirmação, no entanto, não pode ser feita com relação

ao opérculo da urna, que aparentemente não apresentou nenhum sinal de fuligem. A pintura observada na superfície interna também contribui para reforçar a possibilidade deste opérculo não ter sido exposto ao fogo, pois caso isso tivesse acontecido é provável que estas pinturas não pudessem mais ser visualizadas. Considerando as diferenças técnicas e morfológicas³⁹ entre o vasilhame contendor e o opérculo, pode-se sugerir que estes recipientes não compunham originalmente um mesmo vasilhame. De modo contrário, ponderando tais distinções, parecem se tratar de duas peças diferentes que, por ocasião do sepultamento, foram utilizadas para constituir uma urna funerária.

A análise dos materiais encontrados no sedimento da urna demonstrou que apenas um graveto de madeira fragmentado em quatro partes, posicionado à direita do indivíduo, parece ter sido efetivamente utilizado como acompanhamento funerário. O fato de mostrar-se desprovido de qualquer sinuosidade e apresentar um brilho peculiar sugere que ele não esteja em sua condição natural e pode ter sido alterados devendo, talvez, corresponder a algum tipo de artefato que foi partido em pedaços para ser incumbido na urna.

No que concerne a estrutura funerária, para acolher o pacote fúnebre foi escavada uma cavidade no solo, cujas dimensões e formas permaneceram desconhecidas. Considerando que o sedimento do abrigo é friável, esta estrutura funerária pode ter sido preparada no mesmo momento de chegada do grupo com o pacote funerário ao sítio, ou ainda que ela tenha sido escavada em um instante anterior a chegada do grupo ao espaço, por outros membros que tenham sido designados para esta função.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias dispensadas no enterramento 02 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 13).

³⁹ Forma, tratamento de superfície interno e externo, sinais de fuligem e pasta.

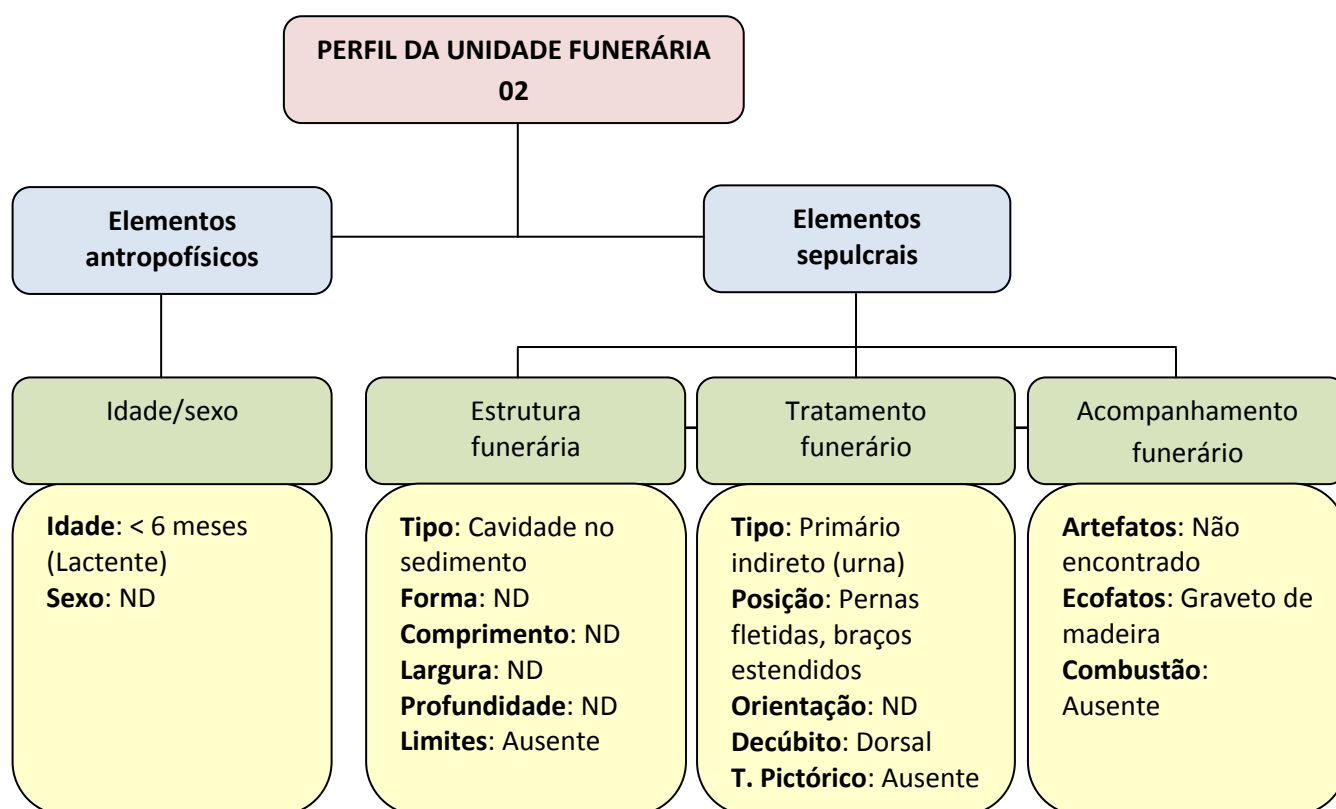


FIGURA 13: Síntese do Perfil da Unidade Funerária 02

4.1.3 Perfil da Unidade Funerária 03

O Perfil da Unidade Funerária 03 foi estabelecido a partir da análise dos dados existentes acerca dos elementos antropofísicos e sepulcrais do enterramento 03.

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a uma criança com idade inferior a dois anos⁴⁰. Em função desta idade, não foi possível determinar o sexo do indivíduo.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura funerária, verificou-se que ela se trata de uma cavidade escavada na rocha (FIGURA 14). Convém ressaltar que este tipo de estrutura funerária é atípica entre o que tem sido evidenciado no sudeste do Piauí, tendo sido registrada – até o momento – apenas no sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Este dado deve ser levado em conta na medida em que a

⁴⁰ Devido ao estado de fragmentação do material ósseo e dentário deste esqueleto, esta inferência deve ser tomada com cautela.

preparação de uma estrutura funerária como esta - escavada em uma rocha consolidada - deve ter demandado um esforço maior de trabalho e tempo se comparados aqueles necessários à preparação de uma cavidade escavada no sedimento. Além disso, a estrutura funerária que comportava o enterramento 03 se diferenciava das demais do sítio pelo fato de que guardava não apenas um enterramento, mas um número de três (enterramentos 03, 04 e 05).

Através da análise *in situ*⁴¹ desta estrutura, pôde-se observar que ela parece ter sido escavada em um mesmo momento cronológico, uma vez que os entalhes que ficaram impressos na rocha durante a sua escavação se prolongam de uma extremidade à outra da estrutura. Esse fato permite inferir que é possível que o enterramento 03 tenha sido inumado no mesmo momento que os enterramentos 04 e 05, possivelmente num cerimonial coletivo. Assim como as demais estruturas funerárias deste sítio, esta não teve seus limites demarcados com nenhum material. Na pesquisa documental não foram encontradas informações quanto à sua forma e dimensões; e mesmo com sua análise *in situ* não foi possível determiná-las efetivamente, uma vez que parte dela estava recoberta por sedimento concrecionado. No entanto, a topografia registrou que ela estava a aproximadamente 27 cm da superfície do terreno à época da escavação.

⁴¹ Feita durante a visita realizada ao sítio por ocasião desta pesquisa.



FIGURA 14: Estrutura funerária que comportava os enterramentos 03, 04 e 05. No detalhe, os entalhes impressos na rocha durante sua escavação se prolongam de uma extremidade à outra, sugerindo que toda a estrutura pode ter sido escavada em um mesmo momento. Foto: Ledja Leite. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo indireto, depositado em uma urna funerária. Contudo, em função das perturbações que ele sofreu, não foi possível determinar se tratava-se de um enterramento primário ou secundário (FIGURA 15). De modo análogo, não foi possível determinar a posição e o decúbito em que o indivíduo foi acomodado. A princípio, houve dúvidas sobre a presença ou não de um tratamento pictórico a base de Óxido de Ferro. Mas, a análise de cada osso em particular corroborou a ausência do referido tratamento pictórico. Como a urna foi escavada em laboratório e devido ao seu estado de fragmentação, não foi possível fazer observações sobre a orientação do corpo do indivíduo.



FIGURA 15: Enterramento 03 sendo escavado laboratório. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

A urna funerária está composta por um vasilhame contendor e um opérculo. O vasilhame contendor (FIGURA 16) possui uma forma oval 02⁴² (FIGURA 17). Apresenta um diâmetro de boca de 24 cm; um diâmetro máximo em 26 cm e uma altura máxima em 27 cm. A superfície externa apresenta um tratamento de superfície corrugado e a interna, alisado. Em ambas as superfícies foi atestada a presença de fuligem. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia fina, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,05 cm; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,6 cm.

⁴² OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita”



FIGURA 16: Vasilhame contendor da urna 03. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 17: O vasilhame contendor da urna 03 apresenta forma oval 02. Fonte: Oliveira (2003).

O opérculo da urna estava fragmentado, de modo que não foi possível reconstituí-lo inteiramente e, portanto, sua forma e dimensões permaneceram desconhecidas. A face externa apresenta um tratamento de superfície polido e brunido; enquanto a face interna é polida, brunida e com uma pintura em linhas verticais paralelas em tonalidade vermelha (FIGURA 18), que se concentram principalmente na borda. Em nenhuma destas superfícies foi atestada a presença de fuligem⁴³. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia fina, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,05 mm; suas paredes apresentam uma espessura de 0,5 cm. Embora não tenha sido possível reconstituir este vasilhame, as imagens registradas durante os trabalhos de campo demonstram que ele parece ter aproximadamente as mesmas dimensões do vasilhame contendor.

Com relação ao acompanhamento funerário, não foi encontrado nenhum material que pudesse ser percebido como tal. Durante a escavação deste enterramento foram coletados no interior da urna apenas seixos sem marcas de uso. Além desta ausência de marcas de uso, o modo disperso como eles aparecem ao longo das decapagens da urna sugere que sejam de caráter intrusivo.

⁴³ Neste opérculo, o brunido está presente em ambas as faces deste vasilhame. Devido a tonalidade escura que esta técnica confere a superfície cerâmica, torna-se difícil visualizar a efetiva presença de sinais de fuligem. Neste caso, assim como em todos os recipientes que apresentam o brunido como tratamento de superfície, foi friccionado um algodão em ambas as faces do vasilhame e mesmo assim nenhum sinal de fuligem foi percebido.



FIGURA 18: Fragmento do opérculo da urna 03. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias realizadas neste enterramento. Conforme mencionado acima, o enterramento sofreu perturbações, de modo que o material ósseo e dentário estava fragmentado. Nesta urna, os fragmentos cranianos - junto com as costelas, vértebras e dentes - foram evidenciados há pelo menos 10 cm acima dos ossos longos, como fêmures, tíbias e úmeros. Esta disposição dos ossos permite cogitar ao menos duas possibilidades: trata-se de um enterramento primário e o indivíduo foi enterrado na mesma posição e decúbito que a criança correspondente ao enterramento 02, ou seja, como se estivesse sentado e

por isso o crânio, as costelas e vértebras estariam em uma decapagem superior a dos ossos longos; trata-se de um enterramento secundário e os ossos teriam sido intencionalmente agenciados no vasilhame. A possibilidade de este enterramento tratar-se de uma inumação primária, aliás, foi defendida por Souza *et al.* (2002). De todo modo, levando em conta as perturbações que este enterramento sofreu, nenhuma dessas alternativas pode ser efetivamente validada.

Como o esqueleto deste enterramento sofreu perturbações e não estava mais em conexão anatômica, não foi possível fazer inferências sobre o tempo transcorrido entre o falecimento do indivíduo e sua deposição na urna. De toda forma, a fuligem atestada no vasilhame contendor confirma à sua utilização anterior em outras atividades relacionadas ao fogo. Essa afirmação, no entanto, não pode ser feita no que concerne ao opérculo, em que não foi percebido nenhuma evidência de fuligem. A pintura observada na superfície interna também contribui para reforçar a possibilidade deste vasilhame não ter sido exposto ao fogo, pois caso isso tivesse acontecido é provável que tais pinturas não pudessem mais ser visualizadas. De toda forma, além da ausência de fuligem, o opérculo apresentou características técnicas e morfológicas⁴⁴ distintas do recipiente contendor. Estas diferenças entre o vasilhame contendor e o opérculo demonstram que eles não pareciam compor originalmente um mesmo vasilhame. De modo contrário, ponderando tais distinções, parecem se tratar de duas peças diferentes que, por ocasião do sepultamento, foram utilizadas para constituir uma urna funerária.

Neste enterramento, aparentemente nenhum tipo de acompanhamento funerário foi utilizado. Entretanto, deve-se ressaltar que, considerando o estado de fragmentação do próprio material ósseo e dentário do esqueleto, mesmo que algum tipo de acompanhamento funerário tivesse sido utilizado - com exceção de material lítico - ele provavelmente não resistiria a perturbação que o enterramento sofreu.

No que concerne a estrutura funerária, para acolher o pacote fúnebre foi escavada uma cavidade na rocha. Este procedimento foi, naturalmente, realizado com um material de dureza maior que o arenito do abrigo, podendo talvez ser quartzo ou quartzito, abundantemente encontrados no entorno do sítio. De todo modo, a preparação desta estrutura requer um preparo diferencial, com exigência de um maior intervalo de tempo e esforço de trabalho. É possível que esta estrutura tenha sido preparada antes da

⁴⁴ Forma, tratamento de superfície interno e externo, sinais de fuligem e pasta.

chegada do pacote funerário ao sítio, por membros especificamente designados para esta função; ou ainda que ela tenha sido preparada no mesmo momento da chegada do referido pacote funerário com, nesse caso, realização de outras atividades ritualísticas concomitantemente à preparação da estrutura. Considerando esta segunda alternativa, existe a possibilidade que o próprio sítio Toca da Baixa dos Caboclos também tenha sido palco de atividades rituais que extrapolassem os eventos da inumação propriamente dita.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias dispensadas no enterramento 03 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 19).

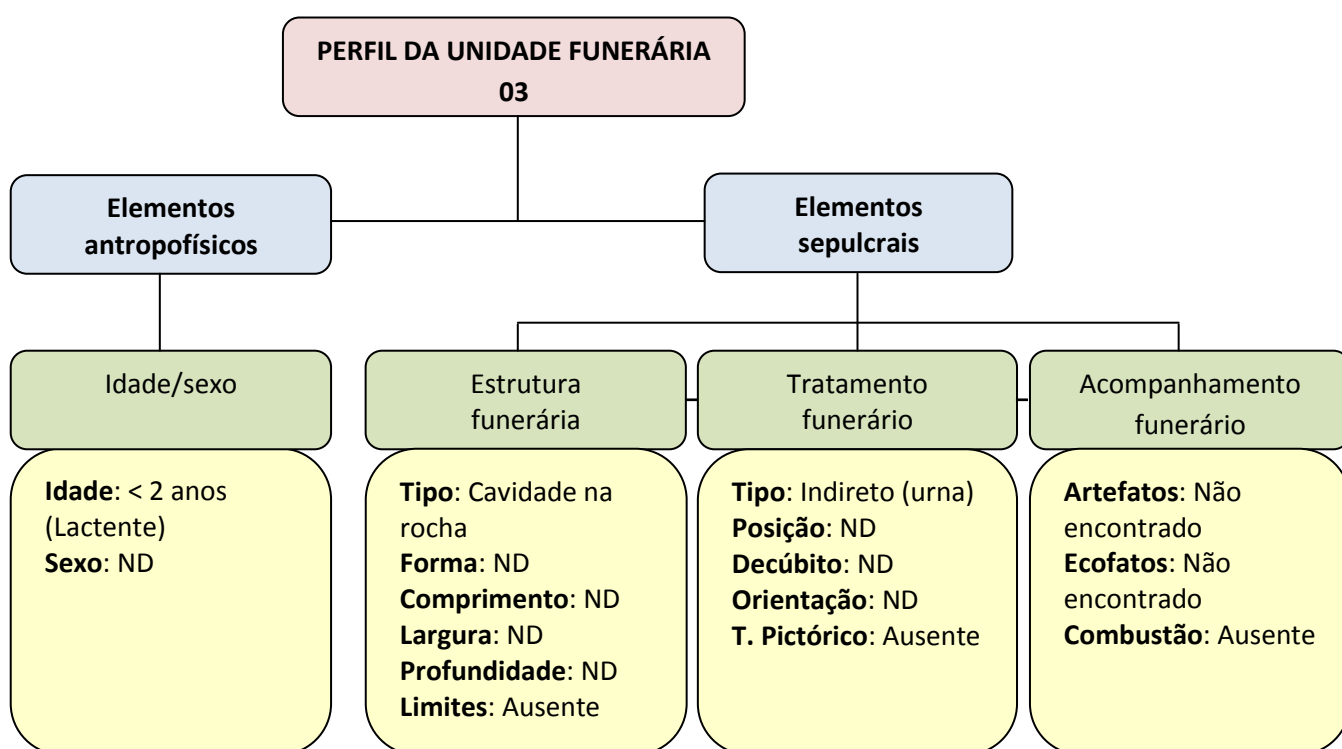


FIGURA 19: Síntese do Perfil da Unidade Funerária 03

4.1.4 Perfil da Unidade Funerária 04

O Perfil da Unidade Funerária 04 foi estabelecido a partir da análise dos dados existentes acerca dos elementos antropofísicos e sepulcrais do enterramento 04.

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a um adulto. Entretanto, devido ao seu estado de deterioração, não foi possível determinar seu sexo e idade.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura funerária, verificou-se que ela se trata de uma cavidade escavada na rocha, cujos limites não foram demarcados com nenhum material. Conforme apresentado acima, a estrutura funerária que comportava este enterramento guardava também os enterramentos 03 e 05 (FIGURA 20). Na pesquisa documental não foram encontradas informações quanto à sua forma e dimensões. No entanto, a topografia registrou que o enterramento 04 estava em um ponto da estrutura funerária cuja altura em relação que a superfície do terreno à época da escavação era aproximadamente 23 cm.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo indireto, depositado em uma urna funerária. Contudo, em função das perturbações que ele sofreu, não foi possível determinar se tratava-se de um enterramento primário ou secundário. De modo semelhante, não foi possível determinar a posição e o decúbito em que o indivíduo foi acomodado. A princípio, houve dúvidas sobre a presença ou não de um tratamento pictórico a base de Óxido de Ferro. Mas, a análise de cada osso em particular corroborou a ausência do referido tratamento pictórico. Como a urna foi escavada em laboratório e considerando o seu estado de fragmentação, não foi possível fazer observações sobre a orientação do indivíduo.



FIGURA 20: À esquerda, o enterramento 04; à direita, o enterramento 05. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

A urna funerária está composta apenas pelo vasilhame contendor (FIGURA 21). No contexto deste enterramento, foram identificados fragmentos diferentes do tipo de cerâmica do vasilhame contendor que poderiam fazer parte de um possível opérculo. Mas, em função de seu estado de fragmentação e da ínfima quantidade, esta inferência não pode ser afirmada. Por este motivo, tais fragmentos foram considerados na categoria dos acompanhamentos funerários.

O vasilhame contendor foi parcialmente reconstituído durante os trabalhos em laboratório. Como sua base não foi encontrada, não foi possível identificar sua real forma, mas a reconstituição parcial sugere que se trate de um vasilhame com forma oval completa⁴⁵ ou oval invertida⁴⁶ (FIGURA 22). A ausência da base também impediu observar sua altura máxima, mas seu diâmetro de boca foi mensurado em 28 cm e o diâmetro máximo em 43 cm. A superfície externa apresenta um tratamento de superfície corrugado e a interna, alisado; e ambas apresentam sinais de fuligem. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia média, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,1 cm; suas paredes apresentam uma espessura em 0,9 cm.

⁴⁵ OLIVEIRA, 2003, 93: "Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior que o diâmetro da boca e $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita".

⁴⁶ OLIVEIRA, 2003, 93: "Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita"



FIGURA 21: Vasilhame contendor da urna 04. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

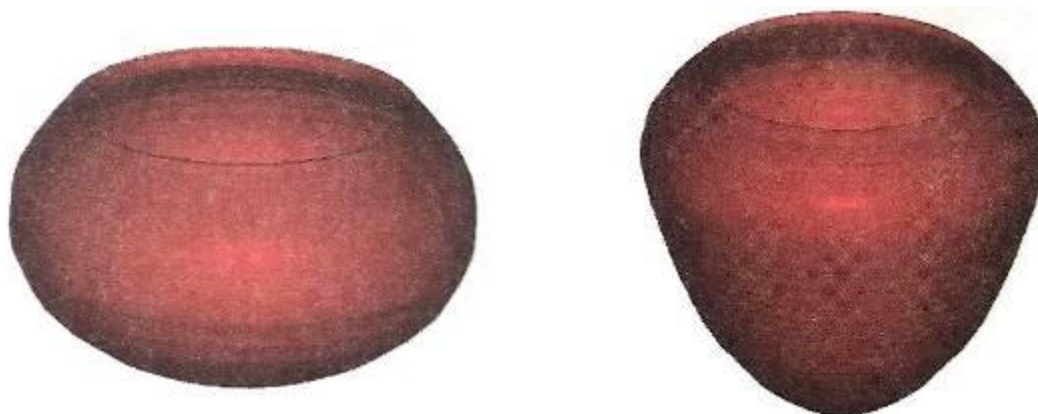


FIGURA 22: O vasilhame contendor da urna 04 aparenta ter uma forma oval completa ou oval invertida. Fonte: Oliveira (2003).

Com relação ao acompanhamento funerário, foram identificados apenas artefatos: fragmentos cerâmicos diferentes da cerâmica do vasilhame contendor (FIGURA 23) que possivelmente correspondiam ao opérculo da urna, mas que devido ao seu estado de fragmentação e à ínfima quantidade, não foram reconhecidos como tal. Devido ao estado de fragmentação, não foi possível reconstituí-los e, portanto, sua forma e dimensões permaneceram desconhecidas. A superfície externa fragmentos apresenta um tratamento de superfície brunido e a interna, polido; e em nenhuma delas há fuligem⁴⁷. Os fragmentos apresentam uma pasta composta por areia fina, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,05 cm; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,5 cm.



FIGURA 23: Fragmentos cerâmicos encontrados no contexto do enterramento 04. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Durante a escavação foram coletados também alguns seixos com impregnação de Óxido de Ferro (FIGURA 24), cujo posicionamento não foi pontuado em função da perturbação que o enterramento sofreu. No entanto, a ausência de marcas de uso sugere que eles devem ser de caráter intrusivo.

⁴⁷ Além das implicações naturais que o brunido ao material cerâmico, em que os sinais de fuligem podem ficar camuflados, neste caso deve-se considerar a quantidade não representativa de fragmentos ínfima vasilhame a quantidade.



FIGURA 24: Seixos sem marcas de uso e com impregnação de Óxido de Ferro encontrados no contexto do enterramento 04. Foto: Adolto Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias dispensadas a este enterramento. Conforme mencionado acima, o enterramento sofreu perturbações, de modo que o material ósseo e dentário estava fragmentado. Por este motivo, não foi possível observar se ele era do tipo primário ou secundário.

Mas, considerando as dimensões do vasilhame contendor, sobretudo o diâmetro da boca mensurado em 28 cm, duas possibilidades podem ser apontadas: trata-se de um enterramento secundário e, nesse caso, as dimensões da urna não significariam nenhum empecilho, já que o volume ósseo é menor que o volume de um corpo inteiro; trata-se de um enterramento primário e o indivíduo foi fortemente amarrado para ser inserido na urna. Esta segunda alternativa poderia ser reforçada com a constatação de fibras vegetais ou outro tipo de material que pudesse ter sido utilizado para amarrar os membros do indivíduo, mas nenhum vestígio deste tipo foi encontrado. Porém, considerando o estado de fragmentação do próprio material ósseo e dentário do esqueleto, mesmo que os referidos materiais tivessem sido utilizados, assim como qualquer outro tipo de acompanhamento funerário - com exceção de material lítico e talvez cerâmico - eles provavelmente não resistiriam a perturbação que o enterramento sofreu.

Do mesmo modo que o estado de conservação não permitiu observar se o enterramento era primário ou secundário, bem como perceber como se deu sua acomodação na urna; naturalmente também não foi possível fazer inferências sobre o tempo transcorrido entre o falecimento do indivíduo e sua deposição na urna. De toda forma, a fuligem atestada nas superfícies externa e interna do vasilhame contendor confirma a sua utilização anterior em outras atividades relacionadas ao fogo, possivelmente cotidianas. É provável que os outros fragmentos encontrados no contexto deste enterramento constituíssem o opérculo desta urna, mas devido ao seu estado de fragmentação, esta inferência não pode ser aceita como definitiva. Nestes fragmentos, a ausência de marcas de fuligem permite inferir duas possibilidades: os fragmentos pertenciam a um opérculo que, assim como na urna 02 e 03, não deveria ser utilizado em atividades relacionadas ao uso do fogo; os fragmentos pertenciam a qualquer outro objeto e não necessariamente um vasilhame, em seus moldes propriamente ditos.

Com relação aos seixos com impregnação de Óxido de Ferro, parece provável que a presença deste material esteja relacionada a uma incrustação natural, uma vez que este material está presente no próprio paredão rochoso e sedimento do abrigo. Além disso, mesmo que estes seixos houvessem sido utilizados para triturar fragmentos de Óxido de Ferro, seus córtices deveriam apresentar marcas de uso, não foi constatadas na análise em laboratório. Esta incrustação natural, aliás, não foi observada apenas nos referidos seixos, mas também no próprio material ósseo, gerando inclusive dúvidas sobre a presença de um tratamento pictórico intencional. Contudo, a análise do material ósseo também corroborou para o caráter natural de tal impregnação.

Com relação à estrutura funerária, cabem as mesmas pontuações feitas para o enterramento 03: configurando-se o como uma cavidade na rocha, ela deve ter sido preparada, naturalmente, com um material de dureza maior que o arenito do abrigo, podendo talvez ser quartzo ou quartzito, encontrados em abundância no seu entorno. O fato de que a preparação de uma estrutura como esta requer um maior esforço e intervalo de tempo sugere que outras atividades ritualísticas podem ter sido realizadas, no próprio espaço do sítio, em concomitância à preparação da estrutura.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias dispensadas ao enterramento 04 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 25).

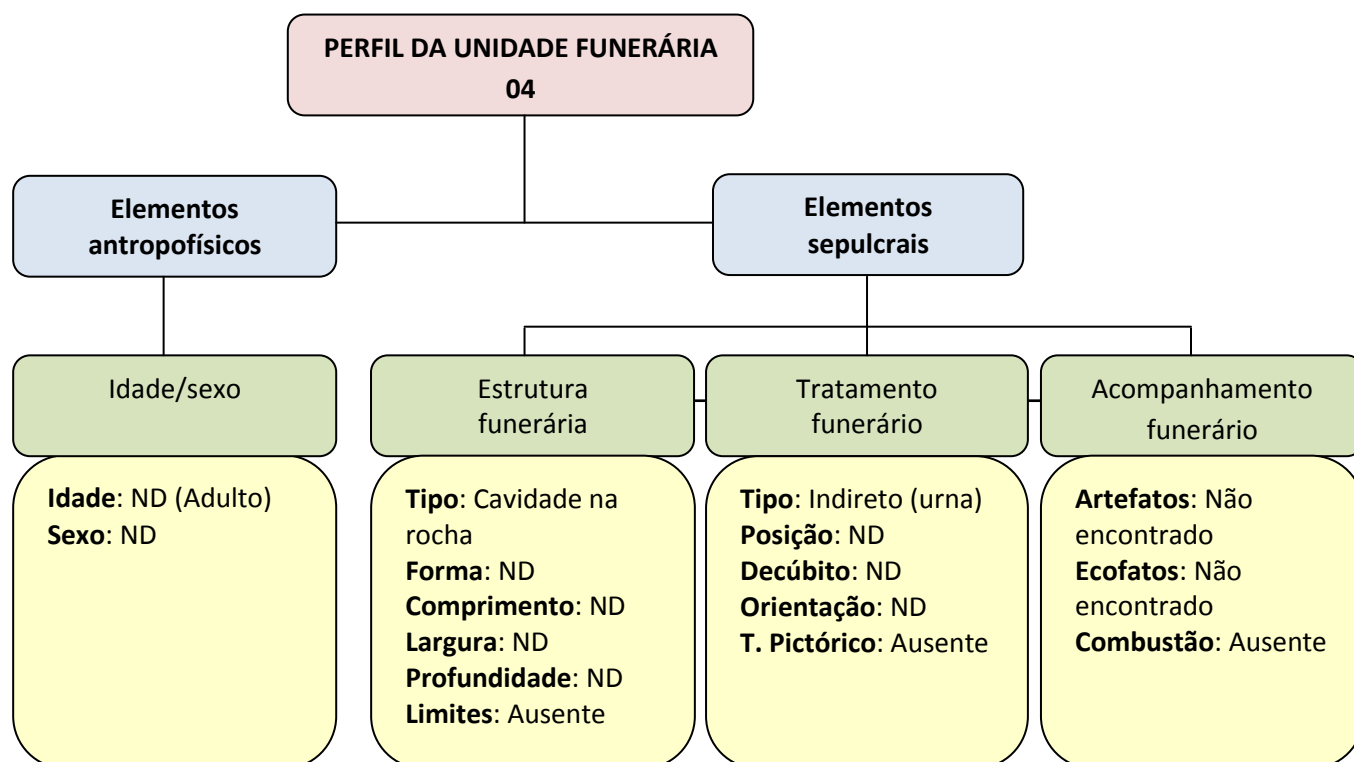


FIGURA 25: Síntese do Perfil da Unidade Funerária 04.

4.1.5 Perfil da Unidade Funerária 05

O Perfil da Unidade Funerária 05 foi estabelecido a partir da análise dos dados existentes acerca dos elementos antropofísicos e sepulcrais do enterramento 05.

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a um adulto. Entretanto, devido ao seu estado de deterioração, não foi possível determinar seu sexo e idade.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura funerária, verificou-se que ela se trata de uma cavidade escavada na rocha, cujos limites não foram demarcados com nenhum material. Conforme apresentado acima, a estrutura funerária que comportava este enterramento guardava também os enterramentos 03 e 04. Na pesquisa documental não foram encontradas informações quanto à sua forma e dimensões. No entanto, a topografia registrou que o enterramento 05 estava em um ponto da estrutura funerária cuja altura em relação que a superfície do terreno à época da escavação era aproximadamente 23 cm.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo indireto, depositado em uma urna funerária. Contudo, em função das perturbações que ele sofreu, não foi possível determinar se tratava-se de um enterramento primário ou secundário (FIGURA 26). De modo semelhante, não foi possível determinar a posição e o decúbito em que o indivíduo foi acomodado. Como a urna foi escavada em laboratório e considerando o seu estado de fragmentação, não foi possível fazer observações sobre a orientação do indivíduo.



FIGURA 26: Enterramento 05 após a retirada do casulo de gesso. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Assim como aconteceu nos esqueletos dos enterramentos 03 e 04, os ossos encontrados nesta urna também apresentaram uma tonalidade avermelhada que, a princípio, pensou-se tratar de um tratamento pictórico intencional à base de Óxido de Ferro (FIGURA 27). No entanto, após a análise de cada osso em particular, concluiu-se que a tonalidade vermelha observada nos ossos é decorrente da incrustação de sedimento do próprio abrigo. Este fato foi confirmado pela presença da tonalidade vermelha não

apenas na superfície externa dos ossos, mas também nas porções internas de vários ossos, implicando que o material impregnou-se na superfície óssea após a sua fratura. Portanto, não foi identificado nenhum tratamento pictórico intencional à base de Óxido de Ferro.



A urna 05 está composta apenas pelo um vasilhame contendor. No contexto deste enterramento, foram identificados fragmentos diferentes do tipo de cerâmica do vasilhame contendor que poderiam fazer parte de um opérculo. Mas, em função de seu estado de fragmentação e da ínfima quantidade, esta inferência não pôde ser afirmada. Por este motivo, tais fragmentos foram considerados na categoria dos acompanhamentos funerários.

O vasilhame contendor estava fragmentado, de modo que não foi possível reconstituí-lo (FIGURA 28). Por este motivo, foram obtidas apenas informações parciais acerca de sua forma. Tomando como referência a base do vasilhame – encontrada intacta - pôde-se observar que se trata de um recipiente com fundo arredondado, sugerindo que tenha também uma forma também arredondada, podendo ser do tipo oval completa⁴⁸ ou oval 02⁴⁹ (FIGURA 29). Não foi possível conhecer seu diâmetro de boca, tampouco seu diâmetro máximo e altura máxima. A superfície externa apresenta um tratamento de superfície corrugado e a interna, alisado; e foram atestados sinais de fuligem. O vasilhame foi produzido com uma pasta em areia média, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,1 cm; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,9 cm.



FIGURA 28: Fragmento da base do vasilhame contendor da urna 05. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

⁴⁸ OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior que o diâmetro da boca e $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita”

⁴⁹ OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita



FIGURA 29: O vasilhame contendor da urna 05 aparenta ter forma oval completa (à esquerda) ou oval 02 (à direita). Fonte: Oliveira (2003).

Com relação ao acompanhamento funerário, foram identificados apenas artefatos: fragmentos cerâmicos diferentes da cerâmica do vasilhame contendor (FIGURA 30) que possivelmente correspondiam ao opérculo da urna, mas que devido ao seu estado de fragmentação e à ínfima quantidade, não foram reconhecidos como tal. Devido ao estado de fragmentação, não foi possível reconstituí-los e, portanto, sua forma e dimensões permaneceram desconhecidas. Em ambas as faces - externa e interna – o tratamento de superfície é alisado e não há fuligem⁵⁰. Os fragmentos apresentam uma pasta composta por areia média, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,1 cm; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,6 cm.

Durante a escavação foram coletados também alguns seixos sem marcas de uso e uma lasca em quartzito, indubitavelmente de origem antrópica, com bulbo e ponto de percussão aparente (FIGURA 31). Porém, devido ao estado de perturbação deste enterramento, não foi possível observar se ela efetivamente foi utilizada acompanhamento funerário.

⁵⁰ Neste caso deve-se considerar que a quantidade de fragmentos não é representativa.



FIGURA 30: Fragmentos cerâmicos encontrados no contexto do enterramento 05. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 31: Lasca encontrada no contexto do enterramento 05. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias dispensadas a neste enterramento. Conforme mencionado acima, o enterramento sofreu perturbações, de modo que o material ósseo e dentário estava fragmentado. Por este motivo, não foi possível observar se ele era do tipo primário ou secundário. No caso deste enterramento, não foi possível nem mesmo mensurar as dimensões deste vasilhame, o que permitiria fazer inferências sobre o tipo (primário/secundário) deste enterramento.

No que concerne ao acompanhamento funerário, é provável que os outros fragmentos encontrados no contexto deste enterramento constituíssem o opérculo desta urna, mas devido ao seu estado de fragmentação, esta inferência não pode ser aceita como definitiva. Com relação a lasca em quartzito, não se pode afirmar que ela tenha sido efetivamente utilizada como parte de um enxoval funerário, uma vez que seu posicionamento em relação ao esqueleto não ficou conhecido, naturalmente devido à perturbação que este enterramento sofreu. Considerando que lascas com esta e outras matérias-prima foram encontrados de modo esporádico por todo o sítio, é possível que ela seja de caráter intrusivo. Com relação à estrutura funerária, cabem as mesmas pontuações feitas para os enterramentos 03 e 04.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias dispensadas ao enterramento 05 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 32).

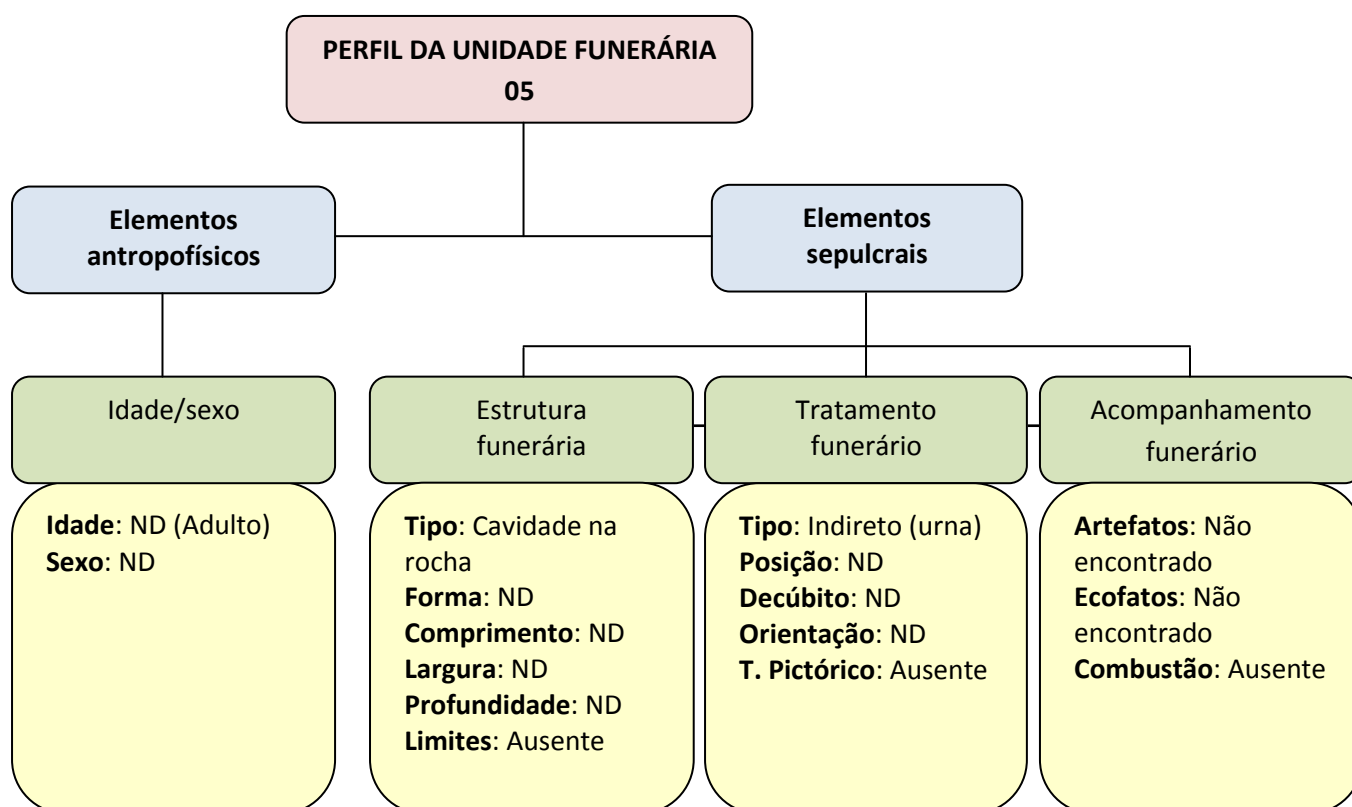


FIGURA 32: Síntese do Perfil da Unidade Funerária 05.

4.1.6 Perfil da Unidade Funerária 06

O Perfil da Unidade Funerária 06 foi estabelecido a partir da análise dos dados existentes acerca dos elementos antropofísicos e sepulcrais do enterramento 06.

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a um adulto do sexo masculino, com idade estimada em 25 e 30 anos e estatura entre 1,65⁵¹m.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura funerária, verificou-se que assim como aquela que comportava os enterramentos 03, 04 e 05, esta consistia em cavidade escavada na rocha. Apresentava forma oval, com aproximadamente 80 cm de comprimento por 70 cm de largura e 38 de profundidade (FIGURA 33) e seus limites não foram demarcados com nenhum material.

⁵¹ A identificação do sexo, idade e estatura deste indivíduo foi feita pela antropóloga física Eugénia Cunha, professora catedrática da Universidade de Coimbra.



FIGURA 33: Estrutura funerária do enterramento 06. Foto: Ledja Leite. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo primário direto, depositado sobre a cavidade na rocha. O indivíduo estava em posição fetal, decúbito lateral direito (FIGURA 34). Mas, um acidente ocorrido durante a retirada do casulo comprometeu esta conexão anatômica. Nenhum tratamento à base de Óxido de Ferro foi atestado. Nos registros documentais não foram encontradas informações sobre a orientação do indivíduo.



FIGURA 34: O indivíduo do enterramento 06 estava foi acomodado em posição fetal, decúbito lateral direito. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Com relação ao acompanhamento funerário foram encontrados apenas artefatos: fibras vegetais dispersas nas últimas decapagens, próximas ao esqueleto (FIGURA 35). Estas fibras parecem corresponder a resquícios de cordas, produzidos sob a técnica do torcido vertical⁵², com espessuras variando entre 0,1 e 0,3 cm.

Durante a escavação deste enterramento também foram coletados: seixos sem marcas de uso, vestígios faunísticos (insetos, coprólitos de animais, ossos de microfauna) e vestígios vegetais (folhas e gravetos). No entanto, levando em conta que todos estes vestígios não estavam pontualmente posicionados e, ao contrário, foram encontrados de modo aleatoriamente em algumas decapagens, é provável que eles sejam de caráter intrusivo.

⁵² RIBEIRO, 1987, 319: "Consiste em um par de talos flexíveis ou fios lançados sobre si mesmos que, simultaneamente, em cada meia volta, englobam um elemento da urdidura que corre em sentido contrário, envolvendo-o transversalmente".

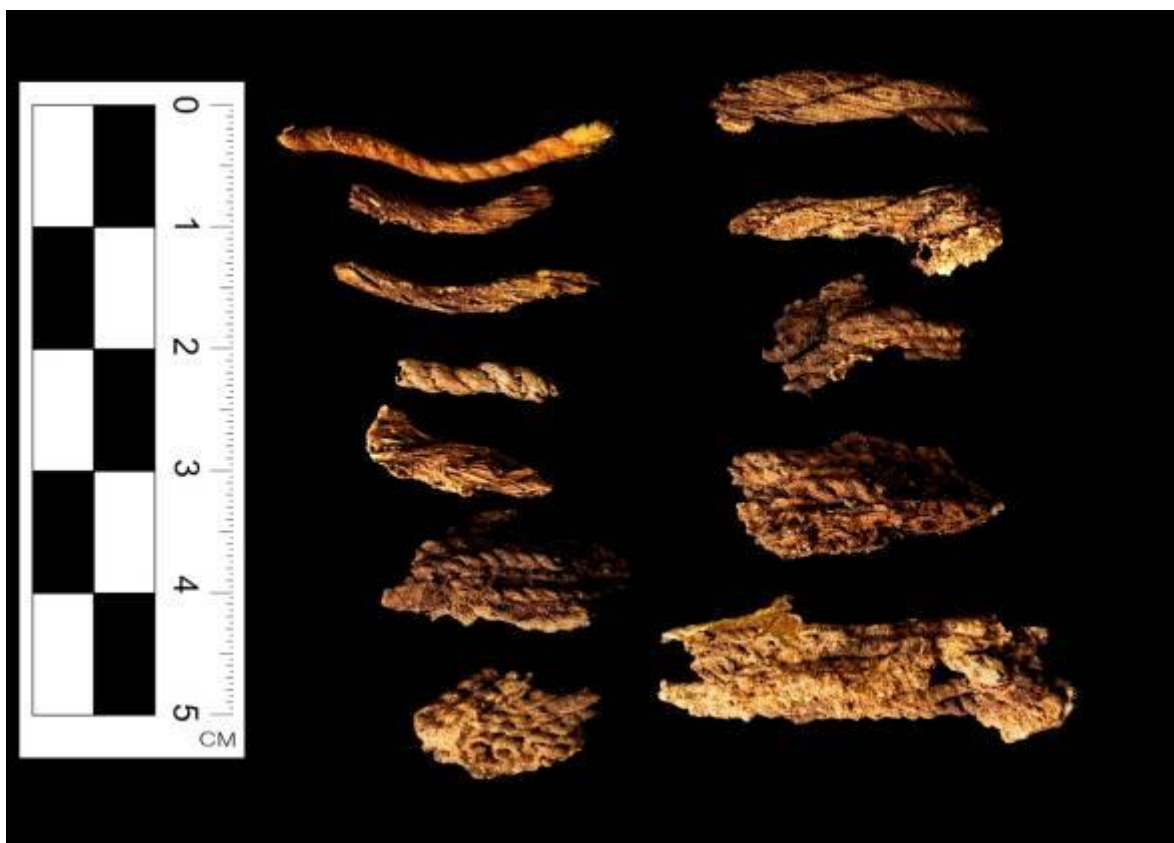


FIGURA 35: Fibras vegetais encontradas no enterramento 06. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias realizadas neste enterramento. Conforme mencionado acima, o indivíduo foi depositado em posição fetal, decúbito lateral direito. As pernas estavam flexionadas de modo que a tíbia e a fíbula estavam paralelas ao fêmur que, por sua vez, estava paralelo a linha coluna vertebral. O úmero também estava paralelo a coluna, sugerindo que o antebraço foi mantido junto ao tronco, enquanto os braços foram flexionados e arrumados frente ao corpo. O crânio não foi encontrado e, considerando o estado de conservação do restante deste esqueleto, parece difícil de acreditar que ele tenha se desintegrado completamente. Guidon *et al.* (1998) sugere que ele pode ter sido carregado pelas enxurradas que assolaram o abrigo. No entanto, convém reforçar que há um registro oral de que o crânio do esqueleto 07 – que começou a ser evidenciado pela erosão – teria sido levado por uns moradores locais, por caráter de curiosidade, mas depois que fora recolocado em seu lugar de origem. Considerando que o esqueleto 07 parece estar totalmente *in situ*, sugere-se que o crânio que teria sido levado pelos

moradores poderia ser, na verdade, o do enterramento 06 que, portanto, não foi encontrado pelo fato de que não devolvido ao sítio pelos moradores.

De toda forma, com base na flexão dos membros, sobretudo dos inferiores, pode-se inferir que a sua posição tenha sido fixada antes do *rigor mortis*, ou seja, em um período de no máximo sete horas após a sua morte. A análise das fibras vegetais encontradas neste enterramento revelou que elas correspondiam a resquícios de cordas, trançados sob uma mesma técnica. Tais fibras foram encontradas por todo o sedimento do contexto do enterramento, o que permite inferir duas possibilidades: são resquícios de um invólucro utilizado para envolver o cadáver e por isso foram encontradas por todo o sedimento de entorno do indivíduo; ou são resquícios de cordas utilizadas para amarrar o indivíduo e mantê-lo na posição que o grupo determinou, e sua dispersão por todo o sedimento indivíduo é consequência da perturbação causada pelo acidente do casulo. Com relação à estrutura funerária, cabem as mesmas pontuações feitas para os enterramentos 03, 04 e 05, também depositados em cavidades escavadas na rocha.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias dispensadas ao enterramento 06 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 36).

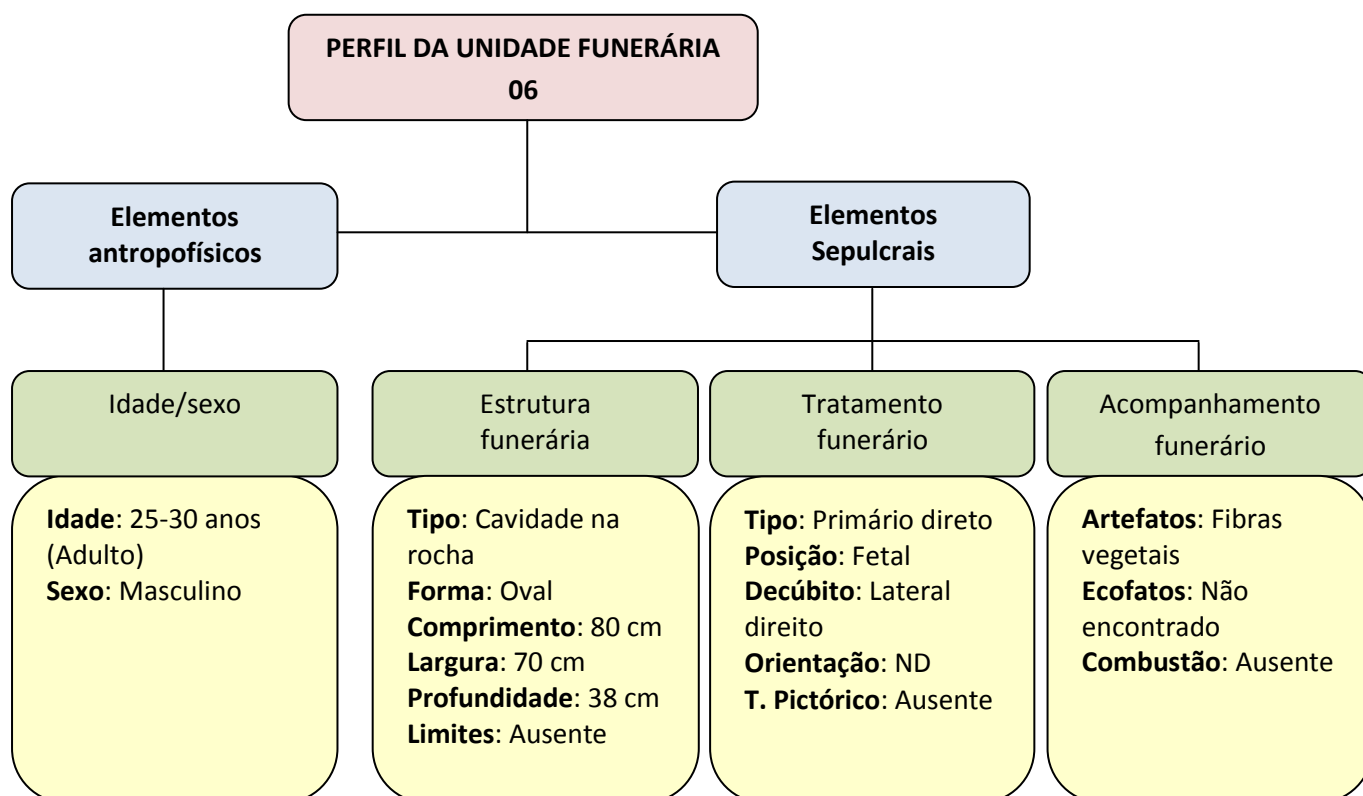


FIGURA 36: Síntese do Perfil da Unidade funerária 06

4.1.7 Perfil da Unidade Funerária 07

O Perfil da Unidade Funerária 07 foi estabelecido a partir da análise dos dados existentes acerca dos elementos antropofísicos e sepulcrais do enterramento 07.

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a um adulto do sexo masculino, com idade estimada em 20 e 22 anos e estatura em torno de 1,60⁵³m.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura funerária, verificou-se que ela se trata de uma cavidade escavada no sedimento, cujos limites não foram demarcados com nenhum material. Em função de este enterramento ter sido retirado através da técnica do engessamento, não foi possível observar sua forma e dimensões. Mas, após a sua retirada, foi registrado através da topografia que ele estava há pelo menos 29 cm da superfície do terreno à época da escavação.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo primário indireto, acondicionado em urna funerária (FIGURA 37). O indivíduo estava em posição sentada, com as pernas fletidas junto ao corpo. Nenhum tratamento à base de Óxido de Ferro foi atestado. Nos registros documentais não foram encontradas informações sobre a orientação do corpo do indivíduo.

⁵³ A identificação do sexo, idade e estatura deste indivíduo foi feita pela antropóloga física Eugènia Cunha, professora catedrática da Universidade de Coimbra.



FIGURA 37: Enterramento 07. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

A urna está composta por um vasilhame contendor e um opérculo, ambos fragmentados. O vasilhame contendor, parcialmente reconstituído durante os trabalhos em laboratório (FIGURA 38), apresenta a forma oval invertida⁵⁴ (FIGURA 39). A ausência da base também impediu observar sua altura máxima, mas seu diâmetro de boca foi mensurado em 27 cm e o diâmetro máximo em 42 cm. A superfície externa apresenta um tratamento de superfície corrugado e a interna, alisado; e ambas apresentam fuligem. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia grossa, com grãos de quartzo e feldspato maiores que 0,1 cm e cacos de cerâmica; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,7 cm. À meia altura do vasilhame foram observados dois orifícios que parecem ter sido perfurados após a cerâmica já estar pronta.

⁵⁴ OLIVEIRA, 2003, 93: "Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{1}{4}$ da peça, forma oval".



FIGURA 38: O vasilhame contendor da urna 07. No detalhe, os orifícios à meia altura do vasilhame. O desgaste observado na superfície interna sugere que tenham sido perfurados quanto a urna já estava pronta. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 39: O vasilhame contendor da urna 07 apresenta forma oval invertida. Fonte: Oliveira (2003).

O opérculo estava fragmentado, de modo que não foi possível reconstituí-lo factualmente (FIGURA 40). Segundo a reconstituição hipotética feita com uso do ábaco, trata-se de um vasilhame de forma oval 02⁵⁵ (FIGURA 41), com um diâmetro de boca de 48 cm e um diâmetro máximo de 50 cm. Devido à base não ter sido encontrada, não foi possível mensurar sua altura máxima. Ambas as superfícies possuem um tratamento de superfície alisado e não apresentam fuligem. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia média, com grãos de quartzo e feldspato menores que 0,1 cm e bolos de argila; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,5 cm.



FIGURA 40: Fragmentos cerâmicos do opérculo da urna 07. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

⁵⁵ OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constricta”.



FIGURA 41: A forma do opérculo da urna 02 é do tipo oval 02. Fonte: Oliveira (2003).

Com relação ao acompanhamento funerário foram encontrados apenas artefatos: fibras vegetais encontradas próximo aos ossos dos pés e mãos do esqueleto (FIGURA 42). Estas fibras parecem corresponder a resquícios de cordas, produzidos sob a técnica do torcido vertical⁵⁶, com espessuras variando entre 0,1 e 0,3 cm.



FIGURA 42: Fibras vegetais encontradas próximas aos ossos das mãos e pés do esqueleto do enterramento 07. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

⁵⁶RIBEIRO, 1987, 319: “Consiste em um par de talos flexíveis ou fios lançados sobre si mesmos que, simultaneamente, em cada meia volta, englobam um elemento da urdidura que corre em sentido contrário, envolvendo-o transversalmente”

No contexto deste enterramento também foi encontrado um artefato lítico que poderia ter sido utilizado como acompanhamento funerário, mas como não estava pontualmente posicionado em relação ao esqueleto, não pôde ser efetivamente reconhecido como tal. Trata-se de um artefato em quartzito, cuja funcionalidade não foi claramente identificada: poderia ser um objeto utilizado para alisar ou polir objetos líticos ou cerâmicos e, ao mesmo tempo, sua morfologia sugere um material que poderia estar sendo trabalhado para preparar um machado, mas que por qualquer acidente durante a sua produção, não foi concluído (FIGURA 43).

Durante a escavação também foram coletados seixos sem marcas de uso e vestígios vegetais, entre folhas e gravetos. No entanto, o caráter disperso com que estes vestígios apareceram ao longo das decapagens, sugere um caráter intrusivo.



FIGURA 43: Artefato lítico encontrado no contexto do enterramento 07. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias realizadas neste enterramento. Conforme mencionado acima, o indivíduo foi depositado em sentada, com as pernas fortemente fletidas junto do corpo, de um modo que as tíbias e fíbulas estavam paralelas aos fêmures. Esta flexão dos membros inferiores indica que sua posição foi fixada antes do processo de *rigor mortis*. As fibras vegetais encontradas próximas aos pés e mãos do indivíduo sugerem que o cadáver deve ter sido amarrado. É preciso considerar também que o diâmetro da boca do vasilhame mostra-se

relativamente desproporcional ao porte do indivíduo (FIGURA 44): ao que parece, a introdução de um adulto com cerca de 1,60 m em um recipiente cerâmico com apenas 26 cm de diâmetro de boca, só seria possível se sua musculatura ainda não estivesse enrijecida e o corpo fortemente amarrado e comprimido.

Quanto aos orifícios observados no vasilhame contendor, o desgaste na superfície interna sugere que eles devem ter sido perfurados quando a cerâmica já estava pronta. Além disso, os seus posicionamentos à meia altura do vasilhame inviabilizam a utilização do vasilhame em outras atividades relacionadas ao uso de líquidos, como o armazenamento de água ou o cozimento de alimentos. Estes fatos, portanto, sugerem que tais orifícios devem ter sido perfurados por ocasião do reaproveitamento do vasilhame como urna funerária, para facilitar o transporte do pacote funerário até o sítio.

Desse modo, estas observações indicam que o tratamento funerário ou pelo menos a acomodação do indivíduo na urna deve ter se dado nos momentos imediatamente posteriores e no mesmo local de sua morte.



FIGURA 44: O diâmetro da boca do vasilhame contendor aponta que a acomodação do cadáver em seu interior se deu antes do *rigor mortis*. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

No contexto deste enterramento foi encontrado também um artefato lítico cuja funcionalidade não foi identificada. Trata-se de um objeto que pode ter sido utilizado para alisar ou polir materiais líticos ou cerâmicos, ou ainda poderia tratar-se de um machado que não foi concluído. Considerando que o(s) grupo(s) que utilizaram o sítio Toca da Baixa dos Caboclos como espaço funerário dominava a técnica da cerâmica, é possível que ele estivesse relacionado à atividades deste cunho. Entretanto, como este artefato não estava pontualmente posicionado em relação ao indivíduo, não é possível assegurar que ele efetivamente tenha sido utilizado como acompanhamento funerário.

No que concerne a estrutura funerária, cabem as mesmas pontuações feitas para os enterramentos depositados em cavidades no sedimento: considerando que o sedimento do abrigo é friável, esta estrutura funerária pode ter sido preparada no mesmo momento de chegada do grupo com o pacote funerário ao sítio, ou ainda que ela tenha sido escavada em um instante anterior a chegada do grupo ao espaço, por outros membros que tenham sido designados para esta função.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias dispensadas no enterramento 07 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 45).

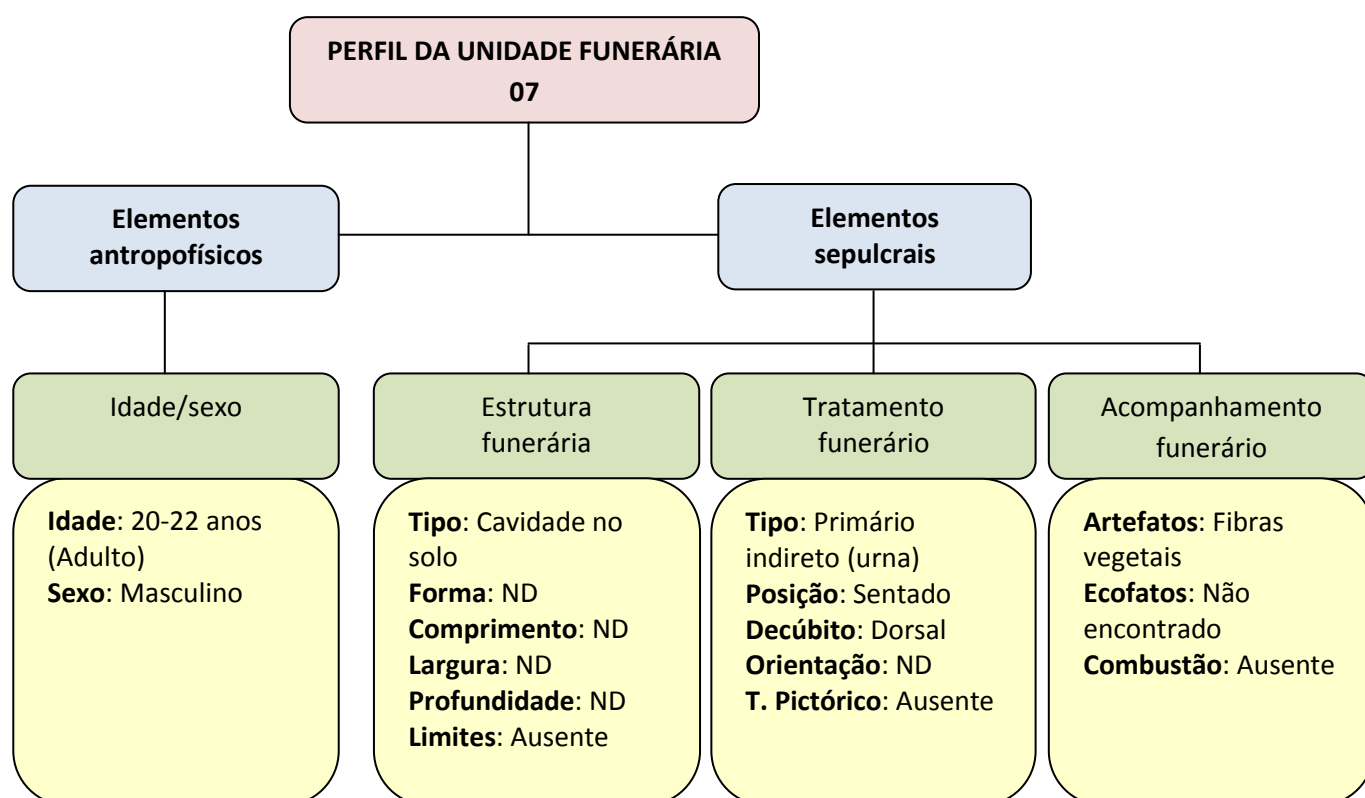


FIGURA 45: Síntese do Perfil da Unidade Funerária 07.

4.1.8 Perfil da Unidade Funerária 08

O Perfil da Unidade Funerária 08 foi estabelecido a partir da análise dos dados existentes acerca dos elementos antropofísicos e sepulcrais do enterramento 08.

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a uma criança, com idade estimada em 4 anos. Em função desta idade, não foi possível determinar o sexo do indivíduo.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura funerária, verificou-se que ela se trata de uma cavidade escavada no sedimento, cujos limites não foram demarcados com nenhum material. Em função de este enterramento ter sido retirado através da técnica do engessamento, não foi possível observar sua forma e dimensões. Mas, após a sua retirada, foi registrado através da topografia que ele estava há pelo menos 42 cm da superfície do terreno à época da escavação.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo primário. Contudo, em função das perturbações que ele sofreu não foi possível determinar se tratava-se realmente de um enterramento em urna ou uma inumação direta que fora recoberta por um recipiente cerâmico (FIGURA 46). Também não foi possível determinar a posição e o decúbito em que ele foi acomodado. Nenhum tratamento pictórico intencional à base de Óxido de Ferro foi atestado. Como o enterramento foi escavado em laboratório e considerando o seu estado de fragmentação, não foi possível fazer observações sobre a orientação do indivíduo.



FIGURA 46: O enterramento 08 após a retirada do casulo de gesso. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

No contexto deste enterramento, foram encontrados fragmentos cerâmicos que parecem pertencer a um mesmo vasilhame, salvo uma distinção: em apenas um fragmento de borda, a superfície externa apresenta uma pintura com linhas verticais paralelas, em tonalidade negra (FIGURA 47); e este tipo de pintura não foi atestado em nenhum dos demais fragmentos (FIGURA 48). A princípio, pensou-se que a presença de fragmentos cerâmicos com pelo menos dois tipos tratamento superfície externa poderia indicar a existência de uma urna funerária formada por um vasilhame contendor e um opérculo. No entanto, a análise em laboratório revelou que todas as outras variáveis levadas em conta – o tratamento de superfície interno, os indícios de fuligem, a espessura e pasta – mostravam-se idênticos no fragmento com pintura e naqueles em que ela não foi observada. Desse modo, ao que parece, todos os fragmentos cerâmicos encontrados no contexto deste enterramento faziam parte de um único vasilhame cerâmico. Assim, a ausência da pintura nos demais fragmentos estaria relacionada meramente a questões de conservação.

Portanto, de acordo com o que foi considerado na análise do material cerâmico, acredita-se que no enterramento 08 apenas um recipiente cerâmico estava presente. Em função do seu estado de fragmentação deste recipiente, não foi possível reconstituí-lo inteiramente e, por este motivo, foram obtidas apenas informações parciais acerca de sua forma e dimensões. Segundo a reconstituição hipotética, trata-se de um vasilhame de forma oval 02⁵⁷ (FIGURA 49), com um diâmetro de boca – mensurado através do ábaco – de 50 cm. Não foi possível mensurar seu diâmetro máximo e sua altura máxima. A superfície externa apresenta um tratamento de superfície alisado, mas é provável que a pintura observada em um fragmento de borda – linhas verticais paralelas em negro – estivesse presente por todo o vasilhame. A superfície interna apresenta um tratamento de superfície alisado. Ambas as faces apresentam fuligem. O vasilhame foi produzido com uma pasta composta por areia média, com quartzo e feldspato menores que 0,1 cm; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,8 cm.



FIGURA 47: Fragmento de vasilhame cerâmico encontrado no contexto do enterramento 08. A face externa apresenta uma pintura em tonalidade negra, com linhas paralelas. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

⁵⁷ OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita”



FIGURA 48: Fragmento de vasilhame cerâmico encontrado no contexto do enterramento 08. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 49: A forma do vasilhame encontrado no contexto do enterramento 08 é do tipo oval 02. Fonte: Oliveira (2003).

Com relação ao acompanhamento funerário, não foi encontrado nenhum material que pudesse ser percebido como tal. Durante a escavação deste enterramento foram coletados no interior da urna seixos e vestígios vegetais (folhas e gravetos). No entanto, levando em conta que todos estes vestígios não estavam pontualmente posicionados e, ao contrário, foram encontrados de modo aleatoriamente em algumas decapagens da urna, é provável que eles sejam de caráter intrusivo.

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias realizadas neste enterramento. Conforme mencionado acima, o enterramento sofreu perturbações, de modo que o material cerâmico, ósseo e dentário estava fragmentado. O modo como os fragmentos cerâmicos estavam dispostos não permitiu nem mesmo observar se tratava-se de um enterramento em urna ou uma inumação direta que foi recoberta por um vasilhame. Sob os fragmentos cerâmicos e há cerca de 20 cm dele, estava a coluna vertebral ainda em conexão anatômica. Na decapagem seguinte e próximos à coluna vertebral, foram encontradas as costelas e o úmero. A disposição dos ossos não forneceu subsídios para compreender o modo como o indivíduo foi acomodado. Naturalmente, o estado de conservação do esqueleto também não permitiu fazer inferências sobre o tempo transcorrido entre o falecimento do indivíduo e sua acomodação na urna ou na estrutura funerária. De toda forma, a fuligem atestada nas superfícies externa e interna do vasilhame contendor confirma à sua utilização anterior em outras atividades relacionados ao fogo.

No contexto deste enterramento, não foi encontrado nenhum material que pudesse ser entendido como enxoval funerário. Entretanto, deve-se ressaltar que, considerando o estado de fragmentação do próprio material ósseo e dentário do esqueleto, mesmo que algum material deste tipo tivesse sido utilizado como acompanhamento funerário, ele provavelmente não resistiria a perturbação que o enterramento sofreu. No que concerne a estrutura funerária, cabem as mesmas pontuações feitas para os enterramentos depositados em cavidades no sedimento.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias realizadas no enterramento 08 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 50).

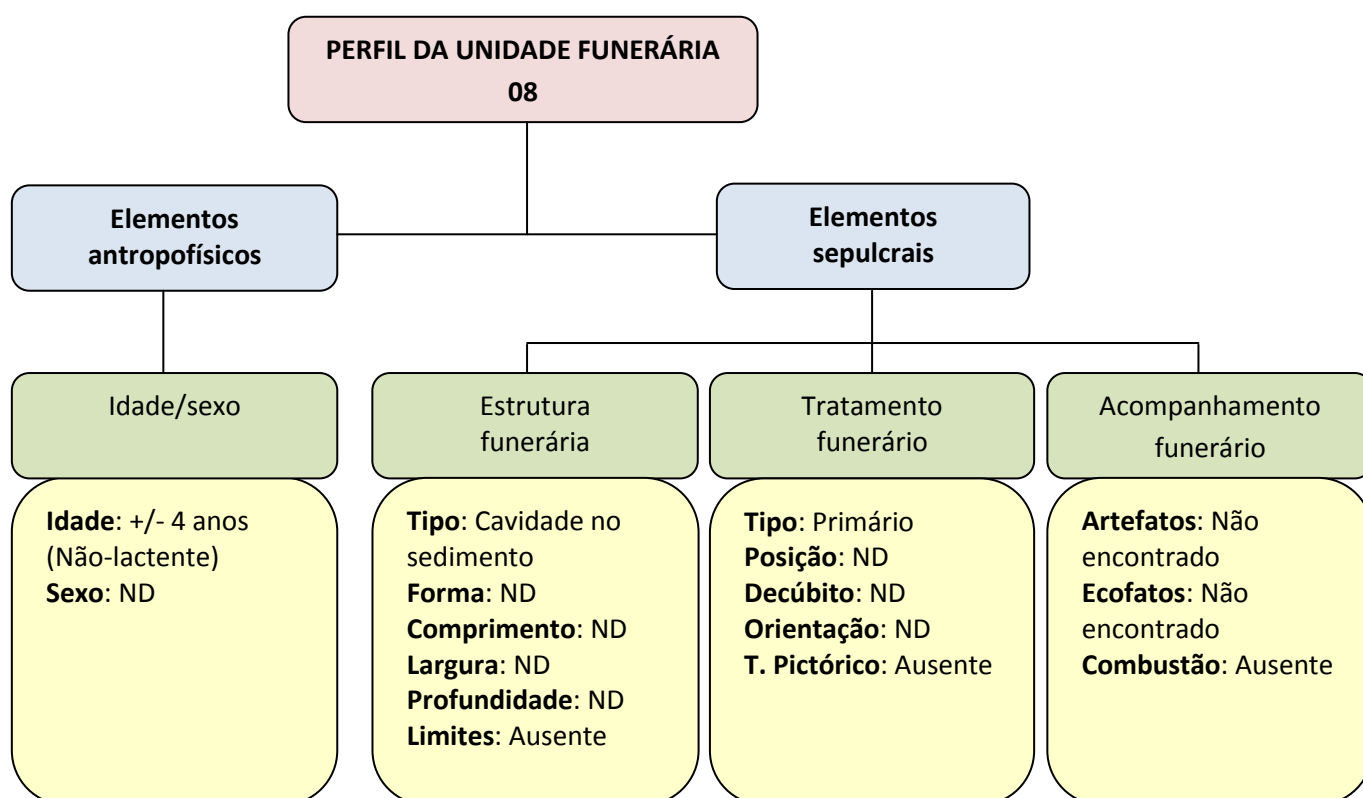


FIGURA 50: Síntese do Perfil da Unidade Funerária 08.

4.1.9 Perfil da Unidade Funerária 09

O Perfil da Unidade Funerária 09 foi estabelecido a partir da análise dos dados existentes acerca dos elementos antropofísicos e sepulcrais do enterramento 09.

No que concerne aos elementos antropofísicos, verificou-se que o esqueleto correspondia a um lactente, motivo pelo qual não foi possível determinar seu sexo.

No que concerne aos elementos sepulcrais, foram obtidas informações parciais sobre a estrutura, o tratamento e o acompanhamento funerário. Com relação à estrutura funerária, verificou-se que ela se trata de uma cavidade escavada no sedimento, cujos limites não foram demarcados com nenhum material. Nos registros documentais não foram encontradas informações sobre sua forma e dimensões. Mas, após a retirada do enterramento, foi registrado através da topografia que ele estava há pelo menos 18 cm da superfície do terreno à época da escavação.

Com relação ao tratamento funerário, este enterramento é do tipo primário indireto, depositado em uma urna funerária (FIGURA 51). O indivíduo estava em posição

fletida, com as pernas em ângulo de 45°, a direita sob a esquerda, em decúbito lateral direito. Nenhum tratamento pictórico intencional à base de Óxido de Ferro foi atestado. Como a urna foi escavada em laboratório, não foi possível fazer observações sobre a orientação do indivíduo.



FIGURA 51: Enterramento 09. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

A urna funerária está composta apenas pelo vasilhame contendor (FIGURA 52), não tendo sido encontrado nenhum fragmento cerâmico que sugerisse a presença de um opérculo. O vasilhame contendor estava parcialmente fragmentado, mas foi possível observar que ele possui uma forma oval 02⁵⁸ (FIGURA 53). Apresenta um diâmetro de boca aproximado em 30 cm, um diâmetro máximo aproximado em 32 cm e uma altura máxima aproximada em 28 cm. A superfície externa apresenta um tratamento de superfície polido e brunido. A superfície interna apresenta um tratamento de superfície polido, brunido e pintado, com linhas verticais paralelas em vermelho, que se concentram

⁵⁸ OLIVEIRA, 2003, 93: “Vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval, boca constrita”.

principalmente na borda. Em nenhuma das faces foi percebida a presença de fuligem. O vasilhame foi produzido com uma pasta em areia fina, composta por grãos de quartzo e feldspato menores que 0,05 cm; suas paredes apresentam uma espessura média de 0,5 cm.

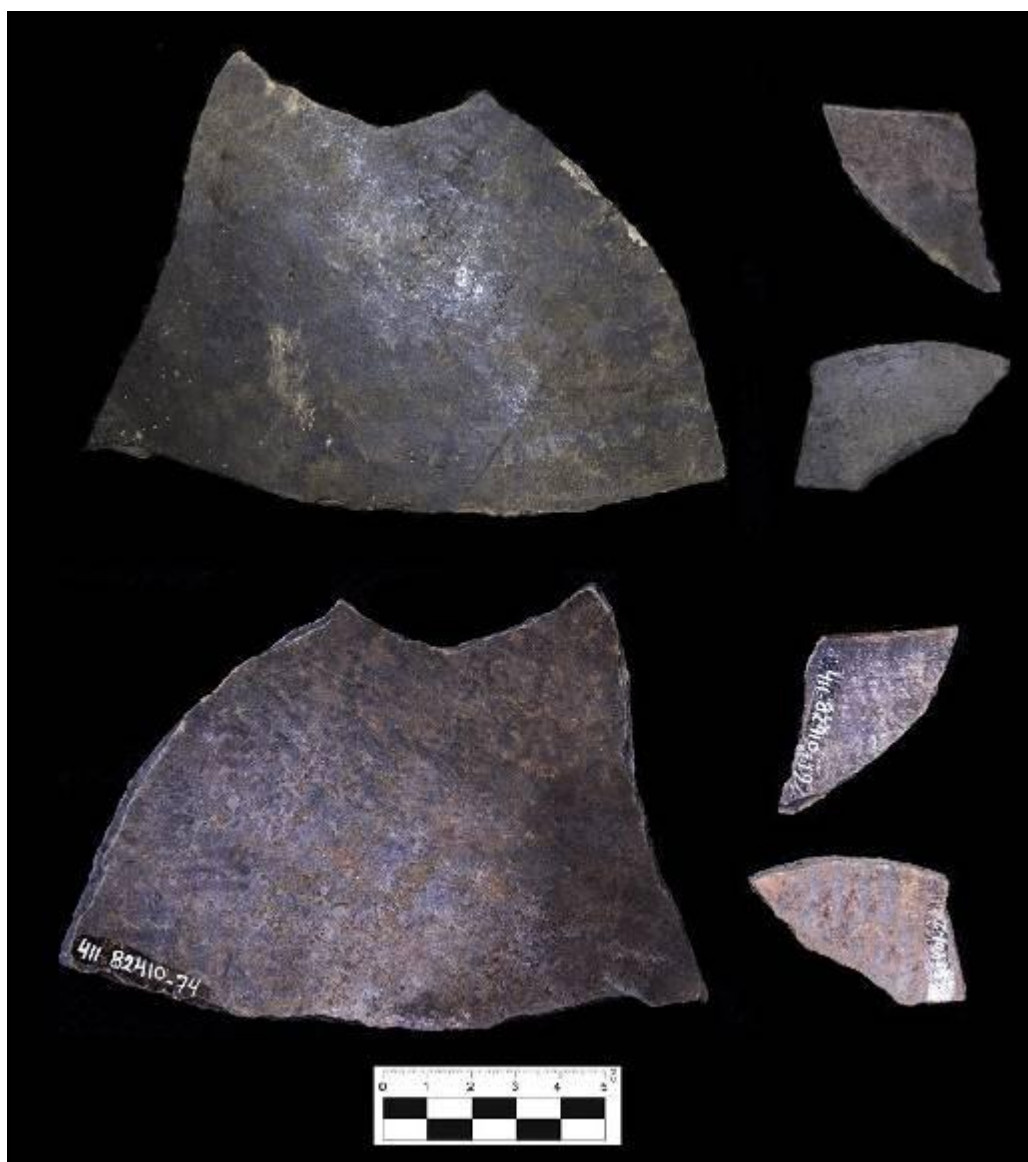


FIGURA 52: Fragmentos do vasilhame contendor da urna 09. Foto: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.



FIGURA 53: O vasilhame contendor da urna 09 possui forma do tipo oval 02. Fonte: Oliveira (2003).

Com relação ao acompanhamento funerário foi encontrado apenas um artefato, posicionado a frente do esqueleto: um conjunto de gravetos que aludia um arco com duas setas, formado por dois gravetos com as extremidades afiadas e outro com uma corda atada nas extremidades.

Durante a escavação deste enterramento foram coletados seixos sem marcas de uso e vestígios vegetais (folhas e palhas). No entanto, levando em conta que todos estes vestígios não estavam pontualmente posicionados e, ao contrário, foram encontrados de modo aleatoriamente em algumas decapagens da urna, é provável que eles sejam de caráter intrusivo.

Com base nestes dados, é possível fazer algumas pontuações sobre as práticas funerárias dispensadas a este enterramento. Conforme mencionado acima, o esqueleto foi acomodado em posição fletida, com as pernas flexionadas em um ângulo de 45°, a direita sob a esquerda, em decúbito lateral direito. O cadáver foi depositado no fundo da urna e, aparentemente, nenhum tipo de forro no interior do vasilhame foi utilizado. Observado que os membros deste indivíduo não foram totalmente flexionados, não é possível fazer inferências sobre o fato de ele ter sido depositado antes ou depois do *rigor mortis*. Além disso, considerando que as dimensões da urna, com um diâmetro de boca mensurado em 30 cm e um diâmetro máximo em aproximadamente 32 cm, mostram-se suficientes para inserir e acomodar um recém-nascido, mesmo após o processo do *rigor mortis*.

De modo semelhante, a ausência de fuligem na superfície da urna funerária, não permite inferir se o vasilhame estava preparado ou não quando o indivíduo veio a falecer. As pinturas observadas na face interna do recipiente sugerem que o ele não deve ter sido utilizado nas atividades cotidianas do grupo, ou pelo menos não nas que estejam relacionadas ao fogo. O provável conjunto de arco e flecha depositado junto ao indivíduo suscita diversas possibilidades interpretativas, mas nenhuma com fundamentação sólida. No que concerne a estrutura funerária, cabem as mesmas pontuações feitas para os enterramentos depositados em cavidades no sedimento.

Até o momento, estas foram as informações possíveis acerca das práticas funerárias realizadas no enterramento 09 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Em síntese, elas podem ser observadas no quadro abaixo (FIGURA 54).

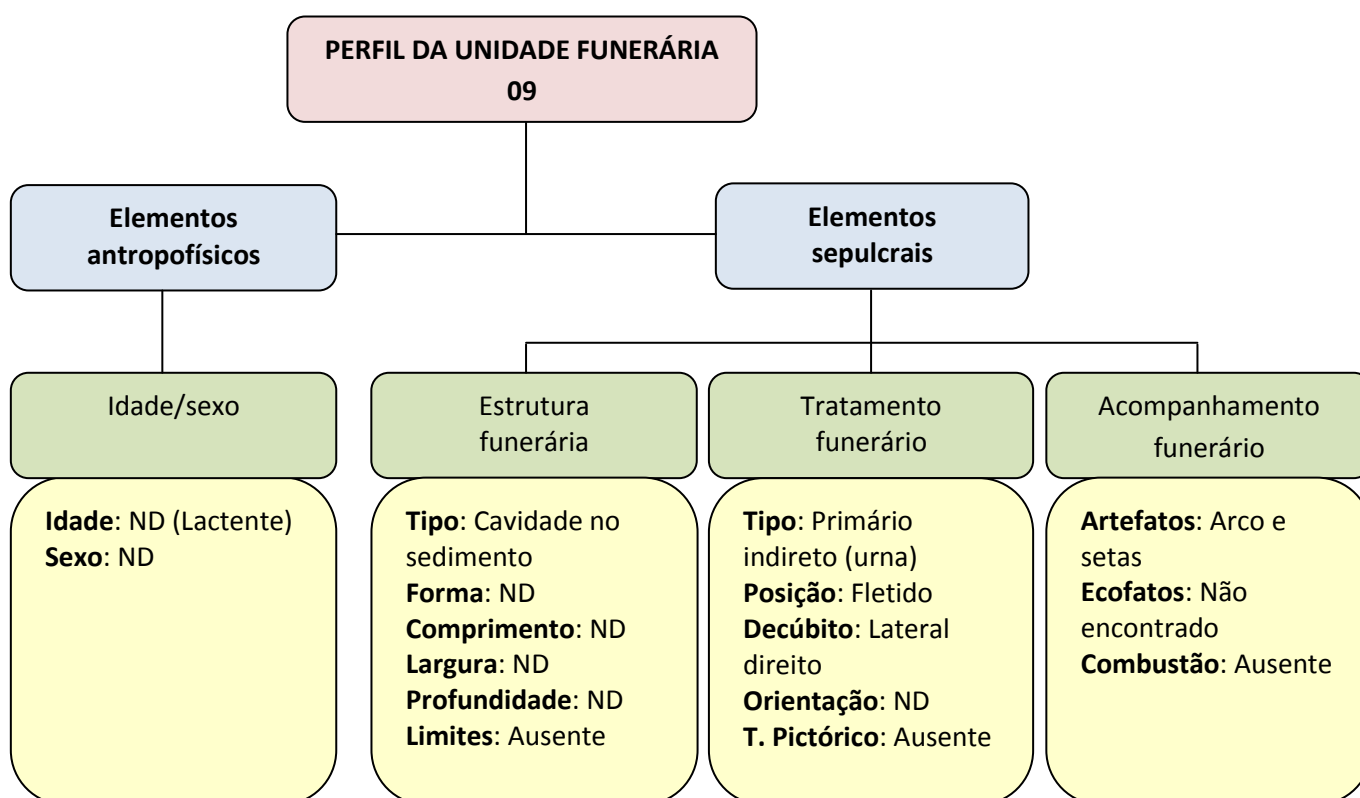


FIGURA 54: Síntese do Perfil da Unidade Funerária 09.

4.2 Perfil Funerário do Sítio: procedimentos analíticos

Conforme mencionado no capítulo II desta dissertação, para a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio torna-se necessário a aplicação de procedimentos analíticos que permitam observar como as práticas funerárias se apresentam e inter-relacionam nos enterramentos estudados, em distintas unidades crono-espaciais. Para tanto, esta pesquisa adotou como procedimentos principais à análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias - apresentado no item 4.2.1 deste capítulo - e a análise das suas distribuições crono-espaciais – apresentado no item 4.2.2.

Para viabilizar a análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias, foi elaborado um protocolo (ANEXO 01) que permitiu ordenar estes perfis e visualizá-los sob uma perspectiva geral, possibilitando a identificação de recorrências. A análise da distribuição crono-espacial foi realizada a partir da planta baixa das áreas escavadas, levando em conta as cronologias disponíveis para o sítio. Ao final deste estudo, os dados obtidos com os procedimentos adotados permitiram tecer considerações sobre as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos estudados e reconstituir, como um todo, o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, apresentado no item 4.3 deste capítulo.

4.2.1 Análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias

A análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias levou em conta as variáveis referentes aos elementos antropofísicos e sepulcrais. Naturalmente, fez-se necessário eleger determinadas variáveis e considerá-las hierarquicamente em relação às outras. Esta pesquisa optou por hierarquizar os elementos antropofísicos em relação aos sepulcrais pelo fato de que - além de apresentarem um caráter não ambíguo - parecem constituir divisões primárias entre os grupos sociais. Abaixo, segue apresentada a análise quantitativa e as considerações que ela permitiu tecer sobre as práticas funerárias constatadas na Toca da Baixa dos Caboclos.

No que concerne ao próprio sítio Toca da Baixa dos Caboclos, observou-se que ele foi utilizado para a realização de enterramentos infantis - num total de cinco indivíduos - e adultos - num total de quatro indivíduos (GRÁFICO 01). Quanto às idades, foram

registrados desde lactentes, com idade inferior a seis meses; até adultos com idade máxima estimada em 30 anos (TABELA 01). Com relação ao sexo, foi possível determiná-los somente nos indivíduos adultos. Entre os quatro indivíduos adultos, dois foram reconhecidos como sendo do sexo masculino e os outros dois não foram identificados, devido ao estado de deterioração do esqueleto. A constatação de que estes correspondessem a indivíduos do sexo feminino apontaria a utilização do sítio Toca da Baixa dos Caboclos como um local de enterramento de crianças e adultos, de ambos os sexos.

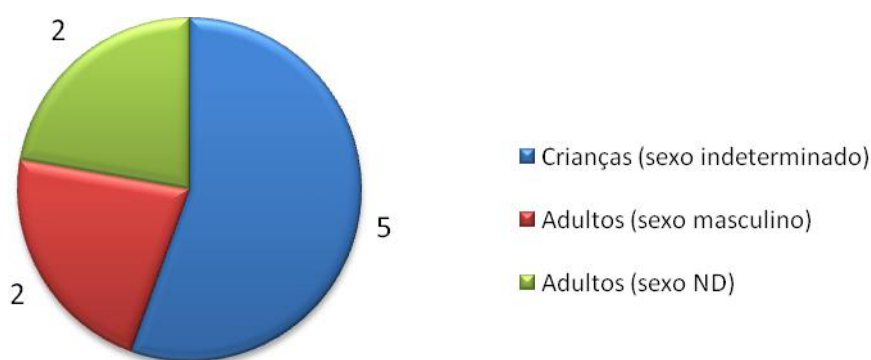


GRÁFICO 01: Distribuição dos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos segundo os elementos antropofísicos (idade/sexo).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos	
	Faixa etária	Sexo
01	Não-lactentes	ND*
02	Lactentes	ND
03	Lactentes	ND
04	Adulto	ND
05	Adulto	ND
06	Adulto	Masculino
07	Adulto	Masculino
08	Não-lactentes	ND
09	Lactentes	ND

TABELA 01: Relação dos elementos antropofísicos (idade/sexo) dos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

(*) Não determinado.

4.2.1.1 Estruturas funerárias

No que concerne às estruturas funerárias foi possível quantificar apenas as informações acerca de seu tipo, limites e profundidade. As informações acerca da forma, comprimento e largura foi reconhecida em apenas uma estrutura, que acomodava o enterramento 06.

Com relação ao tipo, observou-se a presença de cavidades escavadas no sedimento, num total de sete estruturas; e cavidades escavadas na rocha, num total de duas estruturas (GRÁFICO 02).

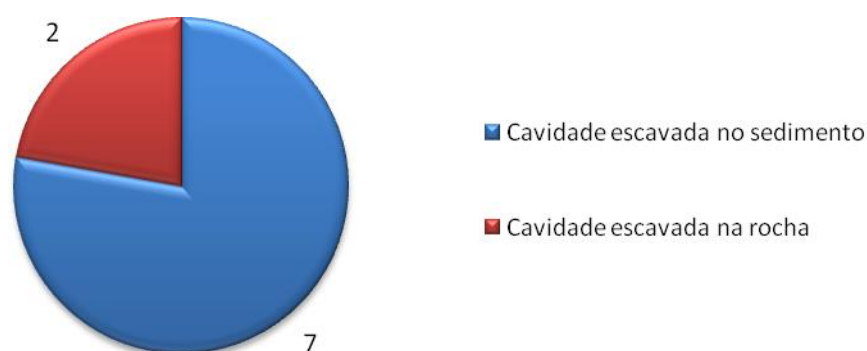


GRÁFICO 02: Tipos de estruturas funerárias identificadas no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Com relação aos enterramentos infantis (lactentes e não-lactentes), quatro foram depositados em cavidades escavadas no sedimento, que não tiveram seus limites demarcados. A real profundidade destas estruturas não foi conhecida, mas os valores registrados com a topografia após a retirada dos enterramentos apresentaram-se de modo diversificado, variando entre 18 e 42 cm (TABELA 02).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais					
	Faixa etária	Sexo	Estrutura funerária					
			Tipo	Forma	Limite	Dimensões (cm)		
						C	L	P
01	Criança	ND	Cavidade sedimento	ND	Ausente	ND	ND	32*
02	Lactentes	ND	Cavidade sedimento	ND	Ausente	ND	ND	42*
03	Lactentes	ND	Cavidade rocha	ND	Ausente	ND	ND	27
08	Criança	ND	Cavidade sedimento	ND	Ausente	ND	ND	42*
09	Lactentes	ND	Cavidade sedimento	ND	Ausente	ND	ND	18*

TABELA 02: Relação dos enterramentos infantis com suas respectivas estruturas funerárias. (*) Não refere-se realmente a profundidade da estrutura funerária, mas aquela estimada com a topografia após a retirada do enterramento.

Quanto aos enterramentos adultos, um deles foi depositado em uma cavidade escavada no sedimento e os outros três em cavidades escavadas na rocha. No entanto, convém lembrar que neste sítio existem apenas duas cavidades escavadas na rocha. Desse modo, enquanto uma destas cavidades guardava um enterramento adulto, a outra comportava dois enterramentos adultos, além de um enterramento infantil mencionado anteriormente. No caso destes adultos que foram depositados na mesma cavidade, o estado de deterioração dos seus esqueletos permitiu reconhecer apenas a sua faixa etária, mas sua idade efetiva e o sexo não foram identificados.

Com relação aos limites, verificou-se que nenhuma das estruturas funerárias teve seus limites demarcados. A real profundidade destas estruturas não foi conhecida, mas os valores registrados com a topografia após a retirada dos enterramentos apresentaram-se de modo diversificado, variando entre 20 e 38 cm (TABELA 03).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais					
	Faixa etária	Sexo	Estrutura funerária					
			Tipo	Forma	Limite	Dimensões (cm)		
						C	L	P
04	Adulto	ND	Cavidade rocha	ND	Ausente	ND	ND	23
05	Adulto	ND	Cavidade rocha	ND	Ausente	ND	ND	23
06	Adulto	Masculino	Cavidade rocha	Oval	Ausente	80	70	38
07	Adulto	Masculino	Cavidade sedimento	ND	Ausente	ND	ND	29*

TABELA 03: Relação dos enterramentos adultos com suas respectivas estruturas funerárias. (*) Não refere-se realmente a profundidade da estrutura funerária, mas aquela estimada com a topografia após a retirada do enterramento.

4.2.1.2 Tratamento funerário

No que concerne ao tratamento funerário, foi possível quantificar as informações referentes ao tipo, posição, decúbito e tratamento pictórico. Com relação à orientação dos indivíduos, a ausência desta informação nos registros documentais inviabilizou a realização da análise quantitativa.

No que concerne ao tipo dos enterramentos, verificou-se que sete deles são indiretos, em urnas funerárias. Apenas um enterramento foi reconhecido como uma inumação direta e em um deles houve dúvidas sobre trata-se de um enterramento indireto ou um enterramento direto que havia sido recoberto por um vasilhame cerâmico (GRÁFICO 03). Dentre estes nove enterramentos, seis são primários. Nenhum enterramento secundário foi efetivamente constatado e em três deles houve dúvidas sobre serem do tipo primário ou secundário (GRÁFICO 04).



GRÁFICO 03: Distribuição dos enterramentos diretos/indiretos identificados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

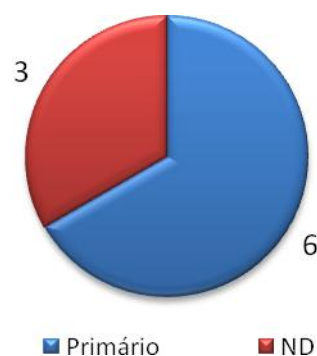


GRÁFICO 04: Distribuição dos enterramentos primários/secundários identificados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Relacionando estes dados com os elementos antropofísicos, foram feitas as seguintes observações:

1. Dos cinco enterramentos infantis (lactentes e não-lactentes), quatro são indiretos, acomodados em urnas funerárias. Em um deles esta questão permaneceu indeterminada (TABELA 04).
2. Dos cinco enterramentos infantis (lactentes e não-lactentes), quatro são primários. Em um deles esta questão permaneceu indeterminada (TABELA 04).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Sexo	Tipos	
01	Não-lactente	ND	Indireto	Primário
02	Lactentes	ND	Indireto	Primário
03	Lactentes	ND	Indireto	ND
08	Não-lactente	ND	ND	Primário
09	Lactentes	ND	Indireto	Primário

TABELA 04: Relação dos enterramentos infantis com seus respectivos tratamentos funerários.

3. Dos quatro enterramentos adultos, três constituem enterramentos indiretos, acomodados em urnas funerárias; e um constitui um enterramento direto (TABELA 05).

4. Dos quatro enterramentos adultos, dois são primários e nos outros dois esta questão permaneceu indeterminada em função do estado de conservação do enterramento (TABELA 05). Em uma situação habitual, levando em conta as dimensões da urna dos enterramentos 04 e 05 seria possível afirmar que tratavam-se de enterramentos secundários, uma vez que os vasilhames não parecem ter proporções suficientes para acomodar o corpo de um indivíduo adulto. Entretanto, considerando o que foi observado no enterramento 07, que corresponde a um enterramento primário de um adulto que foi depositado em urna de tamanho similar aquelas dos enterramentos 04 e 05; esta questão não pôde ser verificada.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Sexo	Tipos	
04	Adulto	ND	Indireto	ND
05	Adulto	ND	Indireto	ND
06	Adulto	Masculino	Direto	Primário
07	Adulto	Masculino	Indireto	Primário

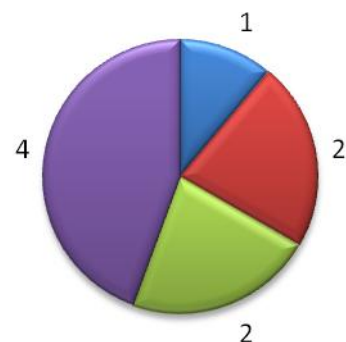
TABELA 05: Relação dos enterramentos adultos com seus respectivos tratamentos funerários.

Com relação à posição e decúbito dos indivíduos, o estado de conservação dos enterramentos permitiu reconhecê-los em cinco deles, configurados nas posições: fetal, fletido, sentado e pernas fletidas com braços estendidos (GRÁFICO 05); e nos decúbitos: lateral esquerdo, lateral direito e dorsal (GRÁFICO 06).



■ Fetal
 ■ Fletido
 ■ Sentado
 ■ Pernas fletidas, braços estendidos
 ■ ND

GRÁFICO 05: Distribuição das posições identificadas nos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.



■ Lateral esquerdo
 ■ Lateral direito
 ■ Dorsal
 ■ ND

GRÁFICO 06: Distribuição dos decúbitos identificados nos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Relacionando estes dados com os elementos antropofísicos, foram feitas as seguintes observações:

1. Nos enterramentos infantis, no que se refere à posição, observou-se que um deles estava em posição fetal; um com as pernas fletidas e os braços estendidos; um em posição fletida; e em dois esta questão não foi determinada (TABELA 06).
2. Nos enterramentos infantis, no que se refere ao decúbito, observou-se que um deles estava em decúbito lateral esquerdo, um em decúbito dorsal; um em decúbito lateral direito; e em dois esta questão não foi determinada (TABELA 06).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Sexo	Acomodação	
			Posição	Decúbito
01	Criança	ND	Fetal	Lateral esquerdo
02	Lactentes	ND	Pernas fletidas, braços estendidos	Dorsal
03	Lactentes	ND	ND	ND
08	Criança	ND	ND	ND
09	Lactentes	ND	Fletido	Lateral direito

TABELA 06: Relação dos enterramentos infantis com suas respectivas posições e decúbitos.

1. Nos enterramentos adultos, no que se refere à posição, observou-se que um deles estava em posição fetal; um em posição sentada; e em dois esta questão não foi determinada (TABELA 07).
2. Nos enterramentos adultos, no que se refere ao decúbito, observou-se que um deles estava em decúbito lateral direito; um em decúbito lateral direito; e em dois esta questão não foi determinada (TABELA 07).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Sexo	Acomodação	
			Posição	Decúbito
04	Adulto	ND	ND	ND
05	Adulto	ND	ND	
06	Adulto	Masculino	Fetal	Lateral direito
07	Adulto	Masculino	Sentado	Dorsal

TABELA 07: Relação dos enterramentos adultos com suas respectivas posições e decúbitos.

Com relação ao Óxido de Ferro, a análise particular dos ossos de cada esqueleto, confirmou a ausência de pigmento em todos os enterramentos. Conforme mencionado anteriormente, a ausência de dados referentes à orientação dos enterramentos, não permitiu realizar a análise quantitativa desta variável.

A análise quantitativa dos aspectos técnicos e morfológicos das urnas funerárias também foi considerada no âmbito do tratamento funerário. No entanto, em função da

quantidade de variáveis trabalhadas, optou-se por apresentá-la em separado, no próximo tópico.

4.2.1.2.1 Urnas funerárias

Com relação às urnas funerárias, observou-se que dentre os nove enterramentos evidenciados no sítio, sete foram acondicionados em urnas funerárias, um não foi acondicionado em uma urna funerária; e em um houve dúvidas quanto a ele ter sido acomodado em urna ou apenas recoberto por um vasilhame cerâmico (GRÁFICO 07). Na maior parte das vezes foi possível quantificar informações acerca de sua composição (presença/ausência de opérculo), tratamentos de superfície (interno e externo), fuligem e pasta destas urnas. As informações referentes à forma e dimensões foram obtidas em apenas alguns casos, quando as urnas estavam inteiras ou quando foi possível reconstituí-las (factual ou hipoteticamente).



GRÁFICO 07: Distribuição dos enterramentos indiretos/diretos identificados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais
	Faixa etária	Sexo	Tratamento funerário
			Urnas funerárias
01	Não-lactente	ND	Sim
02	Lactente	ND	Sim
03	Lactente	ND	Sim
04	Adulto	ND	Sim
05	Adulto	ND	Sim
06	Adulto	Masculino	Não
07	Adulto	Masculino	Sim
08	Não-lactente	ND	ND
09	Lactente	ND	Sim

TABELA 08: Relação entre os enterramentos e à presença/ausência de urnas funerárias.

Como a análise das urnas funerárias envolveu uma série de variáveis relacionadas aos seus aspectos técnicos e morfológicos, optou-se por fazer uma apresentação dos dados quantitativos, primeiramente dos enterramentos infantis e depois dos enterramentos adultos.

a) Enterramentos infantis

Com relação à composição das urnas funerárias que acomodavam os enterramentos infantis (TABELA 09), observou-se que três delas eram compostas por um vasilhame contendor e um opérculo e uma era composta apenas pelo vasilhame contendor (GRÁFICO 08).

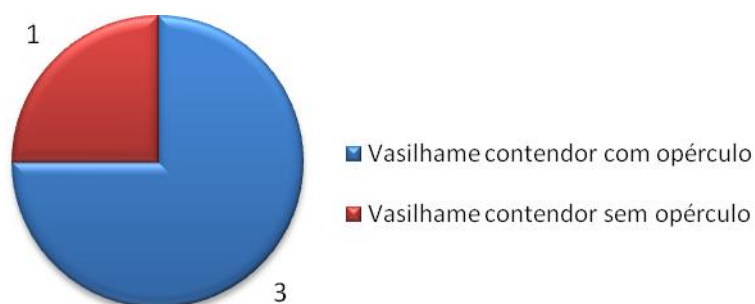


GRÁFICO 08: Distribuição dos enterramentos infantis quanto à composição de suas urnas funerárias.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos	Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Urnas funerárias	
		Composição	
		Contendor	Opérculo
01	Não-lactente	Sim	Sim
02	Lactente	Sim	Sim
03	Lactente	Sim	Sim
08	Não-lactente	ND	ND
09	Lactente	Sim	Não

TABELA 09: Relação entre os enterramentos infantis e à composição de suas urnas funerárias.

Com relação aos tratamentos de superfície dos vasilhames contenedores (GRÁFICO 09), observou-se que dentre os quatro existentes, dois possuíam TSE corrugado e TSI alisado; um possuía TSE e TSI alisado; e um possuía TSE polido e brunido e TSI polido, brunido e pintado. No caso do vasilhame encontrado no contexto do enterramento 08, ele apresentou um TSE alisado e pintado e TSI alisado (TABELA 10).

Com relação aos tratamentos de superfície dos opérculos (GRÁFICO 10), observou-se que dentre os três existentes, dois apresentavam TSE polido e brunido e TSI polido, brunido e pintado; e um apresentava TSE e TSI alisado e brunido (TABELA 10).



GRÁFICO 09: Distribuição dos tratamentos de superfície identificados nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.



GRÁFICO 10: Distribuição dos tratamentos de superfície identificados nos opérculos das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos	Elementos sepulcrais			
	Faixa etária	Urnas funerárias			
		Tratamentos de superfície			
		Contendor		Opérculo	
		TSE	TSI	TSE	TSI
01	Não-lactente	Alisado	Alisado	Alisado e brunido	Alisado e brunido
02	Lactente	Corrugado	Alisado	Polido e brunido	Polido, brunido e pintado
03	Lactente	Corrugado	Alisado	Polido e brunido	Polido, brunido e pintado
08*	Não-lactente	Alisado e pintado	Alisado	--	--
09	Lactente	Polido e brunido	Polido, brunido e pintado	--	--

TABELA 10: Relação entre os enterramentos infantis e os tratamentos de superfície de suas urnas funerárias. (*)As informações apresentadas referem-se ao vasilhame encontrado no contexto deste enterramento que, se constituísse uma urna funerária, seria composta apenas pelo vasilhame contendor.

Com relação à pasta dos vasilhames contedores (GRÁFICO 11), observou-se que dentre os quatro existentes, três foram produzidos com uma pasta composta por areia fina; e um foi produzido com uma pasta composta por areia média. Esta última, aliás, também foi atestada no vasilhame encontrado no contexto do enterramento 08 (TABELA 11).

Com relação à pasta dos opérculos (GRÁFICO 12), observou-se que dentre os quatro existentes, dois foram produzidos com uma pasta em areia fina; e um foi produzido com uma pasta em areia grossa (TABELA 11).



GRÁFICO 11: Distribuição das pastas identificadas nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

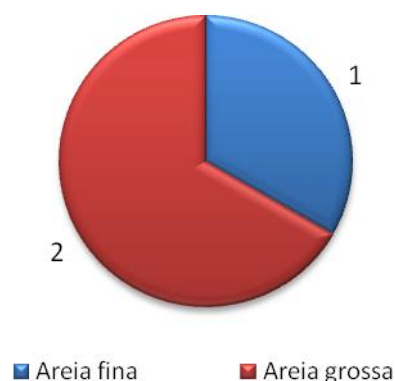


GRÁFICO 12: Distribuição das pastas identificadas nos vasilhames contenedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos	Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Urnas funerárias	
		Pasta	
		Contendor	Opérculo
01	Não-lactente	Areia média	Areia grossa
02	Lactente	Areia fina	Areia fina
03	Lactente	Areia fina	Areia fina
08	Não-lactente	Areia média	--
09	Lactente	Areia fina	--

TABELA 11: Relação entre os enterramentos infantis e a pasta de suas urnas funerárias.

Com relação à fuligem nos vasilhames contenedores (GRÁFICO 13), observou-se que dentre os quatro existentes, ela estava presente em três deles; e ausente em apenas um. No vasilhame encontrado no contexto do vasilhame 08, também foram atestados sinais de fuligem. Com relação à fuligem nos opérculos (GRÁFICO 14), observou-se que ela não estava presente em nenhum deles (TABELA 12).

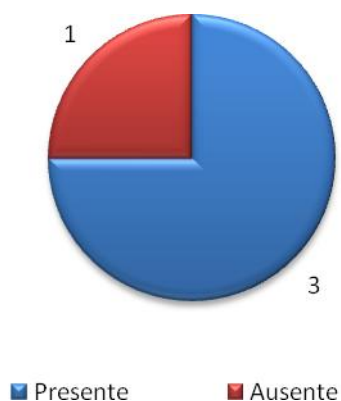


GRÁFICO 13: Distribuição da fuligem nos vasilhames contedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

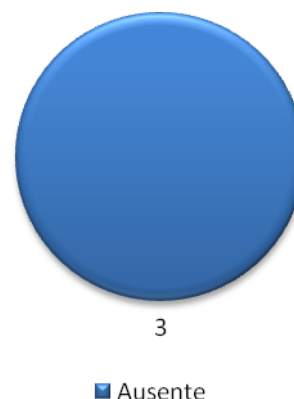


GRÁFICO 14: Distribuição da fuligem nos opérculos das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos	Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Urnas funerárias	
		Fuligem	
		Contendor	Opérculo
01	Não-lactente	Sim	Não
02	Lactente	Sim	Não
03	Lactente	Sim	Não
08	Não-lactente	Sim	--
09	Lactente	Não	--

TABELA 12: Relação entre os enterramentos infantis e à fuligem de suas urnas funerárias.

Com relação à forma dos vasilhames contedores (GRÁFICO 15), observou-se que dentre os quatro existentes, dois apresentam a forma oval 02; um apresenta a forma oval invertida; e um apresenta a forma elipsóide horizontal. No vasilhame encontrado no contexto do enterramento 08 também foi observada a forma oval 02 (TABELA 13).

Com relação à forma dos opérculos (GRÁFICO 16), observou-se que dentre os três existentes, dois apresentaram a forma oval 02; e em um deles esta questão permaneceu

indeterminada devido ao seu estado de fragmentação, embora a morfologia de alguns fragmentos sugira que seja do tipo oval 02 (TABELA 13).



■ Oval 02 ■ Oval invertida ■ Elipsóide horizontal

GRÁFICO 15: Distribuição das formas identificadas nos vasilhames contedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.



■ Oval 2 ■ ND

GRÁFICO 16: Distribuição das formas identificadas nos opérculos das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos	Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Urnas funerárias	
		Forma	
		Contendor	Opérculo
01	Não-lactente	Elipsóide horizontal	Oval 02
02	Lactente	Oval invertida	Oval 02
03	Lactente	Oval 02	ND
08	Não-lactente	Oval 02	--
09	Lactente	Oval 02	--

TABELA 13: Relação entre os enterramentos infantis e à forma de suas urnas funerárias.

Em síntese, os dados levantados sobre os aspectos técnicos e morfológicos das urnas funerárias destes enterramentos podem ser mais facilmente visualizados no ANEXO 02.

b) Enterramentos adultos

Com relação à composição das urnas funerárias que guardavam os enterramentos adultos (GRÁFICO 17), observou-se que apenas uma delas era urna composta por um vasilhame contendor e um opérculo (TABELA 14). Nas outras duas esta questão não foi determinada, embora seja provável que alguns fragmentos cerâmicos diferentes do vasilhame contendor correspondessem aos seus opérculos.



GRÁFICO 17: Distribuição dos enterramentos adultos quanto à composição de suas urnas funerárias.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Sexo	Urnas funerárias	
			Composição	
			Contendor	Opérculo
04	Adulto	ND	Sim	ND
05	Adulto	ND	Sim	ND
07	Adulto	Masculino	Sim	Sim

TABELA 14: Relação entre os enterramentos adultos e à composição de suas urnas funerárias.

Com relação aos tratamentos de superfície dos vasilhames contedores (GRÁFICO 18), observou-se que dentre os três existentes, todos possuíam TSE corrugado e TSI alisado. Com relação ao único opérculo existente, observou-se que tanto o seu TSE, como o TSI eram alisados (TABELA 15).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais			
	Faixa etária	Sexo	Urnas funerárias			
			Tratamentos de superfície			
			Contendor		Opérculo	
			TSE	TSI	TSE	TSI
04	Adulto	ND	Corrugado	Alisado	--	--
05	Adulto	ND	Corrugado	Alisado	--	--
07	Adulto	Masculino	Corrugado	Alisado	Alisado	Alisado

TABELA 15: Relação entre os enterramentos adultos e os tratamentos de superfície de suas urnas funerárias.

Com relação à pasta dos vasilhames contedores (GRÁFICO 18), observou-se que dentre os três existentes, dois foram produzidos com uma pasta composta por areia fina; e um foi produzido com uma pasta composta por areia média. Com relação ao único opérculo identificado, ele foi produzido com uma pasta em areia média (TABELA 16).



GRÁFICO 18: Distribuição das pastas identificadas nos vasilhames contedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Sexo	Urnas funerárias	
			Tratamentos de superfície	
			Pasta	
			Contendor	Opérculo
04	Adulto	ND	Areia média	--
05	Adulto	ND	Areia média	--
07	Adulto	Masculino	Areia grossa	Areia média

TABELA 16: Relação entre os enterramentos adultos e à pasta de suas urnas funerárias.

Com relação à fuligem, observou-se que ela estava presente nos três vasilhames contedores e ausente no único opérculo.

Com relação à forma os vasilhames contedores (GRÁFICO 19), observou-se que dentre três os existentes, um apresentava a forma oval invertida; nos outros dois esta questão ficou indeterminada, mas a morfologia de alguns fragmentos sugere que podem ser do tipo oval completa ou oval invertida. Com relação ao único opérculo existente, ele apresentava uma forma do tipo oval 02 (TABELA 17).

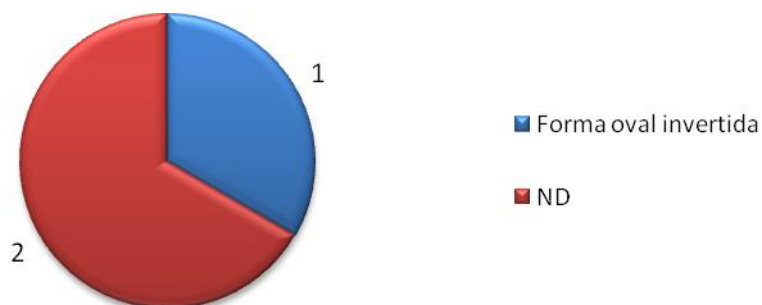


GRÁFICO 19: Distribuição das formas identificadas nos vasilhames contedores das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais	
	Faixa etária	Sexo	Urnas funerárias	
			Tratamentos de superfície	
			Forma	
			Contendor	Opérculo
04	Adulto	ND	ND	--
05	Adulto	ND	ND	--
07	Adulto	Masculino	Oval invertida	Oval 02

TABELA 17: Relação entre os enterramentos adultos e à forma de suas urnas funerárias.

Em síntese, os dados levantados sobre os aspectos técnicos e morfológicos das urnas funerárias destes enterramentos podem ser mais facilmente visualizados no ANEXO 02.

4.2.1.3 Acompanhamento funerário

No que concerne ao acompanhamento funerário, foram identificados vestígios nas categorias dos artefatos e ecofatos (GRÁFICO 20). Nenhum vestígio de combustão que pudesse ser entendido como acompanhamento funerário foi registrado. Convém ressaltar que entre os acompanhamentos funerários foram considerados apenas aqueles materiais em que não houve dúvidas quanto ao fato de terem sido intencionalmente depositados junto dos enterramentos.

Dentro desta perspectiva, na categoria dos artefatos foram considerados os vestígios evidenciados em cinco enterramentos: as fibras vegetais encontradas no enterramento 06 e 07; os fragmentos cerâmicos encontrados nos enterramentos 04 e 05; e o conjunto de arco e setas encontrado no enterramento 09. Devido à ausência de evidências fatídicas, os materiais líticos encontrados no contexto dos enterramentos 05 (lasca) e 07 (alisador ou polidor) não foram considerados como acompanhamento funerário. Na categoria dos ecofatos foi considerado o vestígio evidenciado em apenas um enterramento: um graveto de madeira encontrado no enterramento 02.

A ausência de acompanhamentos funerários foi registrada em pelo menos três enterramentos do sítio. Convém ressaltar que esta ausência não pode ser admitida como reflexo direto da não utilização de acompanhamentos funerários, uma vez que devem ser consideradas as interferências de processos pós-deposicionais.

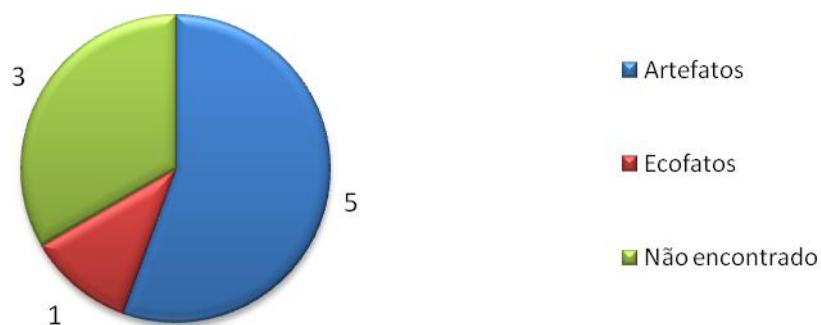


GRÁFICO 20: Distribuição dos acompanhamentos funerários identificados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Relacionando os acompanhamentos funerários com os elementos antropofísicos, foram feitas as seguintes observações:

1. Dentre os cinco enterramentos infantis (lactentes e não lactentes), dois traziam consigo algum tipo de acompanhamento funerário; e em três não traziam acompanhamentos funerários (TABELA 18).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos	Elementos sepulcrais		
	Faixa etária	Acompanhamento funerário		
		Artefatos	Ecofatos	Combustão
01	Não-lactentes	Não encontrado	Não encontrado	Ausente
02	Lactentes	Não encontrado	Graveto de madeira	Ausente
03	Lactentes	Não encontrado	Não encontrado	Ausente
08	Não-lactentes	Não encontrado	Não encontrado	Ausente
09	Lactentes	Arco e setas	Não encontrado	Ausente

TABELA 18: Relação dos enterramentos infantis com seus respectivos acompanhamentos funerários.

2. Dentre os quatro enterramentos adultos evidenciados no sítio, todos traziam consigo algum tipo de acompanhamento funerário (TABELA 19).

Unidade funerária	Elementos antropofísicos		Elementos sepulcrais		
	Faixa etária	Sexo	Acompanhamento funerário		
			Artefatos	Ecofatos	Combustão
04	Adulto	ND	Fragmentos cerâmicos	Não encontrado	Ausente
05	Adulto	ND	Fragmentos cerâmicos	Não encontrado	Ausente
06	Adulto	Masculino	Fibras vegetais	Não encontrado	Ausente
07	Adulto	Masculino	Fibras vegetais	Não encontrado	Ausente

TABELA 19: Relação dos enterramentos adultos com seus respectivos acompanhamentos funerários.

Conforme mencionado anteriormente, à análise quantitativa foi realizada com forma de mensurar o modo com que determinadas práticas funerárias estão distribuídas nos enterramentos estudados. Para observar o modo como tais práticas funerárias se apresentam e inter-relacionam no contexto funerário do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, naturalmente, fez-se necessário o processamento e discussão dos resultados obtidos com esta análise quantitativa, apresentados no próximo item.

4.2.1.4 Discussão dos resultados

A análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias permitiu observar que algumas das práticas funerárias realizadas nos enterramentos estudados mostram-se recorrentes entre si, sobretudo quando relacionadas aos elementos antropofísicos (idade e sexo) dos indivíduos.

No que concerne às estruturas funerárias, parece haver uma tendência em destinar as cavidades na rocha aos adultos, uma vez que três deles – num universo de quatro – foram acomodados em estruturas como esta. De modo análogo, parece haver uma tendência em destinar as cavidades no sedimento às crianças, uma vez que quatro – em um universo de cinco – foram acomodadas em estruturas deste tipo.

Um fato observado é que uma das cavidades na rocha – ao contrário de todas as estruturas funerárias do sítio – não comportava apenas um enterramento, mas um total de três (enterramentos 03, 04 e 05). Além disso, a análise *in situ* desta estrutura demonstrou que ela parece ter sido escavada no mesmo momento que a outra cavidade na rocha que trazia apenas um enterramento (enterramento 06). Esta inferência esteve baseada no fato de que durante a escavação do substrato rochoso pelo(s) seu(s) próprio(s) grupo(s) ficaram impressos no arenito entalhes horizontais que se prolongam desde a cavidade em que comportava um único enterramento até aquela comportava três (FIGURA 55).

Desse modo, ao que parece, os enterramentos que foram depositados nestas estruturas funerárias parecem ter sido realizados em um mesmo momento cronológico e, muito provavelmente, por um mesmo grupo cultural. Naturalmente, esta é uma possibilidade que só podem ser efetivamente confirmada com a realização de estudos

mais aprofundados, que leve em consideração os aspectos biológicos dos indivíduos (DNA, consangüinidade, entre outros) e os associe à datação absoluta de cada um deles.

De toda forma, é preciso ressaltar que estes enterramentos depositados nas estruturas escavadas na rocha receberam práticas funerárias diferenciadas: enquanto um adulto do sexo masculino foi depositado diretamente e isoladamente em uma mesma cavidade na rocha, e desprovido de qualquer material cerâmico; os enterramentos depositados na outra cavidade – uma criança e dois adultos cujo sexo não foi determinado - foram acomodados em urnas funerárias que compartilhavam aspectos técnicos e morfológicos. Levando em conta a probabilidade de que estes enterramentos sejam contemporâneos, é possível sugerir que a distinção entre estas práticas funerárias pode reflexo de diferenciações relacionadas ao próprio ritual funerário. Tais diferenciações, portanto, explicariam o fato do material cerâmico ter sido utilizado em três enterramentos e no outro não. Ao que parece, esta provável diferenciação ritualística não deveria estar relacionada à faixa etária dos indivíduos, já os adultos foram enterrados tanto de modo direto, como de modo indireto. É possível ainda que ela estivesse associada ao sexo, mas como não foi possível determiná-los nos enterramentos indiretos, esta questão não pôde ser verificada.

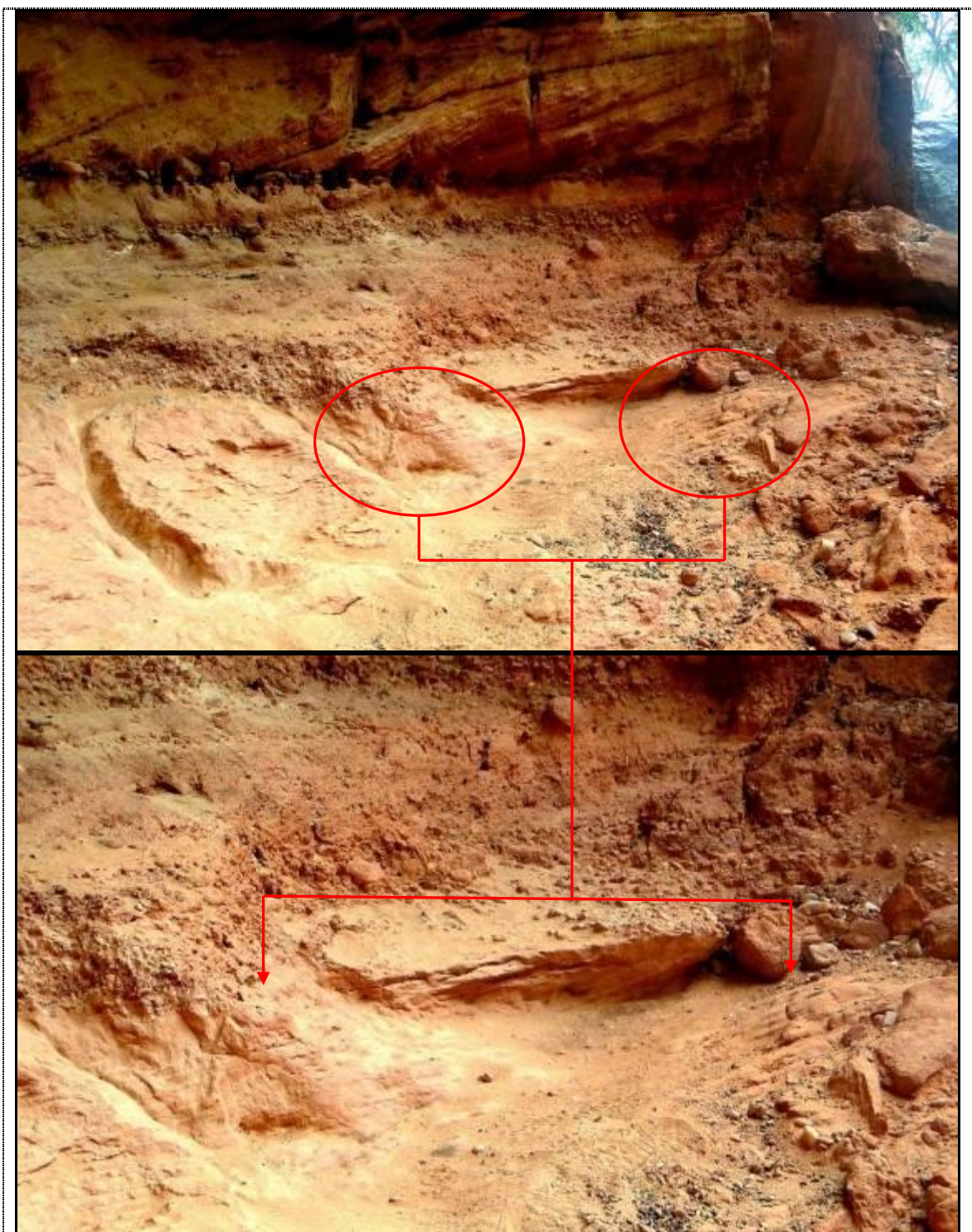


FIGURA 55: Na foto acima, as cavidades escavadas na rocha que comportavam o enterramento 06 (à direita) e os enterramentos 03, 04 e 05 (à esquerda). Na foto abaixo, o detalhe para os entalhes impressos no arenito que se prolongam de uma estrutura até a outra. Fotos: Ledja Leite. Fonte: Acervo pessoal da autora.

No que concerne ao tratamento funerário, parece haver uma tendência em enterrar as crianças de modo indireto, uma vez que pelo menos quatro delas – num

universo de cinco – foram acomodados em urnas funerárias. É possível ainda o único enterramento infantil em que esta questão não foi determinada tivesse sido acomodado em uma urna funerária, composta apenas por um vasilhame contendor. De modo análogo, parece haver uma tendência em enterrar os adultos de modo indireto, uma vez que três deles – num universo de quatro – foram acomodados em urnas funerárias. A prática de deposição direta do indivíduo na estrutura funerária foi observada em apenas um enterramento, correspondente a um adulto do sexo masculino. Ao que parece esta diferenciação não está relacionada à idade e sexo dos indivíduos, uma vez que o outro adulto do sexo masculino foi enterrado de modo indireto.

A prática do enterramento primário também prevaleceu entre crianças e adultos, em enterramentos indiretos e também no único enterramento direto existente. É possível ainda que a prática dos enterramentos secundários tenha sido realizada em três enterramentos indiretos (enterramentos 03, 04 e 04), que correspondem a uma criança e dois adultos cujos sexos não foram determinados. No entanto, a ausência de evidências fatídicas não permitiu observar esta questão.

Com relação à posição e decúbito, não foi identificada nenhuma padronização que pudesse estar relacionada à idade e sexo dos indivíduos. De modo contrário, indivíduos com a mesma faixa etária e sexo foram acomodados segundo posições e decúbitos diversos. Isso é o que pode ser observado quando se relacionam os enterramentos 02 e 09, correspondentes a dois lactentes: enquanto o primeiro foi acomodado com as pernas fletidas sobre o abdômen e os braços estendidos, em decúbito dorsal; o segundo estava em posição fletida, com as pernas em ângulos de 45°, em decúbito lateral direito. A mesma observação foi feita para os enterramentos 06 e 07, correspondentes a adultos do sexo masculino com idades estimadas em, respectivamente, 25-30 e 20-22 anos. Apesar de serem do mesmo sexo e possuírem idades aproximadas, o enterramento 06 foi depositado em posição fetal, decúbito lateral direito; enquanto o enterramento 07 estava em posição sentada, decúbito dorsal (FIGURA 56).

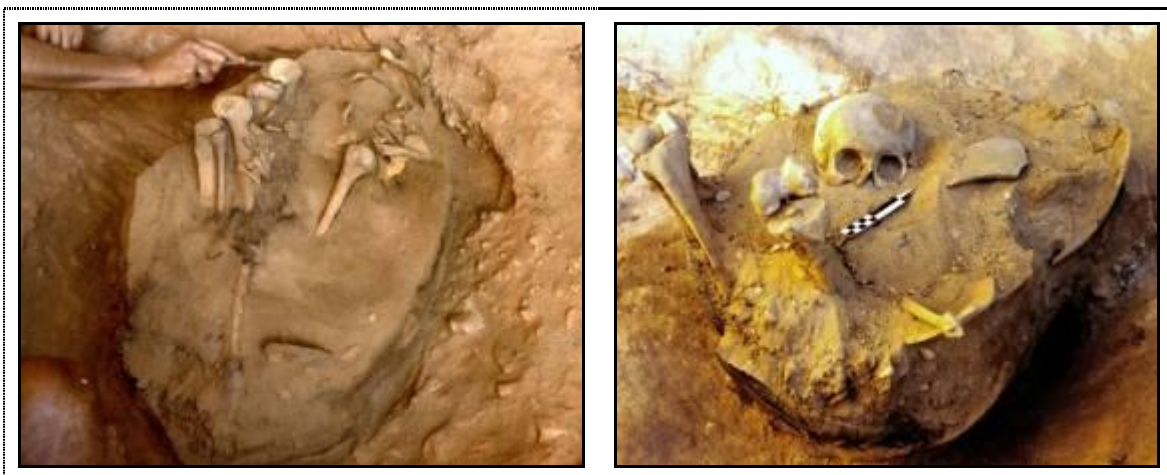


FIGURA 56: Indivíduos com mesmo sexo e idades aproximadas foram depositados em posições e decúbitos distintos. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

No que concerne às urnas funerárias, pode-se dizer que todas elas compartilham determinados aspectos técnicos e morfológicos. Para os enterramentos infantis, observou-se que parece existir uma relação entre as dimensões do vasilhame e o porte dos indivíduos: os maiores vasilhames foram utilizados para acomodar não-lactentes e, ao mesmo tempo, os lactentes foram depositados nos menores vasilhames contenedores evidenciados no sítio. Esta observação, no entanto, não pode ser feita para os enterramentos adultos pelo fato de que apenas uma das urnas funerárias foi reconstituída a ponto de que suas dimensões fossem estimadas com segurança. Um fato observado é que no caso desta urna (enterramento 07) parece haver uma relativa desproporcionalidade entre o porte do indivíduo e o diâmetro da boca do vasilhame contendor, demonstrando o cadáver deve ter sido fortemente amarrado antes de ser incumbido neste vasilhame.

Outro fato observado é que parece haver uma padronização quando à decoração das urnas funerárias e a faixa etária dos indivíduos. Essa uniformização foi percebida particularmente em dois enterramentos infantis (enterramentos 02 e 03) e nos enterramentos adultos (enterramentos 04 e 05). Nos enterramentos infantis, observou-se que dois lactentes foram acomodados em urnas cujos vasilhames contenedores e opérculos apresentavam os mesmos exatos tratamentos de superfície - interno e externo (FIGURA 57). Ao mesmo tempo, os tratamentos de superfície (interno e externo) dos opérculos de tais urnas mostram-se similares aqueles observados em ambas as

superfícies do vasilhame contendor que comportava outro terceiro lactente do sítio. No caso dos enterramentos adultos, os vasilhames contedores também apresentam os mesmos tratamentos de superfície (interno e externo).

Dentro das variáveis consideradas na análise cerâmica, não foi percebida nenhuma relação quanto à faixa etária dos indivíduos e a pasta e forma dos vasilhames contedores. Quanto à pasta, crianças (lactentes e não-lactentes) e adultos foram acomodados em urnas cujos vasilhames contedores e opérculos foram produzidos com pastas variadas. Do mesmo modo, os vasilhames contedores utilizados para acomodar os enterramentos infantis (lactentes e não-lactentes) e adultos apresentavam formas variadas. Atrelando estes fatos à observação de que os vasilhames contedores parecem ter sido reaproveitados como urnas funerárias, é possível que a sua forma e pasta estivessem relacionadas às atividades primeiras a que tais vasilhames estavam destinados. Já com relação aos opérculos, três deles – num universo de quatro – compartilhavam a forma oval 02 e mesmo no único opérculo que este quesito não foi efetivamente determinado, a morfologia de alguns fragmentos sugere que ele também compartilhasse a forma supracitada. Desse modo, se nos vasilhames contedores não havia uma preocupação quanto à forma, esta preocupação se mostrava presente nos opérculos.

Com relação à composição das urnas funerárias, nos enterramentos infantis ela também se mostra diversificada: os lactentes e não-lactentes foram acomodados em urnas que por vezes traziam opérculos e outras não. Nos enterramentos adultos, a presença efetiva de opérculo só foi registrada em um enterramento. Mas, é possível que as urnas utilizadas para acomodar os outros dois adultos possuísem opérculos, conforme sugerem os fragmentos cerâmicos diferentes da cerâmica do vasilhame contendor encontrados no contexto destes enterramentos.

Com relação à fuligem, a constatação de que ela estava presente em seis – das sete urnas do sítio – e também no vasilhame encontrado no contexto do enterramento 08, atrelada ao fato de que pelo menos quatro indivíduos foram acomodados antes do processo de *rigor mortis* sugere uma acomodação imediata dos cadáveres nas urnas. Quanto aos opérculos, a ausência de fuligem em todos eles atrelada ao fato de que todos possuem a mesma forma e que alguns foram produzidos segundo técnicas refinadas - que incluem espessuras mínimas, pastas compactas e pinturas com traços precisos nas faces

internas; abre espaço para discutir a possibilidade de que tenham sido preparados especialmente para o ritual funerário.



FIGURA 57: As urnas funerárias que guardavam enterramentos de lactentes apresentavam os mesmos tratamentos de superfície nos vasilhames contedores e opérculos. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

No que concerne ao acompanhamento funerário parece haver uma tendência em utilizá-los segundo a faixa etária e sexo dos indivíduos. Nos enterramentos infantis, os acompanhamentos funerários mostraram-se presentes em dois lactentes e, ao mesmo tempo, não foram encontrados em dois não-lactentes. De modo semelhante, os adultos do sexo masculino, que apresentavam também idades aproximadas (20-22 e 25-30 anos) traziam consigo fibras vegetais similares, produzidas sob uma mesma técnica de confecção, diferindo apenas quanto às espessuras (FIGURA 58). Quanto aos fragmentos cerâmicos encontrados no contexto dos dois enterramentos adultos indiretos, é possível que eles correspondessem aos opérculos das urnas.



FIGURA 58: Fibras vegetais evidenciadas nos enterramentos dos dois adultos do sexo masculino. Fotos: Adolfo Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Considerando o que foi apresentado, pode-se dizer que as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos apresentam-se recorrências entre si, sobretudo quando se relacionam os elementos antropofísicos aos elementos sepulcrais. Ao que parece, determinadas práticas funerárias foram dispensadas aos indivíduos segundo categorias de sexo e idade. Outras, ao mesmo tempo, não pareciam manter relações com estas categorias e poderiam estar atrelada a outros fatores que não puderam ser constatados nesta pesquisa. Para observar o modo como estas práticas funerárias se apresentaram numa perspectiva espacial e cronológica, foi realizada a análise da distribuição crono-espacial dos enterramentos, apresentada no próximo item deste capítulo.

4.2.2 Análise da distribuição crono-espacial

A análise da distribuição crono-espacial foi realizada no intuito de observar como os enterramentos estavam agenciados e inter-relacionados no espaço funerário do sítio, em distintos momentos cronológicos. Para realizar esta análise, foram considerados os dados existentes acerca da distribuição espacial dos vestígios - observada através da documentação produzida em campo, sobretudo, da planta baixa das áreas escavadas.

Concomitantemente, estes dados foram associados as cronologias disponíveis para o sítio, a saber:

Enterramento	Material	Laboratório	Datação (anos BP)
01	Carvão associado	BETA 113114	450 +/- 40
01	Pele	BETA 113115	371 +/- 40
01	Cabelo	BETA 113112	340 +/- 40
01	Pele	BETA 114558	310 +/- 50
01	Osso	BETA 136208	300 +/- 40
07	Osso	BETA 136209	240 +/- 50
08	Osso	BETA 136210	320 +/- 40
09	Pele	BETA 115612	230 +/- 50

TABELA 20: Datações disponíveis para o sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Fonte: Banco de dados da FUMDHAM.

A análise da planta baixa das áreas escavadas demonstrou que os vestígios arqueológicos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos estão restritos aos nove enterramentos; a esporádicos materiais líticos e fragmentos cerâmicos; e a uma concentração de carvão e fauna, encontrada fora do contexto dos enterramentos e que não chega a constituir uma fogueira. Além destes vestígios, ocorre também a presença de grafismos rupestres em alguns pontos do paredão rochoso.

Ponderando as cronologias existentes para o sítio, pôde-se observar que a sua utilização enquanto espaço funerário se deu em pelo menos dois momentos cronológicos distintos: um situado na faixa de 350 anos⁵⁹, quando foram realizados os enterramentos 01 e 08; e outro na faixa de 235 anos⁶⁰, quando foram realizados os enterramentos 07 e 09. Neste quesito, a ausência de datações para os demais enterramentos não permitiu determinar a ordem cronológica de utilização da Toca da Baixa dos Caboclos, tampouco observar a contemporaneidade efetiva entre os enterramentos. No entanto, mesmo que a quantidade de datações tenha limitado a observação dos momentos cronológicos em que o sítio foi utilizado, a associação dos dados cronológicos disponíveis às pontuações

⁵⁹ Média calculada a partir das datações disponíveis para os enterramentos 01 e 08.

⁶⁰ Média calculada a partir das datações disponíveis para os enterramentos 07 e 09.

abstraídas do estudo da planta baixa das áreas escavadas, permitiu tecer algumas considerações sobre as possibilidades de ocupação crono-espacial da Toca da Baixa dos Caboclos.

A princípio, o estudo desta planta baixa permitiu observar que os enterramentos foram realizados em pelo menos três micro-espacos distintos no interior do abrigo, arbitrariamente designados em: espaço funerário 01, 02 e 03 (FIGURA 59).

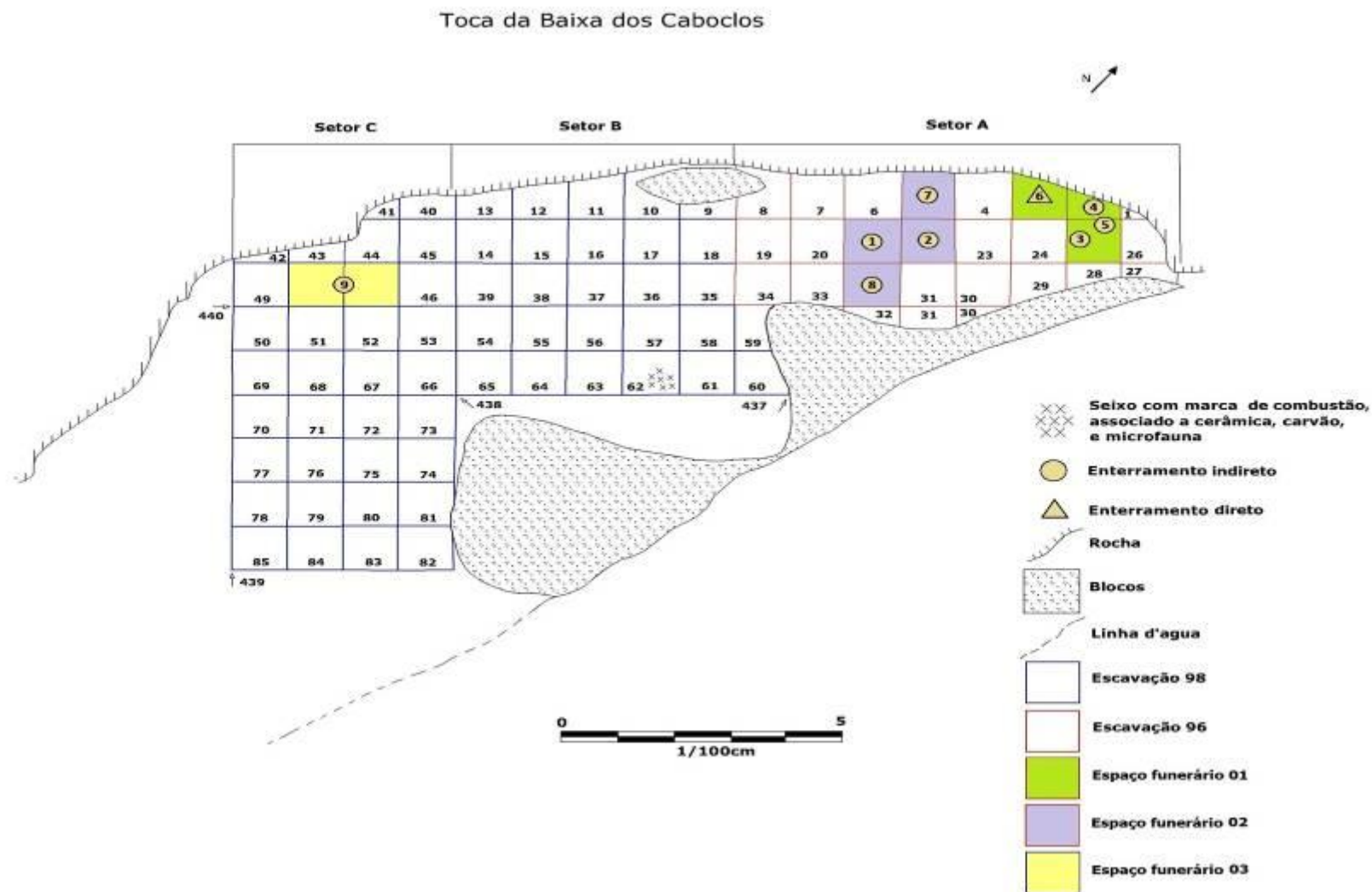


FIGURA 59: Planta baixa das áreas escavadas com destaque para os espaços funerários 01, 02 e 03, respectivamente, representados nas cores verde, roxo e amarelo. Fonte: Acervo da FUMDHAM.

Buscando observar o modo como os enterramentos estavam agenciados nestes espaços funerários, foi realizado um estudo particular de cada um deles levando-se em conta, naturalmente, as datações disponíveis. Abaixo seguem apresentadas as considerações tecidas a partir deste estudo particular e, mais adiante, uma discussão levantada sobre o aproveitamento do espaço funerário do sítio Toca da Baixa dos Caboclos como um todo.

4.2.2.1 Espaço funerário 01

O espaço funerário 01 abrange as quadrículas 02, 03 e 25 e compreende os enterramentos 03, 04, 05 e 06. Um fato observado é que todos os enterramentos deste espaço foram depositados em cavidades escavadas na rocha (FIGURA 60), sendo que um deles foi acomodado em uma cavidade notoriamente separada (enterramento 06); enquanto os demais foram acomodados em uma mesma – e única – cavidade (enterramentos 03, 04 e 05).



FIGURA 60: Posicionamento dos enterramentos do espaço funerário 01 em suas estruturas funerárias. Foto: Ledja Leite. Fonte: Acervo pessoal da autora.

A análise *in situ* destas duas cavidades revelou que elas foram produzidas em um mesmo momento cronológico e sugeriu, portanto, uma contemporaneidade para os enterramentos que elas comportavam. Ao analisar o distanciamento espacial dos enterramentos 03, 04 e 05 (FIGURA 61), foi observado que eles encontram-se a uma distância mínima de 20 cm (distância do enterramento 04 ao 05) e máxima de 30 cm (distância do enterramento 03 ao 05). Esta proximidade espacial, atrelada ao fato de que eles estavam em uma mesma estrutura e que receberam práticas funerárias similares – conforme mencionado anteriormente reforça a proposição de uma inumação simultânea.

Considerando outras possibilidades, mesmo que esta estrutura funerária tivesse sido preparada para acomodar apenas uma urna funerária (embora possuísse proporções suficientes para acomodar ao menos três) e que as outras urnas houvessem sido depositadas em um momento posterior, pode-se dizer que aqueles que realizaram a segunda - e terceira - inumação, tinham pleno conhecimento da existência de um enterramento anterior, bem como de seu exato posicionamento.



FIGURA 61: Distribuição espacial dos enterramentos 03, 04 e 05. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Portanto, apesar de não existirem datações absolutas para o espaço funerário 01, as estruturas escavadas na rocha sugerem que ele deve ter sido utilizado em um mesmo momento cronológico. Além disso, mesmo que se considere a invalidez desta inferência, a proximidade espacial dos enterramentos indiretos demonstra que aqueles que utilizaram este espaço tinham pleno conhecimento de que ele estava destinado às práticas funerárias e também dos exatos posicionamentos das sepulturas.

4.2.2.2 Espaço funerário 02

O espaço funerário 02 abrange as quadrículas 05, 21, 22 e 32 e compreende os enterramentos 01, 02, 07 e 08. Um fato observado é que todos os enterramentos deste espaço foram depositados em cavidades escavadas no sedimento que estavam posicionadas à equidistâncias de 1 m quase exatos (FIGURA 62). Esta distribuição espacial, portanto, sugere uma intencionalidade no agenciamento deste espaço funerário, na medida em que uma organização como esta só seria possível se a existência das sepulturas fosse de conhecimento do(s) grupo(s) que utilizou o abrigo.



FIGURA 62: Distribuição espacial dos enterramentos do espaço funerário 02. Na foto, não consta o posicionamento do enterramento 08. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Além deste notável ordenamento do espaço funerário, deve-se considerar que as práticas funerárias dispensadas a estes enterramentos mostram-se relativamente homogêneas no que se refere às estruturas funerárias (tipo e limites), ao tratamento funerário (tipo e tratamento pictórico) e, sobretudo, à utilização de urnas funerárias que, por vezes, compartilham aspectos técnicos e morfológicos.

Para este espaço funerário, estão disponíveis as seguintes datações:

Enterramento	Material	Laboratório	Datação (anos BP)
01	Carvão associado	BETA 113114	450 +/- 40
01	Pele	BETA 113115	371 +/- 40
01	Cabelo	BETA 113112	340 +/- 40
01	Pele	BETA 114558	310 +/- 50
01	Osso	BETA 136208	300 +/- 40
07	Osso	BETA 136209	240 +/- 50
08	Osso	BETA 136210	320 +/- 40

TABELA 21: Datações disponíveis para um enterramento do espaço funerário 02 do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Fonte: Banco de dados da FUMDHAM.

No caso deste espaço, a ausência de datações para o enterramento 02 não permitiu observar à sua contemporaneidade em relação aos demais. Ainda assim, observou-se que os enterramentos 01 e 08, as duas únicas crianças não-lactentes existentes no sítio, foram realizados em um período cronológico aproximado, em uma média de 350 anos⁶¹ BP. Mas, levando-se em conta a datação de 240 +/- 50 anos obtida para o enterramento 07, pode-se dizer que parece ter havido um intervalo médio de 100 anos entre a utilização deste espaço para deposição dos enterramentos 01 e 08 e para a deposição do enterramento 07. Este mesmo intervalo pode ser percebido em relação ao espaço funerário 03, cujo único enterramento foi datado de 230 +/- 50 anos. Dentro desta perspectiva, pode-se dizer a utilização do espaço funerário 02 – ao menos para a deposição dos enterramentos 01 e 08 – precedeu à utilização do espaço funerário 03. Posteriormente, parece ter havido uma interrupção na utilização do espaço funerário 02, que só retomado em média 100 anos depois, em um momento próximo de quando o

⁶¹ Média calculada a partir das datações disponíveis para os enterramentos 01 e 08.

espaço 03 foi utilizado pela primeira e única vez. Quanto à relação cronológica entre o espaço funerário 02 e o espaço funerário 01, a ausência de datações para este último não permitiu inferir se eles foram utilizados concomitantemente ou se um precedeu à utilização do outro.

Considerando o que foi observado na análise do espaço funerário 02, pode-se dizer que o evidente ordenamento espacial destes enterramentos, atrelado ao fato de que eles foram realizados segundo práticas funerárias homogêneas denota uma manutenção não apenas das práticas funerárias, mas no próprio modo de ordenar o espaço funerário, que se manteve homogêneo. Ao que parece, a utilização deste espaço funerário foi realizada por algum(s) grupo(s) que tinha conhecimento de sua destinação às atividades funerárias e prezou por manter as covas a uma distância de 1m quase exatos.

4.2.2.3 Espaço funerário 03

O espaço funerário 03 abrange as quadrículas 47 e 48 e compreende apenas o enterramento 09 (FIGURA 63). No caso deste espaço funerário, o fato de ele compreender apenas o enterramento 09 não permitiu fazer muitas inferências sobre o seu agenciamento. Um fato observado é que apesar de estar notoriamente segregado das inumações dos espaços 01 e 02, este enterramento apresentou práticas funerárias similares aquelas dispensadas aos demais enterramentos infantis evidenciados no sítio no que se refere à estrutura funerária (tipo e limites), ao tratamento funerário (tipo e tratamento pictórico) e, sobretudo, à utilização de uma urna funerária que compartilha aspectos técnicos e morfológicos com outras urnas dos enterramentos infantis.



FIGURA 63: Posicionamento do enterramento 09 no espaço funerário. Foto: Ledja Leite.

4.2.2.4 Discussão dos resultados

Na análise da distribuição crono-espacial, a segregação dos espaços funerários 01, 02 e 03 foi feita como forma de facilitar o estudo do espaço funerário do sítio como um todo. Através desta segregação foi possível perceber que os enterramentos não foram dispostos de forma aleatória no espaço interno do sítio. Ao contrário, os seus posicionamentos espaciais parecem ter sido previamente determinados e, na maioria das vezes, as suas distâncias foram pontualmente mensuradas.

Quanto à distribuição cronológica, a escassez de datações absolutas para os enterramentos impediu de determinar a efetiva ordem de utilização do sítio, bem como observar a contemporaneidade entre os enterramentos. De todo modo, aproveitando as datações existentes, foi possível observar que a utilização do espaço funerário 02 precedeu à utilização ao espaço funerário 03. Ao mesmo tempo, parece ter havido uma relativa contemporaneidade na utilização destes espaços, na medida em que a datação

para o enterramento 07 (espaço funerário 02) é de 240 +/- 50 anos BP e para o enterramento 09 (espaço funerário 03) é de 230 +/- 50 anos BP.

Considerando as datações disponíveis, é possível discutir a possibilidade de que o sítio como um todo tenha sido utilizado no sentido da área mais abrigada para a menos abrigada (FIGURA 64). Segundo essa perspectiva, o espaço funerário 01 teria sido o primeiro a ser utilizado, seguido pelos espaços funerário 02 e 03, respectivamente. Mas, naturalmente, esta é uma possibilidade que só poderá ser confirmada com a realização de datações absolutas para todos os enterramentos.

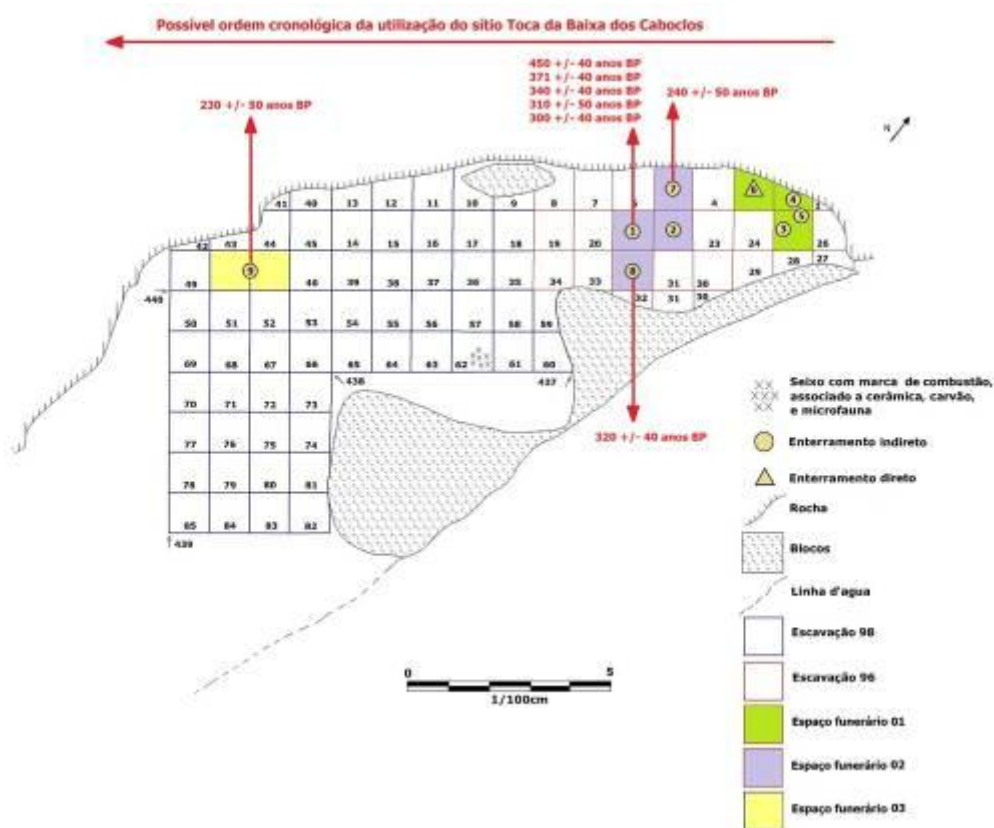


FIGURA 64: Possível ordem cronológica de utilização do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Fonte: Adaptado do banco de dados FUMDHAM.

Ao associar a distribuição espacial dos enterramentos aos perfis das unidades funerárias, foi possível perceber que as similaridades entre as práticas fúnebres dispensadas a estes enterramentos não estão circunscritas apenas aos seus respectivos espaços funerários. De modo contrário, tais similaridades parecem suplantar os espaços

01, 02 e 03, mostrando-se notórias entre enterramentos compreendidos em espaços funerários distintos.

Desse modo, associando as pontuações feitas nos dois parágrafos acima, é possível inferir que se os espaços funerários 01, 02 e 03 foram realmente utilizados em momentos cronológicos distintos, este distanciamento cronológico não implicou em interferências significativas nas práticas funerárias. Em outras palavras, ao que parece, tais práticas funerárias mantiveram-se, com o decorrer do tempo, relativamente uniformes.

Considerando o que foi discutido, pode-se dizer que o ordenamento espacial dos enterramentos na área interna do abrigo atrelado às cronologias disponíveis, sugere que a utilização do sítio como espaço funerário deve ter se dado em um período cronológico aproximado. Associando estas pontuações ao que foi observado com a análise quantitativa dos perfis das unidades funerárias, pode-se inferir que o(s) grupo(s) que utilizou a Toca da Baixa dos Caboclos como local para realização de suas manifestações fúnebres não apenas dispensou práticas funerárias homogêneas aos seus enterramentos, como também manteve uma preocupação com o agenciamento de tais enterramentos no espaço funerário do sítio.

4.3 O Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos

Conforme discutido desde o início deste trabalho, esta pesquisa propôs reconstituir o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos como forma de estudar as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos nele evidenciados. Inserido em uma escala micro-analítica, este trabalho realizou um denso estudo de todos os documentos – primários e secundários – que poderiam fornecer informações não apenas sobre as práticas funerárias, mas sobre a própria utilização deste sítio enquanto espaço funerário. Em um segundo momento, a análise quantitativa das práticas funerárias dispensadas aos enterramentos estudados, associada ao modo como elas estavam distribuídas nas dimensões cronológica e espacial; forneceu conjunto de informações sobre as atividades fúnebres daqueles que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos como local para enterramento de seus mortos.

Ao final deste trabalho, as informações levantadas - apresentadas e discutidas ao longo dos itens 4.1 e 4.2 deste capítulo – compõem Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, caracterizado por:

1. Utilização do sítio como espaço destinado apenas às atividades funerárias, além, naturalmente, daquelas relacionadas aos grafismos rupestres;
2. Utilização do sítio como local destinado a realização de enterramentos infantis e adultos - a princípio - apenas do sexo masculino;
3. Pré-determinação dos espaços utilizados para deposição dos enterramentos, com mensuração da distância entre as sepulturas;
4. Preparação efetiva de cavidades - no sedimento ou na rocha - para deposição dos enterramentos;
5. Destinação de cavidades no sedimento a enterramentos infantis e adultos;
6. Destinação de cavidades na rocha a enterramentos infantis e adultos;
7. Não demarcação dos limites das estruturas funerárias com nenhum material;
8. Realização de enterramentos indiretos, destinados a crianças e adultos;
9. Realização de enterramentos diretos, a princípio, destinados somente aos adultos;
10. Realização enterramentos primários, destinados a crianças e adultos;
11. Não padronização das posições e decúbitos, em todos os enterramentos;
12. Não utilização de pigmentos à base de Óxido de Ferro nos enterramentos, tampouco sob forma de fragmentos sólidos utilizados como acompanhamento funerário;
13. Reaproveitamento de recipientes utilizados em atividades anteriores, relacionadas ao fogo, como vasilhames contenedores das urnas funerárias;
14. Não reaproveitamento de recipientes utilizados em atividades anteriores, ou ao menos não naquelas relacionadas ao fogo, como opérculos das urnas funerárias;
15. Acomodação imediata dos cadáveres nas urnas funerárias, logo após a morte dos indivíduos;
16. Utilização, nos enterramentos infantis, de urnas funerárias com dimensões proporcionais ao porte dos indivíduos;

17. Utilização, em enterramentos infantis e adultos, de urnas funerárias com decorações que variam segundo a faixa etária dos indivíduos;
18. Utilização de acompanhamentos funerários segundo categorias de idade e sexo;
19. Não realização de fogueiras nos níveis contíguos ou superiores aos enterramentos;

Conforme mencionado acima, a totalidade de práticas funerárias identificadas no sítio Toca da Baixa dos Caboclos circunscrevem o perfil funerário deste sítio. Considerando que o sítio estudado nesta pesquisa está circundado por outros com evidências de enterramentos pré-históricos, e que há entre eles uma relativa proximidade – cronológica e espacial – não seria surpreendente a constatação de que alguns deles compartilhem de práticas funerárias similares. Contudo, diante da incipiência das pesquisas sobre os sítios com evidências de práticas funerárias do sudeste do Piauí, ainda não é possível estabelecer correlações seguras entre eles. Mesmo assim, a partir dos estudos existentes, foi possível estabelecer um esboço geral entre as práticas funerárias presentes/ausentes na Toca da Baixa dos Caboclos e aquelas constatadas nos demais sítios arqueológicos.

Em primeira instância, a própria reutilização do mesmo sítio como espaço funerário é uma recorrência no sudeste do Piauí: dentre os quatorze sítios que apresentam evidências de práticas funerárias, apenas o sítio Toca dos Coqueiros foi utilizado uma única vez. Em todos os outros, a quantidade de sepultamentos evidenciados – que variam entre 02 e 24 – apontam para esta tendência em se reutilizar determinados locais como espaços funerários. De modo semelhante, observa-se uma tendência em destinar estes espaços a enterramento infantis e adultos: com exceção dos sítios Canabrava e São Braz, em que foram evidenciados apenas enterramentos infantis, todos os outros foram utilizados para inumar crianças e adultos, de ambos os sexos.

Outra questão que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos compartilha com demais sítios do sudeste do Piauí é o fato que ele parece ter sido utilizado apenas como local destinado às atividades funerárias, além daquelas relacionadas à execução de grafismos rupestres. Até o momento, na região estudada, as evidências apontam para ocupações prolongadas apenas em sítios a céu-aberto, correspondentes as aldeias. Convém ressaltar

que mesmo sítios deste tipo comportam evidências de práticas funerárias pré-históricas, demonstradas pelos enterramentos encontrados nos sítios Canabrava e São Braz.

No sítio Toca da Baixa dos Caboclos, observou-se que a distribuição dos enterramentos no espaço interno do sítio parece ter sido previamente determinada, havendo por vezes a mensuração das distâncias entre as sepulturas. Observação semelhante foi feita com relação ao sítio Toca do Gongo I, cujos seus seis enterramentos foram dispostos de forma linear na entrada do abrigo, com eqüidistâncias aproximadas (FIGURA 65). Este fato é um forte indicativo de que estes sítios foram reutilizados por grupos culturais que não apenas conheciam o modo como tais espaços deveriam ser ordenados, mas também que prezaram por manter este ordenamento.



FIGURA 65: No sítio Toca do Gongo I os enterramentos foram dispostos de forma linear na abertura do abrigo. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Outra questão que chama atenção quando se relaciona o sítio estudado aos demais evidenciados no sudeste do Piauí é o fato de ele reunir enterramentos diretos e indiretos (FIGURA 66). Até o momento, esta é uma prática comum apenas à Toca da Baixa dos Caboclos, a Toca do Serrote do Tenente Luís e Toca do Gongo I. Nos demais sítios da

área estudada, observa-se um contraste entre a os enterramentos diretos, evidenciados sempre nos abrigos-sob-rocha; e os enterramentos indiretos, evidenciados sempre nos sítios a céu-aberto.



FIGURA 66: A Toca do Serrote do Tenente Luís está entre os três sítios do sudeste do Piauí que comportam enterramentos diretos e indiretos. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Um fato pertinente é que este contraste parece estar relacionado ao distanciamento cronológico observado entre os enterramentos destes sítios: enquanto os enterramentos evidenciados nos abrigos situam-se em uma faixa cronológica que se estende de 9870 ± 50 à 7000 ± 100 anos BP; aqueles evidenciados nas aldeias variam entre 880 ± 50 à 490 ± 50 anos BP (TABELA 22). Dentro desta perspectiva, anteriormente à instalação da ocupação ceramista na região, os abrigos-sob-rocha pareciam ser os locais destinados à realização de práticas funerárias. Desse modo, pode-se dizer que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos, bem como a Toca do Serrote do Tenente Luís e Toca do Gongo I compartilham entre si o fato de que foram mantidos como espaços funerários mesmo quando os sítios a céu-aberto passaram a ser utilizados como local destinado às práticas fúnebres. É possível que esta manutenção esteja relacionada aquilo que já foi discutido nesta pesquisa acerca do significativo papel que os espaços

funerários exercem enquanto local de reprodução de atividades cosmológicas e, por este motivo, tendam a ser mantidos pelos grupos culturais.

Sítio	Tipo sítio	Tipo	Datação (anos BP)	Material
Toca dos Coqueiros	Abrigo-sob-rocha	Direto	9870 ± 50 10.640 ± 80	Carvão esqueleto Piolho
Toca do Paraguaio	Abrigo-sob-rocha	Direto	8670 ± 120 7000 ± 100	Carvão nível ent. 02 Carvão nível ent. 01
Toca do Gongo I	Abrigo-sob-rocha	Direto e indireto	2090 ± 110	Carvão nível ent. 04
Toca do Arapuá do Gongo	Abrigo-sob-rocha	Direto	--	--
Toca do Mel	Abrigo-sob-rocha	Direto	--	--
Toca do Serrote da Bastiana	Abrigo-sob-rocha	Direto	--	--
Toca do Barrigudo	Abrigo-sob-rocha	Direto	--	--
Toca da Santa	Abrigo-sob-rocha	Direto	--	--
Toca dos Crentes do Adão	Abrigo-sob-rocha	Direto	--	--
Toca de Cima dos Pilão	Abrigo-sob-rocha	Direto	2290 ± 60	Carvão nível ent. 01
Toca do Serrote do Tenente Luís	Abrigo-sob-rocha	Direto e Indireto	920 ± 35 935 ± 40 365 ± 40	Carvão nível ent. direto Carvão nível ent. direto Carvão interior urna
Toca da Baixa dos Caboclos	Abrigo-sob-rocha	Direto e indireto	450 ± 40 371 ± 40 340 ± 40 320 ± 40 310 ± 40 300 ± 40 240 ± 50 230 ± 50	Carvão enterramento 01 Pele enterramento 01 Cabelo enterramento 01 Osso enterramento 08 Pele enterramento 01 Osso enterramento 01 Osso enterramento 07 Pele enterramento 09
São Braz	Céu-aberto	Indireto	880 ± 50	Carvão urna
Canabrava	Céu-aberto	Indireto	790 ± 50 490 ± 50	Carvão interior urna 10 Carvão nível urna 02

TABELA 22: Datações disponíveis para os enterramentos/sítios do sudeste do Piauí. Fonte: Acervo da FUMDHAM.

No que concerne as estruturas funerárias, a efetiva preparação de cavidades para deposição dos enterramentos é algo que predomina não apenas entre os enterramentos da Toca da Baixa dos Caboclos, mas em praticamente todos do sudeste do Piauí. Nesta região, com exceção do sepultamento evidenciado no sítio Toca dos Coqueiros - cujo cadáver foi apenas recoberto por lajes de arenito - todos os demais foram acomodados

em cavidades intencionalmente escavadas. Ao mesmo tempo, a preparação de cavidades escavadas na própria rocha é algo que mostra-se à Toca da Baixa dos Caboclos, não tendo sido registrada em nenhum outro sítio.

Quanto à demarcação dos limites destas estruturas funerárias, ela mostrou-se ausente entre os enterramentos da Toca da Baixa dos Caboclos, embora tenha sido observada em outros abrigos-sob-rocha. No sítio Toca do Paraguaio, por exemplo, os limites da cova de um enterramento adulto primário estavam demarcados com seixos de tamanhos diversos (FIGURA 67). De modo semelhante, alguns enterramentos evidenciados em sítios da área cárstica, como a Toca da Bastiana ou Toca do Barrigudo, tiveram suas estruturas funerárias delimitadas ou protegidas por blocos de calcário. Ao que parece, a demarcação dos limites das estruturas funerárias é uma prática reservada aos enterramentos diretos.

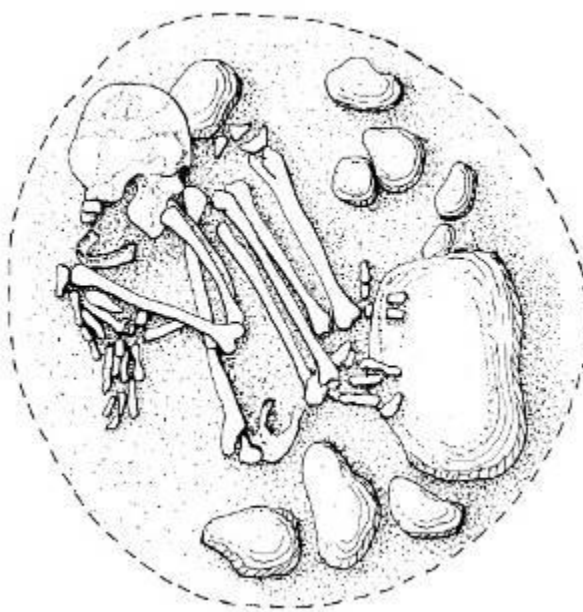


FIGURA 67: A estrutura funerária de um enterramento do sítio Toca do Paraguaio teve seus limites demarcados com seixos. Fonte: CISNEIROS, 2003.

Outra prática constatada na Toca da Baixa dos Caboclos que é freqüente entre os enterramentos do sudeste do Piauí, é a inumação de crianças - principalmente lactentes - de modo primário e indireto, em urnas funerárias (FIGURA 68). Por sua vez, a prática de enterrar indiretamente os indivíduos adultos foi observada em apenas três sítios além da Toca da Baixa dos Caboclos: a Toca do Serrote do Tenente Luís, São Braz e Toca do Gongo

I. Enquanto os enterramentos adultos indiretos evidenciados na Toca do Serrote do Tenente Luís correspondiam a inumações secundárias, aqueles evidenciados no sítio São Braz e a Toca do Gongo I eram do tipo primário. No sítio São Braz, o único enterramento deste tipo estava em uma urna funerária com proporções suficientes para acomodar um enterramento adulto primário. Já no sítio Toca do Gongo I, foi registrado o mesmo que na Toca da Baixa dos Caboclos: a utilização de vasilhames com diâmetro de boca relativamente desproporcionais ao porte de indivíduos adultos, sugerindo que sua acomodação nas urnas deve ter se dado nos momentos imediatamente posteriores à morte. No caso destes dois sítios, fibras vegetais encontradas no contexto destes enterramentos apontam também que os cadáveres deveriam ser fortemente amarrados antes de serem incumbidos nos vasilhames.



FIGURA 68: Enterramentos infantis primários e indiretos são freqüentes no sudeste do Piauí. À esquerda, um enterramento evidenciado no sítio Canabrava; à direita, um evidenciado em São Braz. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Assim, no sudeste do Piauí a prática dos enterramentos diretos tem sido constatada, sobretudo, entre os enterramentos adultos. Um fato observado é que tais enterramentos aparecem acomodados em posições e decúbitos diversos, inclusive entre enterramentos de um mesmo sítio e de indivíduos de mesmo sexo e faixa etária (FIGURA 69). Esta, aliás, foi uma das recorrências identificadas entre os enterramentos da Toca da Baixa dos Caboclos, em que todos os enterramentos foram acomodados em posições e decúbitos particulares, não relacionados à idade e sexo dos indivíduos.



FIGURA 69: No sudeste do Piauí os enterramentos adultos diretos aparecem em posições e decúbitos diversos. As fotos ilustram enterramentos de três adultos do sexo masculino evidenciados nos sítios Toca do Paraguaio (acima, à esquerda); Toca da Baixa dos Caboclos (acima à direita); e Toca do Serrote do Tenente Luís (ao lado). Fonte: Acervo imagético FUMDHAM.

Ainda com região aos tipos de enterramentos, uma prática comum na região estudada são as inumações secundárias. Embora esta prática não tenha sido efetivamente constatada na Toca da Baixa dos Caboclos, é possível que três enterramentos deste sítio, cujo tipo não foi determinado, fossem secundários. Um fato observado é que no sudeste do Piauí, tais enterramentos estão presentes principalmente nos sítios das áreas cársticas, sendo observados em crianças e adultos. Ao que parece, existe a tendência de arranjar os ossos do esqueleto em torno do crânio ou dispor os fêmures cruzados um sobre o outro (FIGURA 70).



FIGURA 70: É comum a presença de enterramentos secundários no sudeste do Piauí. A foto ilustra um enterramento do sítio Toca do Barrigudo (à direita) e um do sítio Toca de Cima dos Pilão (à esquerda). Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Com relação às urnas funerárias, observou-se que alguns dos vasilhames da Toca da Baixa dos Caboclos compartilham similaridades com algumas urnas evidenciadas no sítio Toca do Serrote do Tenente Luís. Tais similaridades referem-se principalmente as formas e tratamentos de superfície, e à própria tendência em associar opérculos com determinados tratamentos de superfície - geralmente o polido ou alisado - combinados a vasilhames contenedores com tratamento de superfície diferente, geralmente corrugado (FIGURA 71). Mais uma paridade entre as urnas destes sítios é o fato de que a maior parte de seus vasilhames contenedores apresenta sinais de fuligem, sugerindo que tenham sido utilizados em atividades anteriores. Esta observação, no entanto, não foi feita para os opérculos destas urnas que não apresentam sinais de fuligem e, portanto, não devem ter sido utilizados em atividades anteriores, podendo até mesmo terem sido produzidos especialmente para o ritual funerário.



FIGURA 71: As urnas da Toca da Baixa dos Caboclos (ao lado) e Toca do Serrote do Tenente Luís (acima e abaixo) apresentam similaridades entre as formas e os tratamentos de superfície dos vasilhames contenedores e opérculos. Fonte: Acervo Imagético da FUMDHAM.

No que concerne ao Óxido de Ferro, ele tem sido encontrado com frequência nos enterramentos pré-históricos do sudeste do Piauí, seja sob forma de um tratamento pictórico intencionalmente aplicado – direta ou indiretamente - sobre os ossos (FIGURA 72) ou sob forma de fragmentos sólidos utilizados como acompanhado funerário. Na Toca da Baixa dos Caboclos, a análise particular dos ossos de cada esqueleto demonstrou que a realização do tratamento pictórico não esteve presente entre as práticas funerárias dispensadas a estes enterramentos. Ao mesmo tempo, o Óxido de Ferro não foi utilizado nem mesmo sob forma de acompanhamento funerário. Dentro desta perspectiva, a ausência deste material no contexto funerário do sítio Toca da Baixa dos Caboclos mostra-se interessante na medida em que o Óxido de Ferro está presente na própria formação rochosa do abrigo e, mesmo diante desta disponibilidade, houve preferência pela sua não utilização.



FIGURA 72: A realização de tratamentos pictórico à base de Óxido de Ferro é uma prática comum no sudeste do Piauí, não constatada na Toca da Baixa dos Caboclos. A foto ilustra o fêmur de um enterramento do sítio Toca do Mel. Foto: Adolto Okuyama. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Com relação aos acompanhamentos funerários, a sua utilização em enterramentos infantis parece ser uma peculiaridade do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. A utilização em adultos, no entanto, aparece em consonância com aquilo que tem sido registrado em outros abrigos da região estudada. Os enterramentos com datações mais recuadas, entre 9000 e 7000 anos BP, quase sempre trazem consigo artefatos líticos, entre raspadores, lascas retocadas, polidores e pontas de flecha. Na Toca da Baixa dos Caboclos, dois artefatos líticos foram encontrados no contexto de enterramentos adultos: uma lasca e um alisador ou polidor, ambos em quartzito. Apesar da perturbação que estes enterramentos sofreram, é possível que tais artefatos tenham sido utilizados como acompanhamentos funerários.

Mais um tipo de artefato evidenciado entre os enterramentos da Toca da Baixa dos Caboclos são as fibras vegetais encontradas junto de indivíduos adultos do sexo masculino. A utilização de fibras vegetais como acompanhamento funerário também foi registrada por Maranca (1976) nos enterramentos evidenciados no sítio Toca do Gongo I. Neste sítio, é possível que, conforme mencionado anteriormente, tais fibras estivessem relacionadas à amarração do corpo dos indivíduos para posterior inserção nas urnas.

A realização de fogueiras nos níveis contíguos ou superiores aos enterramentos tem sido freqüentemente observada no sudeste do Piauí, em enterramentos infantis e adultos, primários e secundários, diretos e indiretos (FIGURA 73). No sítio Toca da Baixa dos Caboclos a ausência de cinzas, fragmentos de carvão ou estruturas de fogueira nas proximidades dos enterramentos, demonstra que esta não foi uma prática realizada pelo(s) grupo(s) que utilizaram este sítio, ao menos durante os rituais de inumação propriamente dita.



FIGURA 73: Os fragmentos de carvão e o sedimento acinzentado no entorno do enterramento da Toca do Gongo I sugere a realização de algum tipo de combustão. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

Considerando o que foi apresentado, pode-se dizer que o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos é composto por práticas funerárias que mostram-se peculiares a este sítio, como a preparação de cavidades escavadas na rocha do abrigo; e, ao mesmo tempo, genéricas a outros sítios do sudeste do Piauí, como a acomodação de crianças e adultos em urnas funerárias, a mensuração das distâncias entre as sepulturas, entre outras.

Naturalmente, as correlações estabelecidas entre as práticas funerárias dispensadas aos enterramentos da Toca da Baixa dos Caboclos e aos demais evidenciados na região estudada, forneceram informações que são ainda de caráter preliminar e provisório, visto a incipiência das pesquisas sobre este tema. Diante desta carência, esta pesquisa reforça a necessidade do desenvolvimento e aprofundamento de estudos sobre este tema, de modo que somente assim será possível observar as práticas funerárias realizadas em distintas unidades crono-espaciais que, de um modo geral, compõe o Perfil Funerário do Sudeste do Piauí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abrir caminho em veredas desconhecidas é ritmo de processo, de vir a ser. Daí que entendo, nesta situação, ser bastante difícil já concluir, fechando, encerrando. Não concluir como somando tomadas, ensaios, indecisões. Trabalhar por entre construir/desconstruir visando não o definitivo, mas o que é processo (REIS, 2004: 123).

Conforme apresentado anteriormente, o presente estudo abordou as práticas funerárias realizadas nos enterramentos evidenciados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Este trabalho partiu e ancorou-se, sobretudo, nas concepções de BINFORD (1971) de que os grupos culturais tendem a se manter conservadores em suas práticas funerárias, em função do papel que elas desempenham na manutenção e coesão da unidade social; e HALWBACHS (1990), de que os grupos tendem a manter seus espaços relacionados às atividades cosmológicas, uma vez que eles atuam como representantes materiais de tais atividades. A partir destas concepções, esta pesquisa propôs a hipótese de que manutenção do sítio Toca da Baixa dos Caboclos enquanto espaço funerário poderia apontar à manutenção das próprias práticas funerárias dispensadas aos enterramentos nele evidenciados. Dentro desta óptica, este trabalho objetivou estudar as práticas funerárias realizadas nos nove enterramentos evidenciados no referido sítio, buscando identificar recorrências que fornecessem subsídios para associá-las a uma autoria comum.

Buscando atingir o objetivo proposto e avaliar a hipótese admitida, esta pesquisa procedeu a uma metodologia ordenada e sistemática que permitiu reconstituir o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, a partir da reconstituição dos seus Perfis das Unidades Funerárias, apresentados no capítulo IV desta dissertação. Durante a aplicação desta metodologia e a construção deste trabalho, foram enfrentadas algumas situações limitantes que restringiram informações que se mostrariam pertinentes ao trabalho. Por vezes, tais limitações decorreram de fatores inerentes a própria ciência arqueológica, relacionados à conservação dos vestígios. Mas, ao mesmo tempo, foram observadas dificuldades resultantes de deficiências técnicas e metodológicas durante as

próprias atividades em campo e laboratório, como a ausência do registro de determinadas informações, a imprecisão de terminologias, entre outras. Dentro desta perspectiva, esta pesquisa reforça a necessidade de que os trabalhos relacionados às atividades funerárias devam proceder ao registro minucioso do contexto arqueológico, com utilização de protocolos e terminologias unificadas, descrições pormenorizadas, entre outros; como forma de garantir o aproveitamento potencial dos dados funerários.

Extraíndo estas limitações, a reconstituição do Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos mostrou-se pertinente na medida em que permitiu tecer considerações sobre as práticas funerárias dispensadas particularmente a cada enterramento e, ao mesmo tempo, entre todos os enterramentos estudados. Ao mesmo tempo, relacionando os Perfis das Unidades Funerárias à distribuição crono-espacial, foi possível fazer inferências acerca do agenciamento espacial dos enterramentos no espaço interno do sítio, levando em conta os seus momentos cronológicos.

Considerando o que foi apurado com o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos pode-se dizer que o problema levantado nesta pesquisa sobre a existência de recorrências entre práticas funerárias realizadas nos enterramentos deste sítio obteve, ao final deste trabalho, uma resposta afirmativa. De modo semelhante, a hipótese admitida de que a manutenção do sítio Toca da Baixa dos Caboclos enquanto espaço funerário poderia apontar à manutenção das próprias práticas funerárias dispensadas aos enterramentos nele evidenciados, também foi corroborada. Conforme demonstrou a análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias, é fato que existem similaridades e diferenças entre as práticas funerárias dispensadas a estes enterramentos e que elas recorrem entre si, sobretudo, quando são relacionadas aos elementos antropofísicos (sexo e idade) dos indivíduos. Além disso, a análise da distribuição espacial dos enterramentos demonstrou que o(s) grupo(s) que utilizou o sítio Toca da Baixa dos Caboclos como espaço funerário não apenas compartilhava práticas funerárias homogêneas, como também detinha um mesmo modo de ordenar o espaço funerário.

Infelizmente, a escassez de datações absolutas para os enterramentos deste sítio não permitiu determinar a efetiva ordem cronológica de utilização do abrigo, tampouco observar as contemporaneidades entre os enterramentos. De toda forma, as datações disponíveis demonstram que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos foi utilizado como espaço funerário em pelo menos dois momentos cronológicos distintos, com um intervalo

mínimo de 70 anos entre eles. Tomada em associação às recorrências supracitadas, esta proximidade cronológica abre espaço para discutir a possibilidade de que o referido sítio tenha sido utilizado pelos mesmos grupos culturais. Convém ressaltar que o termo aqui utilizado “mesmos grupos culturais” assume uma conotação de descendência e, sobretudo, de uma descendência que prezou pela manutenção não apenas de suas práticas funerárias, mas também do seu próprio espaço de realização, em acordo com o que foi admitido por BINFORD (1971) e HALBWACHS (1990).

Naturalmente, esta é uma hipótese que não pode ser validada levando em conta apenas as considerações levantadas neste trabalho. Para verificar esta questão faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que abordem principalmente os aspectos biológicos observáveis nos enterramentos, através de estudos de DNA, consangüinidade, entre outros. Somente desta forma, a partir de um enfoque inter e multidisciplinar que considere os aspectos biológicos, culturais e cronológicos, é que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos poderia ser apontado como o espaço funerário utilizado e mantido pelos mesmos grupos culturais.

Durante a construção deste trabalho, pôde-se perceber o quanto o sítio Toca da Baixa dos Caboclos ainda pode fornecer informações significantes à arqueologia pré-histórica de um modo geral. Um dos fatos interessantes observados neste sítio é o exímio estado de conservação da maior parte dos esqueletos que por vezes ainda conservam tecidos capilares, epiteliais e musculares. Tal conservação, por sua vez, abre espaço para a realização de estudos voltados à identificação de paleopatologias, paleodietas, consangüinidade, entre outros. Além disso, para compreender os processos atuantes na conservação destes materiais, naturalmente, far-se-ia necessário o aprofundamento de estudos que enfatizassem os aspectos micro-ambientais do sítio. Trabalhos deste tipo mostrar-se-iam pertinentes na medida em que, além de elucidar os fatores responsáveis pela conservação dos referidos vestígios, contribuiria na identificação de sítios arqueológicos detentores das mesmas propriedades conservadoras que, possivelmente, guardariam vestígios com estados de conservação similares.

Dentro do que foi apresentado, esta pesquisa mostra-se satisfeita por ter conseguido responder o problema levantado e alcançar os objetivos propostos. Ao reconstituir o Perfil Funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, este estudo espera ter fornecido uma contribuição ao conhecimento das práticas funerárias realizadas pelos

grupos pré-históricos que habitaram a região sudeste do Piauí. Ao mesmo tempo, este trabalho reforça a necessidade do desenvolvimento e aprofundamento dos estudos relacionados às práticas funerárias ampliados a um número máximo de sítios arqueológicos, de modo que somente assim tornar-se-á possível reconstituir, como um todo, o Perfil Funerário do Sudeste do Piauí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria José. **Civilização animal: a Etologia numa perspectiva evolutiva e antropológica**. Pelotas: USEB, 2006;

ARSUAGA, Juan Luis. **O colar de Neandertal**. São Paulo: Globo, 2005;

BAHN, Paul; RENFREW, Colin. **Arqueología: Teoría, Métodos y práctica**. Madrid: Akal, 1993;

BARBOSA, Márcia. Reconstituição espacial de um assentamento de pescadores-coletores-caçadores pré-históricos no Rio de Janeiro. **Pré-história da Terra Brasilis.Org.**: Maria Cristina Tenório. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000;

BECKER, Ítala. Formas de enterramentos e ritos funerários em populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, v. 8, n. 1, São Paulo, 1994;

BINFORD, Lewis. Mortuary practices: their study and their potential. In: BROWN, J. A. (Ed.). Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of the American Archaeology Society**, n.25, Issue as American Antiquity, 1971;

_____. **An archeological perspective**. New York: Seminar Press, 1972;

BROWN, James. Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of the American Archaeology Society**. n.25, Issue as American Antiquity, 1971;

CASTRO, Viviane. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário préhistórico no Nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Arqueologia)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009;

CAZENEUVE, Jean. **Sociologia do rito**. Buenos Aires: Editora Rés, 2004;

CHILDE, Vere Gordon. **A aurora da civilização européia**. Lisboa: Portugália Editora, 1957;

CISNEIROS, Daniela. **Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003;

COLLINS, Michael. Excavación y registro de restos físicos humanos. In: HESTER, Thomas; HEIZER, Robert; GRAHAM, John A. **Métodos de campo en arqueologia**. México: Fondo de cultura econômica, 1988;

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no Homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DE BRY, Theodore. **Americae Tertia**. Paris: Francofort, 1992 (Viagem de Hans Staden 1549-1555);

DUDAY, Henry. Archeologie funeraire et anthropologie. Application dès releves et de l'étude osteologiques a l'interpretation de quelques sepultures pré et protohistoriques Du midi de la France. **Cahiers d' Anthropologie**, n.1, Paris: 1978;

_____. La place de l'anthropologie dans l'étude des sépultures anciennes. **Cahiers d'anthropologie**, 1981;

_____. **Anthropologie physique et archeologie: méthodes d'étude de sepultures**. Editions Du CNRS, Paris, 1986;

DUDAY, Henry; SELLIER, Pascal. L'archéologie dès gestes funeraires et la taphonomie. **Les nouvelles de l'archéologie**, 1990;

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992;

EMPERAIRE, Laure. **La caatinga Du sud-est Du Piauí (Bresil): etude ethnobotanique**. Université Pierre et Marie Curie. Paris VI, Paris. Tese (Doutorado de terceiro ciclo);

GASPAR, Maria Dulce. Espaços, ritos funerários e identidades pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, v. 8. n. 2, São Paulo, 1994/95;

GUIDON, Niède. Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **Clio**, Recife, n. 05, p. 05-10, 1989. Série Arqueológica.

GUIDON, Niède; PARENTI, Fabio; OLIVEIRA, Claudia; VERGNE, Cleonice. Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil. **Clio**, Recife, v. 1, n.13, p. 187-192, 1998 (Série Arqueológica);

GUIDON, Niède; VERGNE, Cleonice; VIDAL, Irma. A. Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara. **Clio**, Recife, v. 1, n.13, p. 127-138, 1998 (Série Arqueológica);

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990;

HODDER, Ian. **Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture**. New studies in archaeology. New York: Cambridge University Press, 1982;

KESTERING, Celito. Um container de genes. In: **A hora da colheita**. Florianópolis, 2005;

LANGER, Jonnhi. Erfi: As práticas funerárias na Escandinávia Vinking e suas representações. **Brathair**, 5 (1), 114-127, 2005;

LA SALVIA, Eliany. **A reconstrução da paisagem da paleomicro bacia do Antônio e sua ocupação pelo homem no Pleistoceno**. Tese (Doutorado em Arqueologia)-Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2006;

LIMA, Jeanette. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. **Clio**, v.2, n.07, 1985 (Série arqueológica);

LUZ, Maria de Fátima. **O método de pré-escavação na pesquisa arqueológica. Análise de um caso: a Toca de Cima dos Pilão, Piauí**. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989;

MARANCA, Silvia. A Toca do Gongo I – Abrigo com sepultamentos no estado do Piauí. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 23, 1976;

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008;

MASSET, Claude. Le recrutement d'un ensemble funéraire. **Anthropologie, physique et archéologie: Méthodes d'Etude des Sépultures**. Ed. Henry Duday et Claude Masset, Editions du CNRS, Paris, 1986;

MAYS, Simon. **The archeology of human bones**. London: Routledge, 1998;

MELLO e ALVIM, Marília; FERREIRA, Fábio. Os esqueletos do abrigo Toca do Paraguaio, município de São Raimundo Nonato, Piauí. Estudo antropológico. **Cadernos de Pesquisa**, Teresina, n. 4, 1985 (Série Antropologia 03);

MONTARDO, Deise. **Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (Reflexões iniciais)**. Dissertação (Mestrado em História)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995;

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Portugal: Europa-América, 1988.

NAVARRO, Alexandre Guída. Sobre el concepto de espacio. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 2007;

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993;

OLIVEIRA, Ana Lúcia. **O sítio arqueológico Alcobaça, Buíque, Pernambuco: estudo das estruturas arqueológicas**. Tese (Doutorado em História)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000;

OLIVEIRA, Cláudia Alves. **A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta**. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990;

_____. **Estilos tecno-tipológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí – Brasil**. Tese (Doutorado em Arqueologia)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Os Grupos Ceramistas Pré-Históricos do Sudeste do Piauí: Estilos e Técnicas. **FUMDHAMentos**, São Raimundo Nonato, PI, v. 1, n. 3, p. 57-122, 2003.

O'SHEA J. **Mortuary variability: na archaeological investigation**. Orlando Academic Press, 1984;

PEIRANO, Mariza. **A análise antropológica de rituais**. Brasília, 2000. (Antropológica, 270) Disponível em:

< <http://www.unb.br/ics/dan/Serie270empdf.pdf> > Acesso em: agosto de 2010.

PESSIS, Anne-Marie. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. **Clio**, v.1, n.08, 1992 (Série arqueológica);

PEYRE, Evelyne. Restos ósseos da Toca do Gordo do Garrincho, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **Fumdhamentos**, São Raimundo Nonato (PI), v. 1, n.1, 1996;

PY-DANIEL, Anne Rapp. **Arqueologia da morte no sítio Hatahara durante a fase Paredão**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)- Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009;

RAMOS, Ana Catarina. **O sítio pré-histórico rupestre Pedra do Alexandre em Carnaúba dos Dantas, RN: Estudo dos pigmentos**. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995;

REIS, José Alberione. Não pensa muito que dói - um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. **Revista de Arqueologia**, Sociedade de Arqueologia Brasileira, n.17. São Paulo: SAB, 2004.

RIBEIRO, Berta. Introdução: a linguagem simbólica da cultura material. **Suma etnológica brasileira**. Tecnologia indígena. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987;

RIBEIRO, Marily. **Uma abordagem historiográfica da Arqueologia das práticas mortuárias**. Dissertação (Mestrado em História)-Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002;

RODRIGUES, José. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983;

RUFFIÉ, Jacques. **O sexo e a morte**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986;

SANTOS, Janaína. **O Quaternário do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno, Piauí, Brasil: Morfoestratigrafia, Sedimentologia, Geocronologia e Paleoambientes**. Tese (Doutorado em Geociências)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SAXE, Arthur. **Social dimensions of mortuary practices**. Tese (PhD)-University of Michigan: Ann Arbor, 1970;

SENE, Glaucia. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais.** Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007;

SILVA, Sérgio Francisco. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios préhistóricos do litoral do estado de São Paulo.** Tese (Doutorado em Arqueologia)-Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005;

SOUZA, Sheila; VIDAL, Irma; OLIVEIRA, Cláudia; VERGNE, Cleonice. Mumificação natural na Toca da Baixa dos Caboclos, sudeste do Piauí: uma interpretação integrada dos dados. **Canindé**, Aracaju, n. 2, 2002;

TAINTER, Joseph A. Mortuary practices and their study of prehistoric society. In: SCHIFFER, M. B. **Advances in Archaeological Method and Theory**, 1, 1978;

THOMAS, Luis-Vincent. **Antropologia de la muerte.** Traducción de Marcos Lara. México: Fondo de Cultura Econômica, 1993;

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico.** São Paulo: Odysseus Editora, 2004;

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem.** Petrópolis: Vozes, 1978;

VERGNE, Cleonice. Os rituais funerários dos cemitérios D e C – Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Área Arqueológica de Xingó, Sergipe. **Revista Canindé**, nº. 05, Junho/2005;

ANEXO 01: Relação entre os elementos antropofísicos e sepulcrais dos enterramentos do sítio
Toca da Baixa dos Caboclos (Seção Estrutura funerária).

227

Unidade Funerária	ELEMENTOS ANTROPOFÍSICOS		ELEMENTOS SEPULCRAIS					
	Faixa etária (idade)	Sexo	Estrutura funerária					
			Tipo	Forma	Limites	Dimensões (cm)		
						C*	L*	P*
01	Não –lactente (+/- 3 anos)	ND	Cavidade no sedimento	ND	Ausente	ND	ND	ND
02	Lactente (< ½ anos)	ND	Cavidade no sedimento	ND	Ausente	ND	ND	ND
03	Lactente (< 2 anos)	ND	Cavidade na rocha	ND	Ausente	ND	ND	27
04	Adulto (ND)	ND	Cavidade na rocha	ND	Ausente	ND	ND	23
05	Adulto (ND)	ND	Cavidade na rocha	ND	Ausente	ND	ND	23
06	Adulto (25-30 anos)	Masculino	Cavidade na rocha	Oval	Ausente	80	70	38
07	Adulto (20-22 anos)	Masculino	Cavidade no sedimento	ND	Ausente	ND	ND	ND
08	Não-lactente (4 anos)	ND	Cavidade no sedimento	ND	Ausente	ND	ND	ND
09	Lactente (ND)	ND	Cavidade no sedimento	ND	Ausente	ND	ND	ND

(*) Refere-se a: C = Comprimento; L = Largura; P = Profundidade.

ANEXO 01: Relação entre os elementos antropofísicos e sepulcrais dos enterramentos do sítio
Toca da Baixa dos Caboclos (Seção Tratamento funerário).

228

Unidade Funerária	ELEMENTOS ANTROPOFÍSICOS		ELEMENTOS SEPULCRAIS				
	Faixa etária (idade)	Sexo	Tratamento Funerário				
			Tipo	Posição	Decúbito	Orientação	Óxido de Ferro (tratamento pictórico)
1	Não –lactente (+/- 3 anos)	ND	Indireto/Primário	Fetal	Lateral esquerdo	ND	Ausente
2	Lactente (< ½ anos)	ND	Indireto/Primário	Pernas fletidas, braços estendidos	Dorsal	ND	Ausente
3	Lactente (< 2 anos)	ND	Indireto/ND	ND	ND	ND	Ausente
4	Adulto (ND)	ND	Indireto/ND	ND	ND	ND	Ausente
5	Adulto (ND)	ND	Indireto/ND	ND	ND	ND	Ausente
6	Adulto (25-30 anos)	Masculino	Direto/Primário	Fetal	Lateral direito	ND	Ausente
7	Adulto (20-22 anos)	Masculino	Indireto/Primário	Sentado	Dorsal	ND	Ausente
8	Não-lactente (4 anos)	ND	ND/Primário	ND	ND	ND	Ausente
9	Lactente (ND)	ND	Indireto/Primário	Fletido	Lateral direito	ND	Ausente

ANEXO 01: Relação entre os elementos antropofísicos e sepulcrais dos enterramentos do sítio
Toca da Baixa dos Caboclos (Seção Acompanhamento funerário).

Unidade Funerária	ELEMENTOS ANTROPOFÍSICOS		ELEMENTOS SEPULCRAIS		
	Faixa etária (idade)	Sexo	Acompanhamento funerário		
			Artefatos	Ecofatos	Combustão
1	Não –lactente (+/- 3 anos)	ND	Não encontrado	Não encontrado	Ausente
2	Lactente (< ½ anos)	ND	Não encontrado	Graveto de madeira	Ausente
3	Lactente (< 2 anos)	ND	Não encontrado	Não encontrado	Ausente
4	Adulto (ND)	ND	Fragmentos cerâmicos	Não encontrado	Ausente
5	Adulto (ND)	ND	Fragmentos cerâmicos	Não encontrado	Ausente
6	Adulto (25-30 anos)	Masculino	Fibras vegetais	Não encontrado	Ausente
7	Adulto (20-22 anos)	Masculino	Fibras vegetais	Não encontrado	Ausente
8	Não-lactente (4 anos)	ND	Não encontrado	Não encontrado	Ausente
9	Lactente (ND)	ND	Arco com setas	Não encontrado	Ausente

ANEXO 02: Aspectos técnicos e morfológicos das urnas funerárias.

Urna	Faixa etária	Sexo	Composição		Superfície		Pasta	Fuligem	Forma	Dimensões (cm)		
			C*	OP*	TSE*	TSI*				DB*	DM*	AM*
1	Não-lactente (+/- 3 anos)	ND	Sim		Alisado	Alisado	Areia média	Sim	Elipsóide horizontal	ND	45	30
				Sim	Alisado e brunido	Alisado e brunido	Areia grossa	Não	Oval 02	48	ND	ND
2	Lactente (< 1/2 anos)	ND	Sim		Corrugado	Alisado	Areia fina	Sim	Oval invertida	20	40	30
				Sim	Polido e brunido	Polido, brunido, pintado	Areia fina	Não	Oval 02	20	20	ND
3	Lactente (< 2 anos)	ND	Sim		Corrugado	Alisado	Areia fina	Sim	Oval 02	24	26	27
				Sim	Polido e brunido	Polido, brunido, pintado	Areia fina	Não	ND	ND	ND	ND
4	Adulto (ND)	ND	Sim		Corrugado	Alisado	Areia média	Sim	ND	28	43	ND
				ND	--	--	--	--	--	--	--	--
5	Adulto (ND)	ND	Sim		Corrugado	Alisado	Areia média	Sim	ND	ND	ND	ND
				ND	--	--	--	--	--	--	--	--
7	Adulto (20-22 anos)	Masc.	Sim		Corrugado	Alisado	Areia grossa	Sim	Oval invertida	27	42	ND
				Sim	Alisado	Alisado	Areia média	Não	Oval 02	48	50	ND

8	Não-lactente (+/- 4 anos)	ND	ND**		Alisado e pintado	Alisado	Areia média	Sim	Oval 02	50	ND	ND
				ND	--	--	--	--	--	--	--	--
9	Lactente (ND)	ND	Sim		Polido e brunido	Polido, brunido, pintado	Areia fina	Não	Oval 02	30	32	28
				Não	--	--	--	--	--	--	--	--

(*) Refere-se a: C = Contendor; OP = Opérculo; TSE = Tratamento de superfície externa; TSI = Tratamento de superfície interna; DB = Diâmetro da boca; DM = Diâmetro máximo; AM = Altura máxima.

(**) As informações apresentadas referem-se ao vasilhame encontrado no contexto deste enterramento que, se constituísse uma urna funerária, corresponderia ao seu vasilhame contendor.

